

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Ana Paula Santos Horta

OS REIS DA CANASTRA:  
OS SENTIDOS DA DEVOÇÃO NAS FOLIAS

São Paulo  
2011

## RESUMO

Essa dissertação de mestrado é o resultado de pesquisa de campo realizada com grupos de Folias de Reis da região da Serra da Canastra, Minas Gerais, com enfoque principal na vivência religiosa dos sertanejos, nos seus rituais, narrativas e *performance* devocional. Neste trabalho, a documentação etnográfica, a discussão bibliográfica sobre o denominado catolicismo popular e a contextualização histórica articulam-se com a finalidade de compreender algumas facetas das relações entre os homens (devoto/folião) e divindades do catolicismo não institucionalizado. Por meio da devoção, os homens estabelecem com os santos um elo de reciprocidade em que o processo comunicacional passa muitas vezes pela linguagem do corpo. Assim, a *performance* ritual sacraliza o espaço cotidiano e atualiza o contato entre mundos distintos, de modo a promover a circulação não só de bens e de homens, durante os dias de Folia, como também de símbolos, concepções e memória coletiva.

Palavras-chave: Folia de Reis/Companhia de Reis; Etnografia; História das instituições religiosas; catolicismo; *performance*.

## **ABSTRACT**

This masters dissertation is the result of a field research conducted among groups of 'Folias de Reis' of the region of 'Serra da Canastra', in Minas Gerais State. The main focus was the religious experiences lived by its participants, their rituals, narratives and devotional performances. In this work, the ethnographic documentation, bibliographic discussion about the so-called popular catholicism and the historical contextualization were articulated to understand some features of the relation between men (participants) and the deities of a non institutionalized catholicism. By means of devotion, men often establish a reciprocity relation with the saints in which the communication process is done through body language. Thus, the ritual performance sacralizes the ordinary space and renews the connections between different worlds, and, by doing so, it promotes the circulation not only of goods and men but also of symbols, concepts and shared memories.

Key-words: Folia de Reis/Companhia de Reis; Ethnography; History of Religious Institutions; catholicism; performance.

## SUMÁRIO

<b>1 Apresentação</b> .....	12
<b>2 Introdução</b> .....	16
<b>3 A Terra de Santos Reis</b> .....	19
3.1 A paisagem, localização e formação histórica .....	19
3.2 Problemas ambientais .....	25
3.3 Economia .....	28
<b>4 De um dia de festa</b> .....	31
4.1 Minha embaixada chegou .....	44
4.2 A grande festa .....	65
<b>5 Religião e cultura: um diálogo polissêmico</b> .....	71
5.1 Enfoques teóricos .....	71
5.2 O denominado catolicismo popular: aspectos históricos .....	79
5.3 O tête-à-tête entre os homens e divindades .....	85
5.4 O boi ajoelhado: figura simbólica do imediatismo nas Folias de Reis .....	96
5.5 A lei dos outros e as leis da natureza .....	101
5.6 A festa, tempo e memória .....	106
<b>6 Referências Bibliográficas</b> .....	111

## 1 Apresentação

*Os Reis da Canastra* foi o título que escolhi em homenagem aos foliões das companhias de reis da Serra da Canastra, Minas Gerais. Artistas por vocação e foliões por devoção, eles iluminam o palco da vida cotidiana num espetáculo que tem sido uma forma de encantamento, mas também de conhecimento.

Como se sabe, os Três Reis Magos ou Três Reis do Oriente são personagens da narrativa cristã do nascimento de Jesus que, seguindo a Estrela do Oriente, foram visitar o Menino Deus. Embora no Evangelho de São Mateus (capítulo 2, versículo 1), não esteja escrito que eram reis, nem necessariamente três (diz-se “uns magos que ofereceram presentes a Jesus”), estes personagens foram ganhando nomes e fisionomias no decorrer da celebração da Epifania.

Os foliões incorporam, no sentido cênico do termo, os Três Reis do Oriente, Belquior ou Melquior, Baltazar e Gaspar e repetem a narrativa cristã da anunciação do nascimento de Jesus.

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que os magos vieram do oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos sua estrela no oriente e viemos adorá-lo (Mateus, 2:1-3)

Este fato bíblico inspira a realização de muitas festas populares pelo Brasil afora, como Reisado e as Folias de Reis. Meu trabalho concentra-se nas Folias de Reis de uma região bem específica e é uma tentativa de materializar intelectualmente meu apaixonado e antigo interesse pela Serra da Canastra. Fui lá pela primeira vez no carnaval de 1998 e, desde então, sou tomada por uma ideia fixa naquela região de paisagem exuberante e lugares ermos. Nos primeiros anos de descoberta, o que me atraía era a natureza selvagem, com as possibilidades que me oferecia de aventuras e êxtase comparado ao religioso. Minha mente encontrou ali uma quietude que nunca havia experimentado fora do transe místico e, meu corpo, a liberdade de sentir-se integrado à natureza.

Ao contrário do que deveria declarar, que me interessei pelas pessoas que ali vivem, fui eu quem despertou o interesse deles. Acampeí muitas vezes sozinha, ficando as férias inteiras desbravando as matas, os rios e as cachoeiras da Serra da Canastra. Passava pelo vilarejo de São José Barreiro, quase sempre de bicicleta, fazia uma pequena compra na mercearia, tomava umas “biritas” e seguia para as margens do “Velho Chico”, como chamamos carinhosamente o Rio São Francisco. Na oportunidade e a título de esclarecimento, peço ao leitor licença para continuar usando esta expressão durante meu texto.

As pessoas nativas ficavam curiosas e inventaram para mim apelidos que só descobri mais tarde, quando fiz amizades que até hoje tenho em grande consideração. Eu era a “muié onça”, a “namorada do rio” a “Aninha da bicicleta”. Virei personagem de muitas estórias, algumas reais, porém, não menos inusitadas.

Com o tempo e as idas cada vez mais frequentes fui interessando-me pelas pessoas. A princípio, vale lembrar, meu interesse estava focado em questões ambientais, nas ações do homem que podiam colocar em risco aquele paraíso ecológico que eu tanto amo. Assim, comecei a passar mais tempo no vilarejo e nas cidadezinhas, conversando com os líderes comunitários, com os mais idosos, com as professoras e com os donos de pousadas. Algumas vezes realizei com as crianças atividades de teatro, música, capoeira e pintura, ganhando o afeto delas. Foram elas, as crianças, que me levaram para dentro de suas casas, onde pude conhecer as mulheres e ganhar delas a confiança que precisava para, mais tarde, interessar-me por seus homens (os foliões da minha pesquisa). Estes relacionamentos nem sempre foram amenos e muitos conflitos surgiram em função do meu interesse em acompanhar de dentro as Folias de Reis, um agrupamento exclusivamente masculino.

Mas, o foco em Folias de Reis não iniciou lá, no meu convívio cada vez mais íntimo com as pessoas. Foi dentro da universidade, estimulada pelo saudoso professor, orientador e amigo Augustin Wernet, que percebi ter a faca e o queijo na mão para realizar uma interessante pesquisa na área de religiões. Em um de seus cursos de História das Instituições Eclesiásticas no Brasil, Augustin falou de “catolicismo popular” e deu como exemplo as Congadas e as Folias de Reis, manifestações festivas de cunho religioso que eu estava acostumada a ver, mas não a questionar.

Depois de algumas leituras e conversas acadêmicas, fui para a Canastra fazer perguntas aos foliões. Nossas conversas eram nas portas das casas, sem documentação ou metodologia. Um pai chamava o filho, outro gritava um amigo que por ali passava, mandavam chamar alguém que era folião antigo e a conversa virava reunião de camaradas alegres e falantes. Logo comecei a documentar aqueles encontros e foram surgindo convites para acompanhar as folias. Por várias vezes juntei-me aos foliões durante dias e noites, sendo praticamente “um” deles.

Entre os anos de 2004 e 2006 documentei por meio de fotografias, entrevistas em áudio e um CD de toadas, várias Folias de Reis realizadas durante o Ciclo de Natal (25 de dezembro a 6 de janeiro), além de outras feitas por pagamento de promessa que, por sua vez, podem sair em qualquer época do ano. Entre as Folias do Ciclo de Natal destaco as de Vargem Bonita/MG (2003/2004), São José do Barreiro/MG (2003/2004) e São Roque de

Minas/MG (2005/2006). Entre as Folias promesseiras, destaco duas jornadas que acompanhei integralmente na região do Vale da Babilônia, realizadas pela mesma Companhia e com insignificante variação de integrantes, uma no mês de junho e outra em julho de 2004, tendo a duração de aproximadamente uma semana cada. No Vão dos Cândidos, minha pesquisa foi menos intensa por tratar-se de localidade mais isolada, contudo tive acesso a um vasto acervo fotográfico e a informações relacionadas àquela Companhia. Em geral e também nas particularidades, não há diferenças consideráveis entre os grupos estudados, de modo que podemos pensar em uma relativa, mas significativa, homogeneidade entre as Folias de Reis da Serra da Canastra.

Na prática, experienciando de dentro uma Folia de Reis, é que as perguntas foram surgindo: por que um grupo de camponeses sai tocando seus instrumentos e cantando pelas estradas e ruas de bairros rurais ou de cidades pequenas, durante dias, interpretando a história dos Três Reis Magos? Como se tornam foliões? Qual o processo de aprendizagem? Quais são as regras do ritual? Por que um ou mais usa máscaras e passa a jornada toda despertando o riso das pessoas? Por que as pessoas participam de uma Companhia de Reis? Por que algumas pessoas choram ao receber a Companhia em casa, enquanto outras ficam de joelhos para segurar a “bandeira santa” e outras, ainda, enfeitam seus terreiros com símbolos e iniciais? O que é ser devoto de Santos Reis?

Meus companheiros de jornada respondiam sem explicações detalhadas, mas davam pistas que apareciam copiosamente nos discursos, mesmo tratando-se de Folias distintas e distantes, separadas por vales e montanhas que dificultam a comunicação cotidiana. E fui fazendo etnografia, mesmo sem saber o que era isso que fazia. Sempre com caderno de anotações e gravador, eu acompanhava os foliões em suas andanças, presenciando momentos de fé e de descontração.

Quando finalizei meu curso de graduação em História, a pesquisa estava praticamente toda feita, embora sem pretensão acadêmica. Augustin Wernet, testemunhando minha inquietação intelectual e meu envolvimento com o tema, aceitou ser meu orientador e ingressei no mestrado. O objetivo era desvendar alguns dos mistérios das Folias de Reis da Serra da Canastra, colaborando para o conhecimento deste universo simbólico e material tão diferente do contexto urbano em que vivemos. Infelizmente, não tivemos tempo de produzir nada juntos e meu primeiro orientador nem sequer leu um texto de minha lavra.

Nos últimos anos, em São Sebastião do Paraíso, publiquei alguns textos sobre Folias de Reis e Congadas no *Jornal do Sudoeste*, bissemanário de circulação regional onde atuei

como repórter e colunista. Futuramente, dando sequência aos meus estudos, poderei transformar alguns destes textos em artigos.

Gravamos um cd das canções entoadas pelos foliões durante seus giros. Mais adiante, no capítulo descritivo, citarei versos que ilustram o ritual de uma Folia de Reis. Esclareço que todos foram transcritos da gravação de campo e que tenho a permissão do capitão da Folia para anexar o cd ao meu texto.

Ainda que com algumas dificuldades e percalços próprios da vida, e também da morte, apresento hoje o resultado desta vivência humana e acadêmica.



## 2 Introdução

Trazida de Portugal para o Brasil, a Folia de Reis é ao mesmo tempo manifestação religiosa, devocional, e “folia”, no sentido de festa profana. Desde a Idade Média, as danças foram rechaçadas pelas autoridades eclesiásticas e, em 1208, o Concílio de Wurzburg considerou-as pecado grave e aos poucos as danças com motivações religiosas foram expulsas das igrejas, transferindo o cenário para outros recantos de culto popular. Saíram das igrejas e foram para as ruas, praças, beiras de cidade e para os campos.

Sendo uma dança portuguesa, a Folia de Reis foi introduzida no Brasil pelos primeiros jesuítas missionários, em seu trabalho de catequese. Com o objetivo de facilitar a evangelização, dada a dificuldade da língua, os colonizadores incorporaram os dramas, os cantos e as danças no ensino de catequese dos indígenas.

A Folia como dança “de fundo religioso, mais uma manifestação paralitúrgica que profana”, é mencionada por Manuel da Nóbrega em 1549. Carlos Rodrigues Brandão, em *Casa de Escola* (1984), investigou historicamente este tema. Segundo o autor, autos litúrgicos medievais representados, cantados e dançados no interior das igrejas foram levados à Península Ibérica e de lá vieram para o Brasil.

Autos populares piedosos eram então compostos de breves diálogos ingênuos, pastoris pequenos cantos que, perdidos mais tarde dos textos do teatro erudito, difundiram-se no meio do povo, tanto em Portugal quanto no Brasil. Serão a origem da memória do modo como se canta até hoje a Folia de Santos Reis? (BRANDÃO, 1984, p.21)

Mikhail Bakhtin, em “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento”, inspirado na obra de Rabelais, estuda os festejos cômicos e as obras verbais da cultura popular medieval, considerando-os expoentes da concepção de mundo e do valor estético da época. Bakhtin fala de marcador de tempo, mas também fala de crises, de renovação, de “segunda vida do povo” e de “abolição provisória de todas as hierarquias existentes”.

As festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades, em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem (BAKHTIN, 1999, p.08)

Para nortear esta introdução, recorreremos aos versos usados como epígrafe. Começamos pelo verso que ficou conhecido na voz de Tim Maia, e que enfatiza a faceta festiva da devoção a Santo Reis. Observa-se que na canção ele diz santo e não santos, o que sugere uma unicidade; os Três Reis são na verdade um, pois em hipótese alguma são devotados isolados ou agem separadamente. Uma devoção corresponde, assim, a um santo ou

a um conjunto deles, como é também o caso da devoção a Cosme e Damião. As pessoas falam “dia de Cosme Damião”, como se fosse nome e sobrenome, mas cognitivamente imaginam dois meninos distintos, o que é propiciado pela iconografia católica.

“Anda meio esquecido”, mas as Folias de Reis realizadas, sobretudo, por sitiantes, longe de serem apenas exemplos de manifestações culturais, são o espaço privilegiado onde a experiência religiosa é partilhada pelos homens, numa relação além de humana, pois presume a troca entre estes e as divindades – os três santos que, na devoção, são um só Santos Reis.

Lutando contra o esquecimento, este trabalho é um exercício de memória – não uma memória coletiva, nem pessoal, mas uma memória cúmplice entre pesquisadora e folião. A primeira parte é uma apresentação do local onde as pesquisas foram realizadas, a Serra da Canastra, em Minas Gerais. A segunda parte é uma documentação etnográfica das Folias de Reis, na qual a memória, as entrevistas, as toadas e as imagens reconstituem o universo simbólico e conceitual nativo.

A devoção a Santos Reis dá-se ao nível do corpo, dos sentidos do corpo e não apenas ao nível do espírito, do intelecto, da ideação. Nas andanças da Folia de Reis com a Bandeira, entendida como a materialização dos Santos, o corpo emerge como instrumento que deve ser moldado por meio de uma profusão de sentidos – estímulos visuais, auditivos, degustativos, táteis, olfativos e gustativos – para se relacionar diretamente, fisicamente até, com a santidade. É um ato de entrega, tanto da parte dos homens, quanto dos Santos. A intensidade das demonstrações de afeto dos foliões e devotos para com os Santos/Bandeira Santa é metaforizada na linguagem do corpo, na *performance* ritual ou devocional.

Algumas cenas são muito fortes em uma Folia de Reis e, se são encenadas, é por objetivarem impressionar ou distrair as pessoas, cada sentido em sua melhor hora, de acordo com o ritual. Pedir, receber e agradecer, em versos, é um ritual de Folias de Reis e é também o ritual do violeiro cego cantado por João do Vale. “Ele não tem a luz dos olhos, mas tem inspiração”, tem poesia, tem versos para oferecer em agradecimento à esmola lançada, que depois é tasteada, cheirada e até mordida. Podemos dizer que um dos sentidos sensoriais presentes em uma Folia de Reis é a fala? O poder do verso, da inspiração, é, de fato, notável na execução de uma embaixada de Companhia de Reis. Diria até que há três poderes: o poder da fé, o poder do fraco e o poder do verso, improvisado ou memorizado de ouvido pelos foliões, em uma dinâmica de transmissão de conhecimento específico e ritualizado.

A despeito de podermos atribuir, aos sentidos do corpo, a responsabilidade de imantar significados simbólicos e produção material em torno da Folia de Reis (refeições, bebida, Bandeira, doações em dinheiro, instrumentos musicais, vestimentas), existe também uma

vivência religiosa, experienciada pelos humanos por meio desses mesmos sentidos. É sabido que diferentes culturas tendem a reconhecer diferentes ordens sensoriais; atreladas entre si, elas são um laboratório de observação que possibilita apreender os sentidos culturais de uma determinada rede de relacionamentos e símbolos, tal qual a Folia de Reis.

Entrelaçando etnografia, contextualização histórica e pressupostos teóricos, desvelaremos alguns dos sentidos do ritual de devoção aos Três Reis Magos. Desembaraçar o emaranhado de símbolos e significados de uma Folia de Reis é o objetivo deste texto. Ambígua em muitos sentidos, Folia de Reis representa uma fronteira entre a vida cotidiana e a dramaturgia, entre o bem e mal, sendo caça e ao mesmo tempo caçador. “Dominante, não se desembaraça, ofegante, é dona do seu senhor”, à medida que, se ela existe em função dos Santos, a recíproca é verdadeira. Santos Reis andam de casa em casa, materializados em uma “bandeira santa” e têm a oportunidade de dar provas de poder imanente porque, em última instância, os foliões fazem a Folia de Reis. Neste sentido, Santos Reis lhes pertencem, tanto quanto eles acreditam pertencer aos Santos.

A terceira parte deste trabalho revela que, por meio das Folias de Reis, os homens vivenciam uma religiosidade que, embora esteticamente produzida e performaticamente conduzida, em relações sensoriais onde o que está em jogo é a imanência da presença física de divindades, sustenta a intimidade cotidiana entre as partes e promove um suposto equilíbrio social. Alimentada pelas necessidades cotidianas, mas também as alimentando por meio da circulação de dádivas materiais e simbólicas, a intimidade entre homens e os Três Reis do Oriente tem um caráter imediatista, premente, conforme poderemos constatar durante a leitura deste texto.

### 3 A Terra de Santos Reis

#### 3.1 A paisagem, localização e formação histórica

Antes da descrição de uma Folia de Reis, quando buscaremos entender alguns dos sentidos dos seus rituais, revelados sob a lente da experiência de devoção aos Três Reis Magos, vamos conhecer o lugar onde se engendra o drama estético observado. Uma terra que atrai viajantes e estudiosos desde os primeiros relatórios de expedições pelo interior do Brasil, em meados do século 19, até os dias atuais, a Serra da Canastra foi visitada pelos renomados Saint-Hilaire e Aziz Ab'Saber.

Com eles (re)descobrimos tratar-se de um lugar peculiar, inesquecível pela exuberante beleza novidadeira aos quais os olhos de viajante não se acostumam e, por vezes, assustador por revelar um mar extinto, erupções vulcânicas, separação de continentes – sinais do tempo.

Para se ter ideia de como é fascinante a paisagem ali, o leitor deve imaginar estar vendo em conjunto tudo o que a Natureza tem de mais encantador: um céu de um azul puríssimo, montanhas coroadas de rochas, uma cachoeira majestosa, águas de uma limpidez sem par, o verde cintilante das folhagens e, finalmente, as matas virgens, que exibem todos os tipos de vegetação tropical (SAINT-HILAIRE, 1975, p.105)

A Serra da Canastra é uma elevação com topo aplainado, exemplo de superfície de cimeira de altos planos, que está situada na parte Sudoeste do estado de Minas Gerais, entre os meridianos 46° 15' a 47° 00' a W.Gr. e os paralelos 20° 00' a 30° 30' de latitude sul. A origem do nome está, provavelmente, relacionada ao formato similar a um baú ou canastra que se exhibe ao ser avistado ao longe.

A cachoeira majestosa que encantou Saint-Hilaire é a Cascad'anta – primeira e maior queda do Rio Francisco. Ela é na verdade formada por cinco bonitas quedas, até despencar de uma altura de mais de 180 metros. Entre as cachoeiras mais altas do Brasil, a Cascad'anta forma grandes poços tanto na parte alta da Canastra, quanto na baixa, sendo sua queda principal um verdadeiro altar a céu aberto.

Segundo o geógrafo Aziz Ab'Saber<sup>1</sup>, a formação geomorfológica é interessante e a beleza é, de fato, diferenciada:

É interessante o fato da Serra da Canastra ter permanecido no divisor das águas de duas gigantescas bacias sedimentares e hidrográficas do Brasil, do São Francisco e do Paraná, através do Rio Grande. Provavelmente se formou antes da separação dos continentes, chamada de teoria da deriva continental. Serras como esta têm estrutura complexa, que são aplainadas em seu topo, e a elas se dá o nome de

---

<sup>1</sup> Em entrevista exclusiva concedida para a realização desta pesquisa (15.01.2003)

superfície de cimeira. Não há lugar mais bonito no Brasil para se observar uma superfície de cimeira legítima do que na Serra da Canastra. (Informação verbal)

Em 1972, foi criado o Parque Nacional da Serra da Canastra (ParNa Canastra) com uma área de 200 mil hectares, sob a administração e jurisdição do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal do Ministério da Agricultura (IBDF). Um dispositivo previa a exclusão de áreas “de alto valor agricultável” e o Ministério da Agricultura, por meio de seu órgão competente, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) foi autorizado a promover as desapropriações necessárias à execução do Decreto.

Em 1974, o Governo Federal declarou de interesse social, para fins de desapropriação, uma área de aproximadamente 106 mil hectares, incluída a área originalmente prevista para o ParNa Canastra. Da área decretada, apenas 71.525 hectares foram desapropriados em condições bastante opressoras, durante o governo de Ernesto Geisel.

Em 2006, o presidente Lula determinou a instituição do Grupo de Trabalho Interdisciplinar (GTI) – para proceder a estudos e propor medidas relativas à revisão dos limites do Parque. O Projeto de Lei 1448/07 altera os limites do Parque, com o objetivo de solucionar os conflitos na região. Muitos debates foram realizados, tanto em Brasília quanto nas comunidades de entorno do ParNa Canastra, e foi criada a Frente Popular em Defesa da Serra da Canastra, que propõe como prioridade a preservação do patrimônio ambiental, dos recursos naturais e minerais e do patrimônio cultural, com a garantia às populações locais de sua permanência nas áreas de origem, por meio da criação do mosaico de unidades de conservação, por meio do Projeto de Lei 1517/07 que cria a Área de Proteção Ambiental (APA). Os dois projetos de lei propõem uma área de 150.280 mil hectares de Unidade de Proteção Permanente para o Parque, bem maior que os 71.525 hectares atuais, e somando-se mais 47.516 hectares de APAs, totalizam uma área de 197.796 hectares. Desta forma, a área correspondente ao ParNa Canastra estaria de acordo com a proposta inicial de seu Plano de Manejo: 200 mil hectares. Abrange parte dos municípios de São Roque de Minas, Sacramento e Delfinópolis, com uma área aproximada de 73.000 hectares.



Figura 1: Localização em mapa político.  
Fonte: [serradacanastra.com.br](http://serradacanastra.com.br)

Os cinco grupos ritualísticos de Folias de Reis observados durante esta pesquisa atuam em localidades urbanas e rurais da região da Serra da Canastra, bem próximas ao Parque: nas cidades de São Roque de Minas e Vargem Bonita (Leste), o distrito de São José do Barreiro e o bairro rural do Vão dos Cândidos (Vale da Canastra) e região do Chapadão da Babilônia (Sul). Estas duas últimas paragens são de difícil acesso e os agrupamentos humanos, escassos.

Para o leitor ter uma ideia da localização, tomarei como base a cidade de São Roque de Minas, a 320 quilômetros de Belo Horizonte. O quadro abaixo<sup>2</sup> marca as distâncias em quilômetros entre São Roque e as principais cidades de origem dos visitantes ao Parque Nacional da Serra da Canastra.

Araraquara	390
Araxá	220
Belo Horizonte	320
Brasília	840
Campinas	440
Divinópolis	210
Formiga	130
Franca	200

Tabela 1: Quadro de Distâncias

Passos	145
Piumhi	60
Ribeirão Preto	310
Rio de Janeiro	670
Santos	600
São Paulo	530
Uberaba	350
Uberlândia	410

Fonte: [serradacanastra.com.br](http://serradacanastra.com.br)

<sup>2</sup> Distâncias aproximadas. Melhor caminho em vias asfaltadas, exceto nos trechos onde não há opção às estradas de terra.

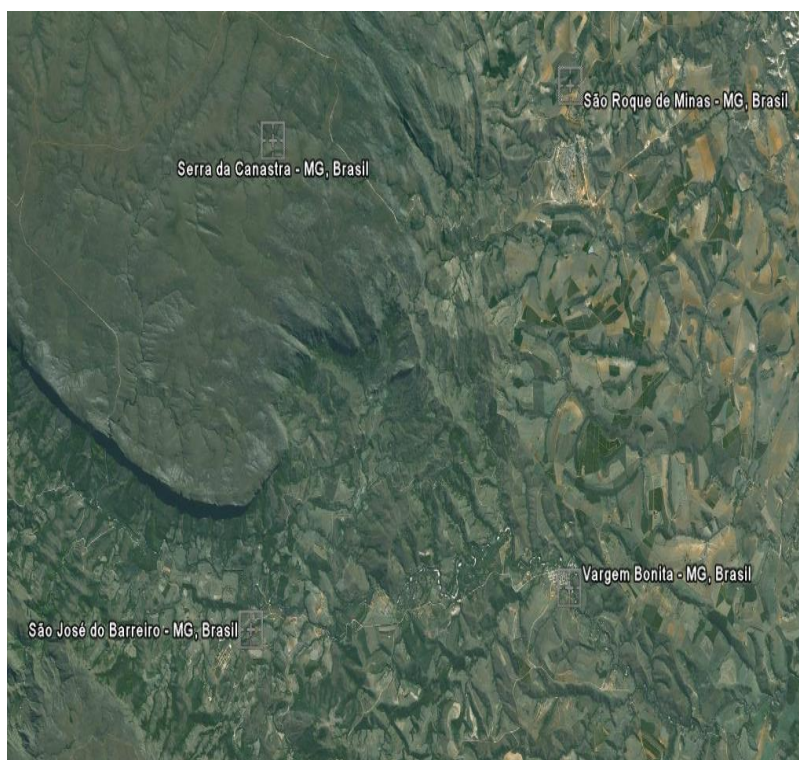


Figura 2: Localização. Visualização via satélite.  
Fonte: [earth.google.com](http://earth.google.com).

Entre os locais mencionados, São Roque de Minas é a cidade mais populosa e conhecida, sendo o maior centro turístico da Serra da Canastra. Segundo o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sua população é de pouco mais de 6.000 habitantes e as principais atividades agropecuárias são bovinos, café, milho, feijão e soja. Há 58 imóveis rurais registrados, 29 deles são minifúndios e 26 considerados pequenas propriedades. Não há latifúndios e apenas três, 5% do total registrado, são médias propriedades<sup>3</sup>.

Segundo informações fornecidas pelo site oficial do município de São Roque de Minas, os primeiros habitantes da região foram os índios cataguases que, apesar da fama de ferozes, foram dizimados pelos brancos ainda no século XVII. Praticamente nada ficou deles, além do nome. Depois vieram os negros fugidos da escravidão que formaram alguns quilombos célebres na região da Serra da Canastra. O mais famoso foi o do Pai Inácio. Os negros aproveitaram muito bem a abundância de água e as terras férteis da cabeceira do São Francisco e viviam da agricultura, da pesca e da caça. Resistiram durante longos anos ao

---

<sup>3</sup> Segundo dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) (2006) e do IBGE e do Sistema Nacional de Cadastro Rural (SNCR).

domínio dos brancos, mas foram aniquilados numa batalha sangrenta sob o comando dum certo Diogo Bueno da Fonseca, em meados do século XVIII<sup>4</sup>.

A herança dos escravos guerreiros ficou em nomes de alguns pontos turísticos mais expressivos da região, tais como Ribeirão do Quilombo, Cachoeira do Quilombo e Capão Forro, esta última expressão pode ser "traduzida" por mata do alforriado, ou do escravo livre.

Em 1938, São Roque virou cidade independente, mas o nome foi trocado por Guia Lopes, em homenagem a José Francisco Lopes, o guia das tropas brasileiras no episódio da Guerra do Paraguai conhecido como Retirada da Laguna. Só em 1962, a cidade foi legalmente rebatizada com o nome atual, São Roque de Minas<sup>5</sup>.

São José do Barreiro é um vilarejo às margens do Rio São Francisco, distrito administrativo de São Roque de Minas e a apenas 18 quilômetros de Vargem Bonita. Sua história é muito parecida com a de Vargem, tendo na descoberta e extração do diamante os alicerces de sua formação.

O nome do distrito de São José do Barreiro tem sua provável origem na existência remota, anos 50-60 do século passado, de uma olaria. Os moradores mais novos desconhecem esta história e, quando são interrogados acerca do tema, dizem que é por conta do barro excessivo nos meses de chuva, "um barreiro só". Já o atraente nome do município de Vargem Bonita deve-se à presença de extensas e belas várzeas, cortadas por vários córregos que vão desaguar no Rio São Francisco.

Outra versão contada pelos antigos moradores é que existia na região até o início dos anos 40 uma fazenda chamada Várzea, a palavra que designa as margens de rios sujeitas a alagamento, muito procuradas para o plantio de arroz e milho.

Contam que, certa feita, a famigerada fazenda foi elogiada por um amigo do proprietário que se expressou assim: "Mas que vargem bonita!", trocando várzea por vargem, palavras sinônimas para o caipira mineiro. O proprietário, José Alves Ferreira, gostou tanto que batizou a fazenda com a feliz expressão<sup>6</sup>.

Com a emancipação de São Roque de Minas, a fazenda foi desapropriada. A descoberta de diamante no leito e nas margens do Rio São Francisco atraiu muitos garimpeiros para a região. Formou-se nas terras da fazenda, às margens do "Velho Chico", a vila de Vargem Bonita, em homenagem à antiga fazenda.

---

<sup>4</sup> Fonte: [www.serradacanastra.com.br](http://www.serradacanastra.com.br)

<sup>5</sup> Fonte: material divulgado pela empresa e Tamanduá Ecoturismo

<sup>6</sup> PMDRS – Vargem Bonita, março de 2004. Este documento foi fornecido pela Empresa Brasileira de Extensão Rural (EMATER/MG).



Em 1944, ano em que o povoado foi elevado à categoria de vila, o proprietário da Fazenda Vargem Bonita, José Alves Ferreira, com visão de futuro, fez os necessários loteamentos e planejamento para urbanização da área. Calcula-se que, naquela época, a área ocupada pelo atual município de Vargem Bonita tinha uma população flutuante em torno de 30 mil pessoas, sendo aproximadamente 15 mil garimpeiros registrados; número que assegurava certo dinamismo à economia do lugar.

Atualmente a população de Vargem Bonita é de aproximadamente 2.000 habitantes e suas principais atividades agropecuárias são os bovinos, leite, café e milho. Os imóveis rurais registrados em Vargem Bonita são bem superiores aos registrados em São Roque de Minas, sendo 334. Destes, 148 são minifúndios, 136 são pequenas propriedades, 42 médias propriedades e apenas oito são consideradas grandes propriedades rurais<sup>7</sup>.

A formação histórica de Vargem Bonita deve-se ao descobrimento de diamantes no leito do Rio São Francisco, entre os anos de 1935 e 1936. Este fato resultou não apenas no afluxo de grandes levas de garimpeiros de várias regiões do país, como também na atração de algumas famílias, que garantiam seu sustento através de outras atividades relativas ao comércio e serviços, suprindo assim as necessidades coletivas que se criavam e dando aspectos urbanísticos ao arraial.

No auge da atividade garimpeira, Vargem Bonita chegou a ter cerca de 30 mil habitantes. Mas, como em todas as regiões de garimpo, os diamantes foram rareando e a atividade perdendo força. Além disso, em função dos problemas ambientais, o garimpo foi proibido em meados dos anos 90. A cidade entrou em crise e parte de sua população debandou. Aos poucos, porém, foi encontrando um novo caminho, diversificando sua agropecuária e, nos últimos anos, adotou o turismo como meio de produção de renda. Não por acaso, o lema da campanha de promoção do turismo lançada pela Agência para o Desenvolvimento Econômico e Social de Vargem Bonita (ADESVAB), criada como parte do Programa do Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Micro Empresas (Sebrae), em 2008, foi "Turismo, o novo diamante de Vargem Bonita".

A 12 de dezembro de 1953, através da Lei Estadual nº 1.039, Vargem Bonita passou a ser município e seu principal núcleo urbano tornou-se, ao mesmo tempo, sede e único distrito, além do povoado de São Sebastião dos Cabrestos, atual Campinópolis. Com o passar do tempo, nas décadas de 1960 e 70, a atividade mineradora foi entrando em decadência, em virtude da crescente proteção ambiental das áreas próximas às nascentes do Rio São

---

<sup>7</sup> Segundo dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) (2006) e do IBGE e do Sistema Nacional de Cadastro Rural (SNCR).

Francisco. A atividade foi impedida em 1993, com a intervenção direta dos órgãos governamentais.

### 3.2 Problemas Ambientais

No Parque Nacional da Serra da Canastra, ainda existem algumas espécies oficialmente declaradas ameaçadas de extinção como o lobo-guará, o tamanduá-bandeira, o veado-campeiro, o tatu-canastra, o ouriço-preto e a janauíra. Dentre outras espécies notáveis, nobres moradores do Cerrado, destacamos a onça suçuarana e jaguatirica, o veado-campeiro, o tamanduá-mirim, o bugio, o macaco-prego, o sagui estrela-de-pincéis-pretos.

O tatu-canastra, mesmo ameaçado de extinção, ainda pode ser encontrado vagando pelo cerrado no início ou no final do dia. Entre as aves, são comuns a seriema, o canário-da-terra, a ema, a perdiz, a garça, a codorna e bandos de tucano-açu. Com sorte, nas proximidades de cursos d'água é possível observar o raríssimo pato-mergulhão, espécie que está na lista dos animais ameaçados de extinção e que é encontrado apenas em águas absolutamente livres de impurezas industriais. Mais esquivo morador das águas deste rincão, o pato-mergulhão nada em bandos nas corredeiras do Rio São Francisco e de outros rios adjacentes, chamando a atenção de biólogos e ecólogos do Brasil e do exterior.

Espécies raras de fauna e flora, entre elas algumas endêmicas da Serra da Canastra, como o pato-mergulhão e 45 novas espécies de plantas recentemente descobertas, sofrem com irregularidades e maus tratos ao meio ambiente. Segundo relatório apresentado pelo Programa Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável de Vargem Bonita (PMDRS 2004), os principais problemas ambientais da região são: caça de animais silvestres e pesca predatória; queimadas ilegais e incêndios florestais, ocorridos no período entre os meses de julho e outubro, época de maior seca; desmate clandestino em áreas de cerrado e matas nativas e campos; degradação das matas ciliares em decorrência das práticas inadequadas de uso do solo; assoreamento dos cursos de água, por falta de práticas de conservação de solo em áreas de lavouras e pastagens; ausência de proteção de nascentes; extração de areia e cascalho, sem os devidos cuidados para evitar processos erosivos e assoreamento; disposição inadequada do lixo, em cratera onde é queimado e coberto com terra, inexistindo tratamento adequado; destino inadequado das embalagens de agrotóxicos; drenagem inadequada nas estradas, provocando erosão causada por chuvas.

Recentemente, na parte baixa da Serra da Canastra, entre o distrito de São José do Barreiro e a portaria do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos naturais

Renováveis (IBAMA) – que dá acesso à Cachoeira Cascad’anta, viu-se a inusitada chegada de engenheiros sul-africanos, falando alegremente inglês e agitando as festinhas, antes pacatas, da comunidade. Estes exóticos personagens, mesmo sem saber o idioma local, deixaram dito desde o início a que vieram, pois em seus bonés e camisetas estavam estampados o nome de uma empresa mineradora e seu slogan “um diamante é para sempre”. Com eles chegaram também maquinários utilizados na extração de diamantes em larga escala. Alguns moradores foram contratados para trabalhar na mina que, com tecnologia sofisticada, jamais permitiu que os mesmos vissem o produto extraído.

Porém, sob os olhos e interesses do que se pode chamar “a maior mineradora de diamantes do mundo”, um conglomerado de empresas sul-africanas que extraem e comercializam cerca de 80% do diamante mundial, a Serra da Canastra convergiu também para si a atenção de ambientalistas e políticos, já que a exploração de diamantes ameaça o ecossistema e o meio antrópico, interferindo nas formas tradicionais do homem relacionar-se com a natureza.

O investimento de milhões de dólares por parte da empresa deve-se ao fato de terem sido encontradas, pela primeira vez nas Américas, amostras de uma rocha denominada kimberlito, ou rocha de Kimberley. Resultado de erupções vulcânicas, essa rocha indica a ocorrência de diamantes no subsolo, em seu estado mais bruto. Este nome foi dado em homenagem à cidade de Kimberley, África do Sul, onde a rocha foi encontrada pela primeira vez, no final do século XIX. Atualmente em Kimberley, após a total destruição do relevo, resta uma enorme cratera de aproximadamente um quilômetro de profundidade.

Levantamentos geológicos identificaram a existência de rochas kimberlíticas na área de entorno do ParNa Canastra, indicando diamantes primários que poderiam ser retirados de rochas deslocadas do centro da Terra em direção à crosta, semelhantes às minas consideradas de "classe mundial". As maiores delas estão concentradas na África e na Rússia.

Logo após a descoberta, uma empresa subsidiária brasileira, iniciou suas atividades perfurando numerosos buracos, que chegavam a 600 metros de profundidade. Segundo André Picardi, da Organização Não-Governamental SOS Lobo-guará, houve exploração econômica da jazida, localizada próxima ao Parque, a despeito de ter sido liberada apenas licença para pesquisa, o que impõe o limite de serem explorados até 30 mil quilates de diamantes. “Estes diamantes saíram do país sem qualquer arrecadação de impostos para a Receita Federal. Por isso, a licença da empresa foi suspensa e, no momento, as atividades encontram-se paradas à espera de uma licença para lavra.” (Informação verbal)

Atualmente, na Canastra, não há mais empresas especializadas em extração de diamantes e é patente que as pesquisas e, eventualmente, as futuras lavras não poderão ser retomadas ou autorizadas no cenário de permanência dos limites ou da categoria de unidade de conservação que hoje caracterizam o Parque Nacional da Serra da Canastra. Não há dúvidas na legislação vigente que conforma o Sistema Nacional de Unidades de Conservação de que a pesquisa e lavra minerárias não são permitidas em parques nacionais.

Outro problema é que a política de preservação ambiental em questão tende a desconsiderar as necessidades daqueles que tradicionalmente se relacionam com a terra, onde criam vínculos capazes de estruturar e formar ali um *ethos* próprio. Podemos dizer que há, para os moradores daquela região, um entendimento peculiar da natureza e de seus sinais, que precisa ser autogerido. Por outro lado, a intervenção institucional, com proibições expressas, cujos descumprimentos resultam em multas para os moradores, pode levar a um desequilíbrio ambiental, como no caso da proibição das queimadas controladas.

Durante décadas, esta prática foi benéfica tanto ao homem quanto ao meio ambiente, mas, depois de sua proibição, o que vemos são incêndios de grandes proporções, uns supostamente criminosos, e outros naturais, próprios do bioma cerrado, que apresenta uma estação seca e outra chuvosa. Agravadas pelo desequilíbrio ecológico, estas queimadas naturais se alastram e causam danos inestimáveis, especialmente à flora e à fauna nativa. A vegetação de cerrado brota exuberante outra vez, depois de suportar um longo período sem chuvas, quando perde suas folhas, galhos e cascas que, de tão ressecadas, tornam-se faíscas ao labor do vento. A estação chuvosa, o verão, floresce continuamente a paisagem, rica em flores variadas e de curta duração, que fascinam turistas e fotógrafos. Já os sitiantes, acostumados a adaptar os sinais da natureza às suas necessidades cotidianas, aprenderam a se aproveitar das queimadas naturais do cerrado para encontrar pasto limpo ao gado. Desde que esta prática foi proibida, segundo argumento dos moradores locais, o fogo brota incontrolável no chapadão.

Em audiências públicas que trataram a pauta da desapropriação de terras, ficou evidente que há grande interesse da população em permanecer no local. Tanto no discurso dos líderes nativos quanto na fala dos intelectuais especialistas, a permanência dos moradores é um meio não apenas de preservação ecológica, regulamentada pelo Governo Federal, mas também de manutenção de seu patrimônio cultural imaterial, entre os quais a Folia de Reis.

Sobre esta questão, Aziz Ab'Saber, em entrevista mencionada acima declarou:

Toda vez que se faz um Parque após a ocupação tradicional da região, é preciso proteger as populações que vão ficar. Quando se amplia

bastante é preciso proteger as populações com algumas indicações no próprio projeto de ampliação, liberando para continuar morando e excluindo a possibilidade de ampliar a ocupação agrária da região. (Informação verbal)

### 3.3 Economia

<b>ECONOMIA/POR SETORES</b>	
Agropecuária	66,2%
Indústria	4,8%
Serviços	29,1%

Tabela 2: Atividades econômicas.

Fonte: Governo de Minas Gerais e Prefeitura Municipal de São Roque de Minas

A economia na região da Serra da Canastra é essencialmente agrícola, tendo no leite, café, milho, turismo e cafeicultura, a sua maior expressão. Em 2000, segundo o PMDRS/Vargem Bonita (2004), calculou-se a existência de aproximadamente 1000 hectares de café em produção e por volta de 90 produtores. A comercialização é feita por cooperativas de outros municípios, em sua maior parte da Cooperativa Regional dos Cafeicultores de São Sebastião do Paraíso.

Há mais de um século, a vida econômica do município de São Roque de Minas baseia-se na produção do Queijo Canastra. Durante muito tempo, a comercialização deste produto era semiclandestina, já que a produção é artesanal e ninguém paga imposto. Atualmente, 90% do queijo é levado para a região metropolitana de São Paulo e distribuído por pequenos comerciantes.

O queijo chegou à Serra da Canastra por volta de 1830, trazido de São João Del Rei por uma família de agricultores, a família Leite, que se instalou na região denominada Buracas, no município de São Roque de Minas, àquela época pertencente ao município de Paracatu.

As condições ambientais da Serra da Canastra, tais como altitude, pastagem natural, umidade relativa do ar, precipitação de chuvas, aliadas ao modo artesanal de fabricação, fizeram com que o queijo adquirisse características próprias, dando nome e fama ao Queijo Canastra. A tradição local afirma que o gado da região alimenta-se de um tipo de capim apenas ali existente, o que transmite ao queijo o seu paladar especial. Este capim brota na cimeira da Serra logo após as queimadas controladas que são feitas antes da estação da seca, nos meses de junho e julho. No cume da Canastra, o orvalho da manhã contribui para a formação de um capim diferenciado que, ingerido pelo gado durante a época de estiagem, dá

características especiais ao leite. A partir desse manejo é que se tem o Queijo Canastra, uma iguaria produzida nas fazendas do entorno da Serra e no alto dos chapadões. Até pouco tempo, os queijos eram transportados em lombos de burros e em carros de bois para serem comercializados, contudo, desde maio de 2008 o Queijo Canastra é um “Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro”, título concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Durante a produção, os pingos de água (soro) que escorrem do queijo ressecado com sal grosso são misturados ao leite da produção seguinte, uma técnica que colabora para dar a este queijo sabor, textura e aroma peculiares. Tem, então, como ingredientes obrigatórios o leite de vaca, cru e integral, a cultura láctea natural (chamada “pingo”), o coalho e o sal. A consistência do queijo deve ser semi-dura com tendência à macia. De natureza manteigosa e compacta, com uma cor branco-amarelada e casca amarelada, este queijo não tem trincas, mas pode apresentar alguns pequenos furos. Seu formato é cilíndrico, com altura em torno de 6 centímetros, diâmetro de 15 a 17 centímetros, peso de 1 a 1,2 quilos, apresentando sabor ligeiramente ácido, não picante e agradável.

Há uma variante de tamanho, que se encontra em São Roque de Minas, Medeiros e Vargem Bonita, de altura entre 7 e 8 centímetros, diâmetro de 26 a 30 cm, peso entre 5 a 7 quilos, denominado Canastra Real ou Canastrão. Segundo relatos locais, historicamente este queijo era produzido apenas em ocasiões especiais, como visitas do Bispo Católico ou de autoridades do Império ou da Capitania.

Apesar de a qualidade depender mais das mãos que o fazem com prática e menos da receita utilizada, para se preparar o Canastra há um procedimento técnico: o leite é colocado num tambor onde recebe o coalho e o “pingo”, o fermento líquido extraído da produção do dia anterior. Depois de algum tempo, o leite talha e é retirado em porções de massa que são espremidas manualmente e colocadas em moldes redondos, que podem ser de madeira ou de plástico. Por cima da massa, cuidadosamente compactada, acrescenta-se o sal. Por baixo da forma, o soro escorre finalizando um processo que dura 24 horas. Depois, o queijo é retirado das formas e vai para uma prateleira arejada. Com exceção da ordenha, todo o ritual acontece na chamada “queijaria” ou “casinha do queijo”.

A informalidade da cadeia do queijo é consequência da legislação da Defesa Sanitária Animal referente aos programas de erradicação e controle de brucelose e tuberculose, programa de identificação individual oficial de bovinos (SISBOV) e legislação tributária em relação ao Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), que tratam de igual modo pequenos e grandes produtores, grandes indústrias e pequenos produtores artesanais.

Dada a falta de uma legislação adaptada às condições de produção existentes, toda a cadeia, da produção ao transporte e comercialização, ocorre na clandestinidade, sem rastreabilidade da origem, aumentando os riscos ligados à falta de segurança alimentar. O Canastra pode ser consumido fresco ou curado, este último com uma consistência mais firme e um sabor mais acentuado.

O turismo começa a se destacar como atividade econômica com potencial para transformar a dinâmica da cidade e a vida das pessoas. Nos últimos dez anos surgiram muitas pousadas e outros empreendimentos no setor. O número de visitantes anuais saltou de aproximadamente 2.000 para mais de 30 mil, conforme os registros do Parque Nacional da Serra da Canastra.

As atividades industriais são pouco expressivas na região. Em Vargem Bonita, um laticínio, que industrializa derivados de leite, principalmente provolone, ricota e nozinho, tem muitas dificuldades para essa produção, sobretudo pela ausência de mão-de-obra apta a desempenhar tarefas industriais e carência de infraestrutura e serviços. Há também duas fábricas de blocos de cimento, alguma produção artesanal de alimentos, principalmente doces de leite e de frutas da estação, utensílios domésticos de madeira, cestos e esteiras de bambu e souvenirs de pedra. Com o aumento do turismo, cresce a demanda por souvenirs e toda sorte de artesanato.

O turismo está cada vez mais se revelando um bom negócio para os moradores e o Parque e seu entorno sendo assimilados, como uma espécie de “ganha-pão” das comunidades, conforme expressão dos próprios nativos. Alguns jovens da região estão se tornando empresários no ramo dos esportes radicais, bem como forâneos que se instalam durante um tempo no local, vivendo inseridos à comunidade bastante receptiva, porém com aquela parcimônia mineira que deixa sempre brecha para a desconfiança. Turistas em excursões, grupos escolares, famílias, casais, pais e filhos, mochileiros, pesquisadores, fotógrafos, esportistas, andarilhos, jipeiros, motoqueiros são alguns dos visitantes mais frequentes. As equipes que atuam na Canastra divulgam as suas atuações em sites especializados que tendem a atrair cada vez mais turistas.

## 4 De um dia de festa

“Assim o Cristo vem numa cantiga, não na prece,  
com pandeiros alegres tocando  
com chapéus de palhinha amarela  
companheiros alegres cantando.”

(Carlos Drummond de Andrade)

Na região da Serra da Canastra é comum entre 25 de dezembro e 6 de janeiro serem vistos uns homens andando em grupo, vestidos com camisas iguais de cores fortes, chamativos chapéus com fitas, instrumentos musicais nos braços e uma bandeira pintada à mão com a imagem do Menino Jesus em sua humilde manjedoura sendo adorado pelos Três Reis, ao lado de Maria, São José e alguns animaizinhos. Entre os tocadores, dois ou três mascarados vestidos diferentemente, de seda ou chitão, apresentam-se sempre dançando e recitando versos.

Ao centro da “bandeira santa”, uma estrela amarela, chamada Estrela do Oriente, serve de guia ao grupo de alegres músicos e cantores que vão de casa em casa, passando por estradas inóspitas, abrindo porteiras, cruzando mata-burros, subindo e descendo morros, assustando cães, vacas e bois, pois chegam muitas vezes no imprevisto do dia, faça sol ou chuva. São eles os foliões, os exóticos homens que realizam a Companhia ou Folia de Reis<sup>8</sup>, a festa mais estreitamente religiosa de que se tem conhecimento por aquelas bandas. Por isso, em respeito ao imaginário partilhado pela população nativa e à dinâmica conceitual em torno da bandeira, no decorrer do texto usaremos maiúsculas sempre que nos referirmos a ela<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Os termos Folias de Reis e Companhias de Reis são usados neste trabalho como sinônimos. Há capitães, mestres de Folia, que preferem dizer “Companhia” e não “folia”, embora este último termo já seja consagrado. Para eles, mesmo que se use o termo Folia de Reis, nada tem a ver com “bagunça”, “folia” no sentido de festa desvencilhada da devoção.

<sup>9</sup> Algumas fotografias foram feitas por Luciano Goulart e Marcelo Cassoli e gentilmente cedidas para a publicação neste trabalho. Outras, ainda, são de acervo pessoal da autora, durante pesquisas realizadas junto às comunidades da Serra da Canastra.





Figura 3: Andanças de uma Folia de Reis tendo ao fundo o paredão da Serra da Canastra  
Foto: Luciano Goulart

Lá, às vésperas do Natal, data fixada em 25 de dezembro, quando os cristãos comemoram o nascimento de Jesus Cristo, muitos católicos têm o hábito de montar presépios em suas casas, o que se observa também em igrejas e capelas. No presépio, onde tudo se perfaz estático, arvoredos, burrinho, bois, vacas e outros animais de brinquedo em torno de uma manjedoura ainda vazia à espera do Menino Jesus, que só é introduzido no simbólico cenário em miniatura à meia noite do dia 24, enquanto as figuras dos Três Reis introduzem o sentido de tempo. Só eles movimentam-se, ou melhor, são movimentados, uns cotidianos centímetros em direção ao centro do presépio, onde o Menino Jesus, cercado por José e Maria, é iluminado pela já citada Estrela do Oriente. Tudo sob o fino brilho suspenso de bolas de cores e o vivo aroma de serragem.

Os presépios permanecem montados durante todo dezembro, não havendo data específica estabelecida para a sua montagem, o que depende da dinâmica de cada casa ou templo. Contudo, no dia 6 de janeiro, quando se comemora o tradicional “Dia de Santos Reis”, os presépios são desmontados e suas peças guardadas para o próximo Natal. Cada presépio difere-se de outro: gente e objetos variados, confusas faunas e floras provendo a paisagem, geografia miudamente construída, que deslumbra os olhos das crianças e evoca a fé dos adultos.

Os três personagens que se movem são o idoso e em barbas Melchior ou Belquior, o menos avelhado e ruivo Gaspar e o preto Baltazar. Um atrás do outro, carregando as dádivas que serão ofertadas ao Menino Jesus, eles são movimentados dia a dia nos presépios, em geral pelas mãos das crianças, como se fossem guiados pela luz da estrela, o cometa ignoto ou milagroso meteoro, rastro sideral dos movimentos de Deus. Esta lúdica tarefa perpetua a

visitação dos Três Reis Magos, uma narrativa bíblica que é representada em um festejo tradicional católico.

Em torno do presépio se inicia a jornada ou giro da Companhia de Reis:

Bando exótico de homens, que sempre se apresentam engraçadamente sérios e excessivamente magros, tinham o imprevisto decore dos pedintes das estradas, a impressiva hombridade esmoler. Alguns traziam instrumentos: rabecas, sanfonas, caixa-de-bater, violas. Entravam, mantinham-se de pé, em roda, unidos, mais altos, não atentando para as pessoas, mas apenas à sua função, de venerar em festa o Menino Deus. Pareciam-me todos cegos. Será, só eles veriam ainda a Estrela? (ROSA, 2001)

Eles vão chegando de várias direções para reunirem-se em torno do presépio. Saem de suas casas ou dos bares, vestidos com camisas iguais, chamadas por eles de fardas, em geral de cores bem fortes, chapéus enfeitados de fitas e com seus instrumentos musicais sendo afinados para dar início à cantoria. Em versos cantados pedem licença, a primeira toada de uma Companhia ao chegar numa casa.

Desde feita, cantam na capela de Santos Reis, uma entre tantas espalhadas pela região. Estas capelas são de tamanho pequeno, acomodações módicas, abrigam um altar com imagens dos Três Reis ao lado de outros santos populares no Brasil e foram, em geral, construídas por devotos que atribuem milagres aos Santos Reis do Oriente. Dentre as muitas histórias de construção de capelas com este nome, uma chama atenção por envolver um bairro rural inteiro e não apenas uma pessoa ou família. Apesar de este depoimento ter sido coletado fora dos limites da pesquisa apresentada neste estudo, no bairro rural da Rocinha (Município de São Sebastião do Paraíso/MG), sua inserção servirá para ilustrar o cumprimento de uma promessa cujo pagamento, no caso, antecipado, é a construção de uma capela a Santos Reis:

Esta capela de Santos Reis foi construída por causa de uma doença muito forte em 1905, a lepra. Meu avô, Alfredo Bento da Costa, falecido com 104 anos de idade, fez a doação de um terreno para que fosse construída uma capela de Santos Reis, pedindo aos Santos Reis que intercedessem junto a Jesus Cristo para que o problema fosse amenizado. Logo surgiu a capela que mal cabia três-quatro pessoas. Meu avô então deu a ideia de se formar uma Companhia de Reis e o que fosse angariado, faria a mesa de doces para a população. A Companhia saía com meia dúzia de homens e a pé. Era muito simples, só com um cavalinho e todo mundo andando a pé, mas com muita fé radical. Com esta intenção, pedindo aos Santos que tirassem esta maldade daqui. E todos dizem que depois disso foi eliminando a doença, como hoje está sendo eliminada a poli no mundo. Tivemos a benção de nossa região aqui receber isso. Gente que estava doente, quase morrendo, foi salva a tempo. A gente tem muita fé em Santos Reis e todo ano cantamos nesta capela.<sup>10</sup> (Informação verbal)

Numa dessas capelinhas, também construídas por devoto pagador de promessa, o presépio está montado. É noite de Natal e os músicos foliões se aproximam para cantar os 24

---

<sup>10</sup> Contado por Alfredo Bento Neto.

versos transcritos abaixo. Segundo explicaram, sendo noite do dia 24 de dezembro e estando diante de um altar dedicado ao que na data comemora-se, o Nascimento de Jesus, é necessário cantar obrigatoriamente este número de frases:

Deus vos salve o belo altar  
Que encontramos em nossa frente  
Recebendo a saudação  
Dos Três Reis do Oriente

Deus vos salve o belo altar  
Que encontramos nessa hora  
Onde está o Menino Deus  
São José e Nossa Senhora

Antes de Cristo nascer  
Já contava a profecia  
Que na gruta de Belém  
O Menino Deus nascia

Os Três Reis quando souberam  
Começaram a viajar  
Cada um trouxe um presente  
Pro Menino Deus saudar

25 de dezembro  
quando o galo deu sinal  
e nasceu o Menino Deus  
numa noite de natal

Santos Reis vem viajando  
Chegaram nesse momento  
Já fizemos a saudação  
No altar do nascimento<sup>11</sup>

Antes de saírem para a jornada de 13 dias, os foliões com seus instrumentos passam debaixo da Bandeira Santa que é empunhada pelo festeiro e sua esposa. A bem da verdade, a Bandeira é que passa por cima dos foliões. Assim, a Companhia recebe a benção para iniciar seu trabalho ritualizado, sua peregrinação. Enquanto em algumas cidades próximas, como Passos, Itaú e São Sebastião do Paraíso este ritual de peregrinação, realizado na periferia rural ou, em raros casos, na urbana, costumam durar dos dias 1º a 6 de janeiro, na Serra da Canastra uma Folia de Reis chega a andar 13 dias, variando de grupo a grupo. O costume é viajar em função da Companhia dias e noites por lugares ermos, deixando trabalho, mãe, namorada, noiva, esposa e filhos em casa, do dia 24 de dezembro até o dia 6 de janeiro.

---

<sup>11</sup> Os versos presentes no corpo do texto são, em sua maioria, transcrições de toadas gravadas durante giros das Companhias de Reis de São José do Barreiro e de Vargem Bonita. A gravação foi realizada em MD e posteriormente trabalhada em estúdio, mas o CD produzido não integra este trabalho.

Alguns destes homens têm mais de 60 anos e iniciaram na Companhia quando esta andava a pé pela região, de fazenda em fazenda, distantes uma da outra. Hoje, andam em fuscas ou sentados na boleia de um caminhãozinho ou caminhoneta. Esta nova configuração, por si só, explicaria a redução dos dias de jornada dos grupos que atuam nas cidades, já que o uso de automóvel aumenta consideravelmente a velocidade de movimentação. Mas, na Canastra, por ser uma região muito vasta, cheia de fabulosas montanhas que apresentam distâncias enganadoras aos olhos, a pé ou de carro as Companhias de Reis andaram e andam por muito mais tempo do que as das regiões vizinhas, mais próximas de centros urbanos.

Esta peculiaridade confere-lhes não só uma riqueza de repertório artístico como também devocional. Como disse um folião:

Todo mundo fala que vai participar de uma Folia de Reis só porque vai lá no dia 6, na chegada da Companhia. Este miolo que todo mundo vê não é o que importa e, sim, o que acontece durante a Folia, que só o folião vê e não tem como explicar. (Informação verbal)

O estandarte, a Bandeira que carregam, é considerado pelo povo como a materialização da presença dos “Magos”, de Jesus Menino, da Virgem Maria e São José, por isso é recebida com muito entusiasmo e reverência pelos moradores. Algumas regras em torno da Bandeira são estritamente respeitadas pelos foliões e devotos, veremos isso no decorrer do texto.

Embora os foliões sejam comumente lembrados como pedintes, existindo até versos cantados especificamente para pedir e agradecer esmolas, a referência bíblica que lhes serve de inspiração mostra que aos Reis cabe mais dar do que receber: “Entrando na casa, acharam o Menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram e abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra.” (Mateus, 2:11)

Antes da descrição de um dia de giro da Companhia, vamos conhecer seus personagens. O número de componentes ou o “time de foliões”, como se costumam nomear, é variável de acordo com a “tradição” de cada Companhia e, especialmente, de acordo com o número de devotos aptos a executar a jornada. Há, todavia, um número padrão verificado na maioria dos grupos: são em média 12 homens, sendo três caixeiros, um pandeirista, dois ou três palhaços, três violonistas, um tocador de acordeom e um de cavaquinho.

Embora se vistam com roupas iguais, exceção feita ao palhaço, os foliões têm papéis bem específicos. Entre os músicos, por exemplo, a hierarquia é estabelecida de acordo com a voz e o instrumento. O mestre, também chamado capitão ou embaixador, é o responsável pela Companhia e é ele quem fica à frente do grupo entoando os versos. Ele faz a primeira voz que será repetida pelos demais ao final de cada verso cantado. Bem próximo ao capitão, muitas

vezes lado a lado, está o contralto ou contra mestre, voz intermediária no coro de foliões, também chamada turina.

São sete vozes em uma Companhia de Reis e seus nomes podem mudar de região para região, mas na Serra da Canastra, nos grupos observados, verificou-se as seguintes denominações: primeira voz, segunda voz, contralto, tala, contratala, primeira retinta e segunda retinta. Entre os músicos, há o pandeirista, o caixeiro e o sanfoneiro; alguns homens tocam violões, entre eles o mestre. Pode haver ainda viola, cavaquinho e chocalhos de percussão. Quem é capaz de tocar qualquer instrumento e fazer qualquer voz, trabalhando em todas as posições com desenvoltura é chamado de coringa. Muitos antigos foliões são considerados coringas na Companhia, pela habilidade de fazer qualquer voz.

Durante a cantoria, chama atenção a persistência de uma voz bem fininha, um grito esticado que se escuta ao fundo do coro de foliões. É a retinta, requinta ou tipe, que com seu eco estridente avisa ao longe a chegada de uma Companhia. Dá até tempo de se colocar para ferver a água pro café e dispor uma peça de queijo sobre a mesa, ao lado da cachaça, refrigerante, conhaque, vinho, pães de queijo, bolachas e bolos caseiros.

Os moradores ficam esperando até que, pouco antes do grupo, chega o macuco – também chamado de fiscal ou gerente. A Companhia para o automóvel próximo aos limites da propriedade e o macuco vai a pé até a casa, saber se está tudo preparado para receber a Folia. Além de ajudar o mestre na disciplina do grupo, é ele quem agenda as visitas seguintes, especialmente os pedidos de almoço e jantar. Assim, a cada dia os foliões já são informados do trajeto, das paradas para as refeições principais e do pouso. Entende-se por pouso o lugar em que os foliões pernoitam, depois do jantar que também é oferenda da casa que abrigará o grupo durante o sono. A Bandeira fica “pousando” aos cuidados de um dos palhaços, agora sem máscara, no mesmo cômodo da casa em que os instrumentos musicais ficam guardados.

Bandeirista ou bandeireiro é a pessoa que carrega a Bandeira de uma casa a outra. Geralmente são pagadores de promessas que se comprometem com os Santos a carregar a Bandeira durante um determinado número de dias do giro da Companhia. Há também bandeiristas eventuais, que só carregam a Bandeira de uma casa a outra e depois se despedem do grupo. Quando não há um bandeirista oficial, é o palhaço que se encarrega de passar a Bandeira às mãos dos moradores que recebem a visita da Companhia de Reis.

Entre os personagens, dois estão vestidos completamente diferentes dos demais e se destacam tanto pelos trajes, quanto pelas estripulias. São os palhaços, matias, alferes, bastiões, tenentes ou mascarados. Sempre com uma caracterização histriônica que auxilia nas atuações cômicas, os mascarados trajam uma calça presa com elásticos, semelhante a um confortável

pijama e do mesmo tecido, usualmente chitão ou seda colorida, a camisa sem botões, espécie de bata. Também há uma manta cobrindo a parte dos ombros, a mesma terminando em babados. Enquanto os outros foliões usam sapatos ou botinas, os palhaços usam tênis congas e, na cabeça, um lenço cobre os cabelos. Sobre ela, um chapéu em formato de cone, brilhantemente decorado com lantejoulas, tendo na ponta um pompom de lã, e da qual escorrem fitas de cores diversas e cordões com outros pompons. O rosto fica encoberto por uma máscara, cuja viva pintura constitui-se de traços caricatos de uma face de palhaço. Ela é, em geral, feita de papelão e cola e pintada com cores vivas; em regiões de pecuária, as máscaras também ostentam barbas e bigodes de couro ou de pelos de cauda de boi. Com suas brincadeiras e improvisos, o palhaço é literalmente responsável por animar a festa.

É curioso notar que todos os palhaços carregam consigo uma espécie de bastão, feito a partir do cabo de guarda-chuva ou outro material similar, totalmente enfeitado com fitas coloridas, e, às vezes, alguns pompons – revelando o quão uníssona é a caracterização deste personagem, apesar do aparente exagero. Este objeto em particular, o bastão, ao representar uma espada, de acordo com informações dos próprios foliões, faz alusão à caracterização simbólica dos soldados de Herodes, na Folia representados pelos palhaços.



Figura 4: Os palhaços.  
Foto: Marcelo Cassoli.

Um bastião declarou categórico: “eu guardo o segredo da Companhia. Sou o frentista, o da frente, o palhaço da Companhia. Sou o guarda da Bandeira, o soldado da Bandeira. Quando eu ponho a máscara é outro mundo. É outro personagem.” (Informação verbal)

E que mundo é este vivido pelo personagem? Conversas com palhaços revelaram que a história bíblica do Nascimento de Jesus está o tempo todo sendo reinterpretada a partir de

suas *performances*. Eles lembram a existência de outro personagem marcante, um figurante oculto, mas não menos presente numa Companhia de Reis: Herodes, ambicioso e sanguinário.

Assim que soube que os Três Reis do Oriente viram no céu uma estrela que os conduziria ao novo rei que acabava de nascer, Herodes promoveu uma busca implacável, que resultou numa terrível matança de recém-nascidos. Dois ou três soldados conseguiram chegar primeiro ao Menino Jesus, mas se sentiram tocados quando O viram e decidiram voltar para impedir que outros malfeitores chegassem perto, enquanto os pais deviam sair fugidos para o Egito. Esses soldados convertidos usaram então máscaras para distrair os demônios, faziam piadas e dançavam para os outros soldados a fim de distraí-los da missão de encontrar e matar o novo Rei dos Judeus. (Informação verbal).

Esta é uma versão cuja possível interpretação que faremos elucida muito. Como a Bandeira traz pintadas as figuras de Jesus Menino, Maria e São José recebendo a visita dos Reis Magos, pode-se pensar que os palhaços são de algum modo punidos por terem sido um dia soldados e por isso não podem olhar a Bandeira de frente. De fato, em vários momentos da Companhia, o palhaço passa por situações de constrangimento, como os desafios que lhe são impostos ao chegar num terreiro ornado ou, ainda, o antigo costume de ser preso em algum cômodo da casa até que o dono decidisse soltá-lo. São eles também os únicos a ficar para fora das casas enquanto os outros rezam e cantam lá dentro; a espera pode ser demorada, debaixo de sol ou de chuva. Sempre os últimos a se servir nas refeições, os palhaços assumem nitidamente uma posição marginal dentro da Companhia.

Ao mesmo tempo em que é marginal, o palhaço é responsável pela execução de partes importantes do ritual. Além disso, quando não há gerente nem bandeirista, é o palhaço que se encarrega de levar a Bandeira e, também, de ir à frente do grupo para saber se podem aproximar-se da casa. Segundo um folião:

Um palhaço tem que ter muita responsabilidade, ele sempre tem que estar atento em relação à Bandeira, se o dono da casa colocou um enfeite diferente, e tudo mais. É o palhaço que conversa com o morador para saber como que a Companhia vai cantar, se tem promessa pra pagar, quem vai segurar a Bandeira para o embaixador cantar, é tudo isso, palhaço num é só farra não, tem a parte de brincadeira, mas ele sempre tem que falar sobre a profecia. (Informação verbal)

Outras ambivalências podem ser identificadas neste personagem. Apesar da aparente informalidade, a apresentação de uma Companhia de Reis obedece a normas bastante rígidas. Considerando-se estes folguedos enquanto carnavalização em relação ao evento religioso oficial, nem por isso significa uma soltura, uma liberdade total. Há uma organização do grupo, solidamente controlada pelo mestre ou capitão, inclusive hierárquica, dividida por patentes militares: capitão, tenente, alferes ou soldado.

Na Grécia antiga os deuses que usavam máscaras eram aqueles que guardavam os limites, como Baco ou Afrodite. Curioso notar que o único personagem da Folia a usar máscara é o palhaço, o único também a quem é concedido fazer piadas, dançar, quebrar o protocolo da rigidez. Isso não quer dizer que ele seja livre das restrições, apenas tem restrições peculiares.

O palhaço é a figura mais ambígua de uma Companhia de Reis. Pode ser identificado como o próprio Herodes, tendo parte com o diabo, embora esta versão não seja assumida pelos foliões. Ao mesmo tempo, ele é guardião da Bandeira.

Uma das regras internas da Folia de Reis, no que se refere ao palhaço, é que o tempo mínimo de participação de seu intérprete em uma Companhia é de sete anos. Nem os foliões mais antigos sabem explicar o motivo deste número, mas são unânimes em afirmar que vestir a farda de palhaço pela primeira vez implica em uma repetição de sete anos consecutivos. Não cumprir esta “tradição” pode acarretar, segundo os foliões, uma espécie de maldição sobre o intérprete.

Quando uma Folia de Reis aproxima-se de uma fazenda ou percorre um lugarejo, as crianças ficam alvoroçadas com os palhaços, algumas choram de medo. Para dissipar o temor, alguns deles costumam distribuir a elas balas que ficam guardadas em seus embornais. Todo palhaço carrega um embornal, seja para as balas seja para as oferendas em dinheiro que são angariadas durante o giro, no caso de companhias que dispensam gerentes. Dançarinos cômicos, os mascarados pulam batendo no chão os bastões enfeitados de fitas e com rodela de lata, de grave chocalhar.

A despeito do notável clima de brincadeiras, da bebedeira e dos risos, a Folia de Reis é um encontro de homens respeitosos que têm como uma das preocupações “zelar pelo nome da Companhia”, para usar expressão do capitão José Vitor. Os foliões bebem, comem, cantam e dançam, mas cumprem o combinado de não se separarem durante todos os dias de jornada. Aliás, as brincadeiras são mais frequentes quando estão sozinhos, entre uma visita e outra, sentados nos bancos de madeira dos caminhões ou nas andanças a pé pelas ruazinhas e estradas. Os foliões não se envolvem com mulheres, nem em brigas, muito menos ficam a beber fora do grupo.

A cantoria das Companhias de Santos Reis segue uma melodia chamada de “toada”. A toada pode mudar de acordo com o modo de cantar de cada capitão e a disposição das rimas também se altera de acordo com cada toada. Na “toada simples”, por exemplo, o embaixador divide uma estrofe de quatro versos, A, B, C e D, em duas partes, sendo dois versos cantados



de cada vez, A e B depois C e D, subdividindo-se em duas partes, isto é, o embaixador repete um verso duas vezes e termina o segundo verso: (A + A + B), logo o restante da Companhia canta esse segundo verso, B, da seguinte forma:

É um prazer muito grande,  
É um prazer muito grande,  
encontrar todos vocês.

Os foliões respondem:

Encontrar todos vocês.

Recebam as Santas bênçãos  
Recebam as Santas bênçãos,  
do meu nobre Santos Reis.

Os foliões respondem:

Do meu nobre Santos Reis.

Na toada simples, o capitão pode repetir os dois versos, (A + A) e (B + B), e o restante também repete duas vezes os mesmos:

Pede oferta para os Três Reis,  
Pede oferta para os Três Reis,  
com a família reunida,  
com a família reunida.

Os foliões respondem:

Pede oferta para os Três Reis,  
Pede oferta para os Três Reis,  
com a família reunida,  
com a família reunida.

Vós deu ela aqui na terra,  
Vós deu ela aqui na terra,  
lá no céu foi recebida,  
lá no céu foi recebida.

Os foliões respondem:

Vós deu ela aqui na terra,  
Vós deu ela aqui na terra,  
lá no céu foi recebida,  
lá no céu foi recebida.

A “toada dobrada” é quando se finaliza uma estrofe com quatro versos em um só momento: (A + B + C e D). O embaixador canta a estrofe completa e o restante da Companhia repete apenas o último verso, D.

Agradeço a boa oferta,  
dada de bom coração,  
seu coração não é de ouro,  
mas é de ouro sua intenção.

Os foliões respondem:

Mas é de ouro sua intenção.

Na “toada triplicada” o mestre canta uma estrofe de seis versos completa: (A + B + C + D + E e F, portanto com três rimas, e o restante repete apenas o último verso, F.

Vamos junto agradecer  
a oferta dada com caridade  
Santos Reis que lhe ajude  
traga paz e felicidade  
esta é nossa Bandeira  
da partilha e fraternidade.

Os demais foliões respondem:

Da partilha e fraternidade

Ao se iniciar, cada jornada já tem agendada uma festa de chegada no dia 6 de janeiro, na casa do festeiro. Ele e sua esposa são responsáveis pela organização e pelos preparativos da festa, eles fazem cálculos financeiros, enfeitam os chapéus, montam o presépio ou contratam alguém para isto. São também responsáveis por providenciar instrumentos musicais, se preciso for, e pelas vestimentas dos foliões. O festeiro do ano realiza em sua casa a festa (almoço/ jantar) de saída e chegada de uma Folia de Reis.

No que se refere aos preparativos da Folia de Reis, existem três pontos de vistas: do festeiro, dos próprios foliões e dos moradores que os recebem em suas casas. Os foliões não costumam fazer ensaios das toadas, e o único trabalho que têm com seus instrumentos é afiná-los uns com os outros. Como vimos, as vestimentas ou fardas são doações do festeiro. As camisas são feitas do mesmo tecido, que é comprado com antecedência e enviado a uma costureira que as confecciona. Estando prontas as camisas, a esposa do festeiro reúne algumas mulheres para enfeitar com fitas os chapéus, com o cuidado de ornar as cores entre si e com as camisas.

A vestimenta do palhaço, contudo, costuma ser a mesma por anos consecutivos e outra só é confeccionada quando a antiga está em más condições. Outra pessoa não se responsabiliza pela farda do palhaço, além dele mesmo. A máscara é feita pelo próprio intérprete, bem como seu bastão e chapéu. Todo o figurino do palhaço costuma ser bastante surrado, sobretudo as máscaras por serem de difícil limpeza, dado o material com que são feitas.

Os preparativos para receber em casa uma Companhia de Reis agrupam as pessoas, especialmente mulheres, em torno das refeições que serão servidas. Não sendo servido almoço ou jantar, as donas das casas se encarregam de preparar apenas uma mesa de café com quitandas, queijo e bebidas. Já os moradores responsáveis por servir as refeições principais têm um trabalho maior, em função da quantidade de comida a ser preparada. É importante lembrar que qualquer pessoa pode participar das refeições servidas a uma Companhia de Reis, por isso a fartura de comida é uma regra.

Situação especial vê-se na casa do festeiro, encarregado de realizar a grande festa de chegada no dia 6 de janeiro. Além dos preparativos envolverem um maior número de pessoas em torno das refeições, é preciso construir de improviso uma estrutura externa para receber tanta gente no dia da festa. Dezenas de pessoas costumam participar do evento, que reúne vizinhos, amigos, familiares e até pessoas das cidades próximas.

Para acomodar os convivas, costuma-se construir um barracão coberto de lona que tem como bases algumas toras de madeira e bambus formando uma espécie de parede. Neste local, ficam espalhados curiosos fogões improvisados, feitos de grandes cupinzeiros previamente arrancados dos pastos pelos homens. Uma abertura na parte inferior destes “formigueiros gigantes” permite que se coloque lenha para fazer o fogo. Sobre estes “fogões” são colocadas panelas de tamanho industrial, nas quais os mantimentos são cozidos em grande quantidade. Depois de armados, os barracões são mais comumente frequentados por mulheres, que, em trabalho de equipe, ficam a trabalhar na comida a ser servida.



Figura 5: Fogões improvisados em barracão construído para a Festa de Santos Reis (casa do festeiro).  
Foto: Arquivo pessoal da autora.

Algumas casas, sobretudo nas regiões próximas a Serra da Canastra, costumam servir apenas doces no dia da chegada de uma Companhia. Na Canastra isso não é comum, já que o tradicional é servir as refeições principais e os doces de sobremesa. Em São Sebastião do Paraíso, onde algumas Companhias foram também observadas, o dia 6 de janeiro é dia de se comer gratuitamente deliciosos doces. A fartura é tamanha que muitas pessoas chegam à festa portando vasilhas para, ao final, levarem doces para algum parente ou amigo que não pôde ir. Aos 87 anos de idade, Rut Fiori de Arruda lembra as festas que preparou para Santos Reis:

Os dias mais felizes da minha vida eram os dias das festas. As festas eram aqui na minha casa. Fazia 600 litros de doce, uma porção de quitandas, roscas, bolachinhas, biscoitos. Depois de tudo pronto, a gente passava apertada com as abelhas, elas judiavam demais da gente. Fazia doce de mamão, doce de leite, doce de cidra, doce de abóbora, tudo que é doce e todo mundo comia. Mesmo com chuva a gente realizava a festa. (Informação verbal)

Além das indumentárias dos foliões e das refeições, há toda uma ornamentação do terreiro das casas por onde a Companhia deverá passar. Além dos arcos de bambu enfeitados com flores, cartuchos de doces e outros objetos, as pessoas enfeitam o chão dos terreiros em frente às casas e, ao palhaço, cabe o desafio de “desmanchar” em versos os símbolos ornados com pétalas de flores, pó de serragens ou cal. Iniciais das expressões “Jesus Homem Santo” (JHS) e “Viva Santos Reis” (VSR) são comumente confeccionadas para receber uma Companhia. Os símbolos mais comuns encontrados nos terreiros são as estrelas de cinco e seis pontas e as cruces, a despeito do que pensam os foliões mais conservadores.

Para se ter uma ideia de como o símbolo da cruz é considerado um tabu dentro da Companhia, quando a jornada é num vilarejo ou cidade, eles andam a pé de casa em casa tomando sempre o cuidado de não cruzar ruas. O trajeto é cuidadosamente estudado para que não se façam cruces, em sinal de bom auspício à Companhia. De acordo com os foliões, a mensagem que levam é do Nascimento de Jesus e a cruz simboliza sua morte, daí deve ser evitada e até estritamente proibida. A morte ou crucificação de Jesus não é mencionada durante a jornada de uma Folia, representando uma oposição dicotômica à Anunciação. “É como ir ver uma criança recém-nascida e contar aos familiares como ele vai morrer dali uns anos”, explicou José Roque da Fraga, popularmente conhecido como Palhaço Nino ou Geléia. Sem saber disso, os devotos se benzem com o sinal da cruz ao verem passar uma Companhia de Reis com sua Bandeira à frente.

#### 4.1 Minha embaixada chegou<sup>12</sup>

Conhecidos os personagens e o contexto no qual está inserida a realização da Folia de Reis, vamos acompanhar um dia na jornada dos foliões.

O café da manhã do grupo ficou oficialmente marcado desde a noite anterior, mas há dias já estava sendo preparado pelos donos da casa. Os foliões reúnem-se por volta de sete horas da manhã, em um local previamente combinado, e seguem juntos até a primeira visita do dia. A maioria das Foliás atua na zona rural, sendo necessária uma caminhoneta para transportar os foliões.

Enfim, os foliões chegam à primeira propriedade a ser visitada. Trata-se de uma casa de tamanho razoável, bastante antiga, parede branca descascada, portas e janelas de madeira azulada. Assim que o colorido da Companhia começa a cruzar a porteira, em direção ao largo terreiro, os moradores vão surgindo, ansiosos para presenciar a chegada da Folia.

---

<sup>12</sup> Título de uma composição de Assis Valente, gravada no disco “Quando o Carnaval Chegar” - Nara Leão, Chico Buarque e Maria Bethania (1972).



Figura 6: Visita a uma propriedade rural – moradores observam a coreografia da meia lua executada pelos foliões.

Foto: Arquivo pessoal da autora.



Figura 7: Deixando o automóvel próximo, os foliões andam a pé pela região.

Foto: Arquivo pessoal da autora.

Ao se aproximarem, os foliões identificam as letras VSR escritas com pétalas de flores bem em frente à porta da casa. O palhaço recita versos diante dos letreiros e dos símbolos:

Deus lhe salve a letra V  
 Por ela ser a primeira  
 letra que representa  
 viva nossa Bandeira.  
 Deus lhe salve a letra S  
 por estar em segundo lugar  
 é o divino Santos Reis que vem lhe visitar  
 Deus lhe salve a letra R  
 por ela ser a derradeira  
 são os Reis do Oriente  
 que estão nesta Bandeira.

Após cada verso, o palhaço espera a aprovação dos moradores, por meio de aplausos e exclamações, para só então apagar com os pés as referidas letras. Ainda com a palavra, o palhaço recita mais versos que anunciam a chegada da Companhia:

Os Três Reis vem viajando  
 Na sua porta ele parou  
 Vem fazer uma visita  
 Na casa do senhor

Ó meu nobre senhor  
 Como vai e tem passado  
 O senhor e vossa família também  
 Viemos trazer notícia certa  
 Da lapinha de Belém

Os Três Reis aqui chegou  
 São José e Nossa Senhora  
 O senhor aceita a cantoria  
 Lá de dentro ou aqui de fora?

Após terem licença para entrar, o palhaço folião pergunta se existe algum tipo de crucifixo dentro da sala. Não há! Neste caso, sem problemas; caso contrário, os artefatos teriam que ser removidos e guardados, já que tocam numa questão avessa ao simbolismo da Folia, o nascimento e não a morte, o Natal e não a Paixão de Cristo. Assim, os foliões passam a Bandeira às mãos dos moradores e dão início a cantoria. Eles cantam versos aprendidos “de ouvido” com os mais velhos, que por sua vez aprenderam com outros que já se foram. Ainda que as palavras mudem ao sabor das circunstâncias, a pauta dos versos é sempre a mesma: a chegada daqueles que trazem a mensagem do Nascimento, a Boa Nova, o Evangelho.

Os Três Reis aqui chegou  
 Foi nessa hora sagrada  
 Saúda o nobre morador  
 E visita sua morada  
 Ó meu nobre senhor  
 Como vai e tem passado  
 O senhor e vossa família também  
 Viemos trazer notícia certa  
 Da lapinha de Belém.

Os Três Reis em sua casa

Todos viram ele chegar  
 É o Divino Santos Reis  
 Que vieram visitar

Deus vos salve o nobre casal  
 Com a bandeira na mão  
 Faz oferta aos Três Reis Santo  
 E recebe a saudação.

O interior da pequena sala fica apertado para tanta gente; sem qualquer requinte no estilo, as rudes paredes fazem a divisão dos cômodos, sendo que o telhado, em parte sustentado por grossas toras de madeira, é alto e cobre toda a casa sem que haja forro. No cômodo de entrada, na sala de estar, por assim dizer, a mobília é simples. São dois sofás e, acima deles, pregados na parede, antigos e já bastante envelhecidos retratos de família em molduras de madeira ornada em dourado. As fotografias lembram pinturas feitas à mão e estão dispostas bem próximas umas das outras, cobrindo parte considerável de parede da sala.

Neste momento inicial, a cantoria tem um ritmo mais alegre, peculiar do pedido de esmola. “Vem pedir a sua oferta e também impor benção”, esta é a frase que vai sendo repetida pelos foliões até o final da toada. Como de praxe, os moradores ofertam dinheiro à Companhia, que depois agradece:

Deus lhe pague a bela oferta  
 Que vem da mão do casal  
 Deus te veja lá no céu  
 Com o Pai Celestial

Santos Reis já vai s'embora  
 Já vai deixando saudade

Desejando um ano novo  
 Cheio de felicidade

Dentro da casa, todos os visitantes e parentes apreciando a apresentação. No centro da sala, apertados, os dois matias dançam com os bastões à mão. A Bandeira fica virada de costas para a Companhia e somente na hora de sair será virada de frente. Depois de um belo café da manhã, regado a quitandas de toda sorte, leite, café, queijo, sucos, e bebidas alcoólicas, os foliões tocaram e cantaram dentro da casa e no terreiro. Entre os convivas, não há lugar para a tristeza e uma nova cantoria é sempre bem vinda. Então, cantam fazendo a despedida e seguem jornada.

Passando por muitas casas e comércios à beira da estrada, a Folia é recebida sempre com alegria, mas também com muita cachaça. O nível de embriaguez entre os que bebem é mantido, com tendência ao crescendo, já que a cachaça e outras bebidas são oferecidas em abundância e regularidade durante as visitas feitas pela Companhia. Bebe-se desde a manhã, atravessando o dia numa alegria crescente que mistura devoção e clima festivo. Lembram os andantes dançarinos e cantadores, pagadores de promessas e pedintes, que no seu giro levam alegria e a possibilidade de mudança – seja de um estado físico ou econômico degradante para outro de maior bem estar.



O costume de beber cachaça, comum na vida rural, pertence ao universo masculino. Neste momento da escrita, abrirei um parêntese para falar em primeira pessoa, mesmo se tratando de um texto descritivo impessoal. Durante esta pesquisa, frequentei regularmente os bares das localidades estudadas e posso garantir que nunca bebi com uma mulher nativa. Não estou dizendo que as mulheres de lá não bebem aguardente, mas sim que não bebem nos bares frequentados quase que exclusivamente por homens. Se as mulheres bebem, o fazem escondido. Apesar de me chamar a atenção o uso da aguardente e a sua indispensável presença nas Festas de Reis, não aprofundi minha observação nos marcadores sociais da diferença, nem nas questões de gênero. Só pude sentir o valor da “marvada pinga” no cotidiano do lugar porque bebi com as pessoas, com os rapazes e homens nos bares e com os foliões, nas nossas andanças de casa em casa. Mulher que bebe publicamente não é bem vista pelas outras mulheres e, no limite, não é respeitada pelos homens. Tive problemas que considero graves e enfrentei muitos constrangimentos por conta disso. Por outro lado, próxima do território masculino, tive acesso a informações privilegiadas enquanto bebi com os homens, nos bares e nas folias. Sempre com gravador ligado eu costumava explicar ao parceiro de gole: “meu companheiro aqui vai ficar sóbrio para amanhã me lembrar de tudo”.

Por ser mulher da cidade, solteira e sozinha bebendo cachaça entre os homens eu era alvo do interesse das pessoas. Sempre concentrada na conversa que estava tendo com quem se dispusesse a me responder as perguntas diante do gravador, no início eu não me dava conta de que estava sendo também observada. Mas, depois de um tempo no lugar, comecei a sentir-me o centro das atenções. Para minha surpresa, não era o gravador que eles queriam ver; queriam era me ver beber. Sim, há o prazer de beber e o prazer de ver o outro beber. Muitos que foram obrigadas a parar de beber, por motivos de saúde, gostam de ver os outros mandando prá dentro, num gole só, doses e mais doses de cachaça. Só quem bebe consegue compreender empiricamente o bem estar cotidiano provocado pela aguardente “consumida com moderação”. Isso significa que é possível beber e não ficar bêbado, como fazem muitos homens da Serra da Canastra para realizar atividades agrícolas diárias, como capinar a terra e adubar o cafezal. No fim do dia de trabalho duro, a intervenção protetora dos Três Reis do Oriente dá força e saúde para trabalhar, mas o humor e a leveza corporal são atribuídos pela cachaça. Tanto que é comum tomarem uma dose de “combustive” (falam isso rindo), antes de porem o pé na estrada de volta pra casa. A cachaça é considerada um energético e pode ser tomada a qualquer hora do dia ou da noite.

Que o leitor perdoe a exposição que vem a seguir com relação aos vícios alheios, os quais deformam o caráter e maculam a imagem, mas isso será necessário para ilustrar dois

pressupostos: primeiro, o uso de bebida alcoólica, especialmente da cachaça, representa prazer para os foliões, mas o alcoolismo é rechaçado pelos mesmos; segundo, sendo o palhaço uma figura marginal e, ao mesmo tempo, indispensável no ritual, ele pode tanto representar a fronteira entre o bem e o mal, quanto representar o poder do fraco, como sugere esta memória pessoal de um episódio envolvendo Nino e a dependência alcoólica.

O palhaço Nino tinha uma proibição tácita de não beber durante os dias de jornada. Obedecia ao prescrito, sempre ao olhar atento do Capitão Jacy que, em segredo, comentou: “se a gente descuidar um instantin, ele desanda na cachaça.” (Informação verbal)

Numa noite, depois de um dia em jornada com a Companhia de Reis de Vargem Bonita, aceitei o convite para passar a noite nas módicas acomodações de Nino, o Palhaço Geléia, que dizia ter 157 anos e a participação em três mil folias! Assim que se sentiu guardado dos olhares dos foliões, Nino pediu a garrafa de pinga que trazíamos na mochila. Encheu um copo americano até transbordar e num gole só mandou para dentro o que desejou o dia inteiro. Ficou bebendo noite toda e dormiu, de botas, no sofá da sala repleta de baratas. Para se ter uma ideia da situação que era a sua casinha infestada de insetos, mesmo constrangida em recusar a cama que Nino ofereceu, pedi permissão para montar minha barraca no terreiro. Na manhã seguinte, em torno de sete da manhã, Nino saiu para mais um dia de representação e algumas horas de abstinência.

Nino faleceu há alguns anos, mas enquanto atuou como palhaço, foi um dos mais hábeis da região, sendo citado por foliões das outras quatro regiões pesquisadas como um bastião experiente e admirado. Diziam que ninguém sabia dançar em cima de um ovo que nem Nino, nem falar tantos versos, nem fazer piadas e aprontar tantas peripécias. Ele, o alcoólatra, o miserável que vivia entre as baratas, sem família e sem emprego, o homem marginal, era aplaudido pelas pessoas todas as vezes que se apresentava mascarado e, mesmo ausente, era reverenciado.

Para fechar este longo parêntese de memória e vivências pessoais, vou partilhar mais uma narrativa que ouvi do folião Amador, de São José do Barreiro e que foi confirmada por foliões de outras paragens. O episódio, além de hilariante, sintetiza o espírito da vivência comungada pelos próprios foliões em torno da bebida. Vejamos: em uma das jornadas de Companhia de Reis pelas propriedades rurais, os foliões a pé pelos caminhos do Chapadão, de casa em casa um pantagruômico comer, bebendo do tonel das danadas, pintando o caneco. Nos pastos, nos desrums das montanhas, onde só eles eram vistos, em total cumplicidade, pararam os andarilhos pra descansar embaixo das árvores. Corpos prum lado, instrumentos musicais pro outro; Bandeira Santa descuidada pelo bastião alcolizado e exaurido de tanto

caminhar. O grupo de amigos, desfeitos do suor, das poeiras e chuvaradas, compõe um cenário bucólico, onde um gado pasta bem perto. Pois não foi que um boi aproximou-se, deve ter cheirado a bandeira como se cheirasse um tecido qualquer, já que santo descuidado não faz milagre e, pôs-se a mastigar, a ruminar o tecido da Bandeira. Foi quando o primeiro folião acordou: "Virgem Maria, a Bandeira!!!". Mesmo depois do ocorrido, o capitão deu ordem de seguirem a jornada, em obediência ao preceito de que uma Companhia de Reis não pode cruzar caminhos, nem tampouco desistir e voltar. Na visita seguinte, quando os donos da casa saíram à porta para receber a Bandeira de Santos Reis, o palhaço foi logo versando: senhores dono da casa/veja o que aconteceu/dá uma esmola pr'este pau/ que a Bandeira o boi comeu.

A história deste episódio, assim como de outros que envolvem o excesso de bebida alcoólica, é contada sem constrangimentos; ao contrário, com certo tom de feito heroico dos antigos foliões que ainda se lembram de como era cumprir a pé uma jornada de Companhia de Reis.

São pouco mais de onze horas da manhã e o grupo está se dirigindo ao local do almoço. Um mormaço quente é prenúncio de chuva forte e os foliões conversam animadamente entre si. O almoço será em uma fazenda simples, cuja moradora testemunha o milagre de Santos Reis. Neste caso, em especial, a Companhia não fez o pedido de refeição, porque foi informada com antecedência sobre um pagamento de promessa, mesmo assim o palhaço recita no terreiro da casa:

Os Três Reis veio de longe  
Na sua casa ele chegou  
Na procura do alimento  
Dependeu do seu favor

Os Três Reis aqui chegou  
Vieram com muito respeito  
Lá de trás mandou aviso  
Veio ver se foi aceito

Santos Reis aqui chegou  
São José e Santa Maria  
Com todos os instrumentos  
Damos vivas de alegria

Viva os Três Reis Santo! Viva!!  
São José e Santa Maria! Viva!!  
Viva a dona da casa! Viva!!  
Com toda a sua família! Viva!!

Benedita Arminda da Costa, uma pagadora de promessa que recebeu a Companhia em fazenda de poucos recursos, localizada a 17 quilômetros de Vargem Bonita, declarou que estava com sérios problemas de saúde relacionados ao coração. No fim do ano anterior,

quando a Companhia passou por sua casa, ela e seu esposo, Orosontino Ferreira da Costa, pediram aos Santos Reis a cura e comprometeram-se a promover um almoço durante o giro seguinte, caso fossem atendidos.

Um ano depois, o casal oferece o almoço farto, com mandioca, arroz branco, feijão amassado, couve refogada, frango caipira, carne de porco cozida, macarrão e salada de alface e tomate. Para acompanhar, vinho tinto, aguardente e refrigerante. Não faltou a sobremesa: doce de abóbora preparado com leite. Depois do almoço, alguns foliões distraíram-se jogando baralho, enquanto outros cochilaram à sombra das árvores. A Bandeira, que antes fora recebida de joelhos pela mulher e seu esposo, descansa sobre a cama do casal ao lado dos instrumentos musicais, bem guardada pelos palhaços, que se revezam na porta do quarto.

Após o almoço, o capitão anuncia que será feita a despedida e os foliões com seus instrumentos reúnem-se na sala para fazer seus agradecimentos aos moradores da casa. Segurando a Bandeira com uma das mãos, a devota de joelhos entrega ao capitão duas notas de R\$ 10,00 (dez reais) e, por meio de alfinetes, fixa na Bandeira uma fotografia sua. Outras fotografias, orações, terços, fitas, flores de plástico e objetos vários estão colados, costurados ou fixados na Bandeira, indicando pagamento de promessas ou pedidos. A cantoria recomeça. Eles vão agradecer a oferenda e se despedir, duas toadas obrigatórias em qualquer almoço, mas naquela casa incluiu-se entre elas uma benção à moradora por se tratar de devota com testemunho de milagre de Santos Reis. O ritual de fazer a cantoria completa, ou pelo menos o básico que é *licença para entrar, o pedido de esmola, o agradecimento e a despedida* é chamado pelos foliões de embaixada. A embaixada segue na sala apertada de mobília simples e se estende até o quintal da frente da casa, entre galinhas, pintinhos, galos, cães, gatos e algum gado leiteiro usado para o feitiço do queijo. Eles cantam:

Deus vos salve penitente  
Filha da Virgem Maria  
Já cumpriu a sua promessa  
Com os Três Reis Santos da guia

O clima é de devoção e a mulher enxuga suas lágrimas, abraçada a uma moça que deve ser parente do casal. São feitas algumas orações de agradecimento e a cantoria continua na mesma toada até que o grupo faz menção de finalmente se despedir.

O marido, ligeiramente alcoolizado e em tom de brincadeira, diz que tem uma oferta especial aos foliões e aponta um ovo que foi cuidadosamente posto no meio do terreiro. Os palhaços se olham por detrás das máscaras e um deles faz o sinal de que vai enfrentar o desafio. Um dos “castigos” impostos aos palhaços é ter que dançar em volta de um ovo,

passando os pés por cima sem quebrá-lo. Podem ser repetidas vezes obrigados a executar este número, a depender da quantidade de ovos.

Com sua conga surrada o palhaço exhibe passos de dança ligeiros e inusitados, enquanto todos estão com os olhos fixos no ovo. Com as chuvas de janeiro esta proeza fica ainda mais interessante por causa da lama, naturalmente. Os pés de um palhaço hábil podem escorregar na lama, mas jamais em um ovo. Depois, o homem com desenvoltura de menino pega o ovo como quem obtém o prêmio. Sob o ovo estava escondida uma nota de dinheiro que é rapidamente guardada no embornal do palhaço. É mais uma oferta do dono da casa para a Festa de Santos Reis.

Tudo envolve uma materialidade grande: Bandeira, fotos, dinheiro, ovo, alimentação e instrumentos musicais. Mas, além da grande circulação de dádivas, tanto moedas quanto bênçãos, há nos rituais das Folias de Reis uma circulação de símbolos e de interpretações para seus significados. Este saber é passado de folião para folião, entre uma embaixada e outra, nas conversas ao pé do ouvido.

É pouco provável que as pessoas tenham conhecimento desta dinâmica de circulação de dádivas simbólicas ao simplesmente assistirem encantados à apresentação de uma Companhia. O homem devoto que sugeriu a dança no ovo, por exemplo, se preparou um ano para receber o grupo em casa e ainda assim cometeu um grande sacrilégio, de acordo com o universo simbólico partilhado pelos foliões. Para eles, que compartilham os significados do catolicismo, o ovo simboliza vida, nascimento e ressurreição, estando diretamente relacionado à Páscoa Cristã. Para os foliões mais antigos, o ovo representa Jesus e, durante a Companhia, o Menino Jesus. “Dançar em cima de ovo não é certo. Vai colocar o palhaço para dançar em cima do Menino?”, comenta sem maiores explicações um dos foliões com tom de crítica veemente.

Ao saírem de casa em casa, entre estradas e terreiros, os foliões observam sempre algumas regras ritualísticas, entre as quais, a proibição de se passar instrumentos musicais por baixo de cerca ou porteira. Nas narrativas de foliões há algumas referências à afinação/desafinação de instrumentos musicais. Há inclusive a crença de que uma viola, para ficar bem afinada, deve ser tocada durante a embaixada completa numa casa que recebe a visita da Companhia de Reis. Ou seja, deve ser tocada desde a cantoria de licença até a de despedida e se, ao final da embaixada, no terceiro par de cordas uma delas ou as duas se arrebentarem, o instrumento estará primorosamente afinado.

Durante esta pesquisa, não foi possível provar empiricamente a desafinação dos instrumentos, pois, como constatado, é extremamente proibido passá-los debaixo das cercas. Quando, para cortar caminho entre uma propriedade rural e outra, é preciso transpor um obstáculo desta natureza, os foliões passam os instrumentos por cima, revezando entre eles a tarefa de segurá-los de um lado a outro. Os foliões mais antigos não costumam falar sobre esta regra, que acaba sendo aceita pelos mais jovens sem questionamento.

Todavia, a fim de desvendar as regras ocultas do ritual, é preciso mais que observação do evento isolado; ele deve ser pensado juntamente com outra *performance* ritualística – a benção dada aos foliões e seus instrumentos na noite de Natal. Vamos ver o que comentou um folião sobre esta analogia entre os rituais:

Nessa hora [referindo-se ao ato de se passar a Bandeira sobre a cabeça dos foliões] só a benção de Deus está por cima dos instrumentos; depois disso nem eles, nem a Bandeira, podem passar por baixo de nada. Por baixo eles passam só dos olhos de Deus, nada que é feito pelos homens será passado por cima dos instrumentos ou da Bandeira. (Informação verbal)

Que Bandeira é esta, afinal? Que significado tem além de ser a imagem de Santo Reis, mais que isso, ser a presença física dos Santos entre as pessoas do lugar? Quando a Bandeira é entregue às mãos dos donos da casa, em absolutamente todas as vezes, eles permanecem cordatos, pensativos até o fim da embaixada e depois dispõem o estandarte sobre a cama, não sem antes ajeitar os lençóis. As pessoas da casa se benzem beijando-a e algumas fitam, num misto de cerimônia e curiosidade, as fotografias presas com alfinetes à Bandeira.

O estandarte tem um simbolismo muito grande para os foliões, ele é considerado o guia da Companhia, conforme este depoimento de um folião:

Olha, o significado, pra mim ela é a principal, sem ela não tem Companhia de Reis, como vamos sair cantando Reis sem os Três Reis? Não existe isso. Eu respeito ela demais, e todos que fazem parte da nossa Companhia eu peço para andarem atrás da Bandeira, ninguém pode ficar andando na frente dos Santos Reis, porque a Bandeira é a nossa guia, e os foliões não podem passar na frente da guia, se ela é guia então tem que nos guiar indo na nossa frente. (Informação verbal)

Em termos de materialidade, podemos também pensar que a Bandeira seja um mapa da localização do Nascimento de Jesus, conforme proposição de um entrevistado. Tendo os Reis do Oriente encontrado o Menino, eles teriam feito uma espécie de mapa; se eram astrólogos teriam feito um mapa astral. A conversa com um folião não deixou claro e percebe-se que uma aura de mistério ronda este assunto, pois os foliões não falam muito sobre o tema e, quando falam, são contraditórios: a Bandeira é o mapa falso que os palhaços levaram para

enganar os outros soldados de Herodes que vinham atrás do Menino Jesus, disse um violeiro que também já foi palhaço da Folia.

Nas visitas durante a tarde, os lanches são fartos: água gelada, refrigerante, pão de queijo com carne moída, queijo canastra, café e quitandas, entre as quais uma espécie de biscoito chamado “joão deitado”, que é uma mistura de mandioca, açúcar, ovos e queijo assada na palha da bananeira. Nas paradas que se seguem ao almoço, os foliões naturalmente não comem muito e se distraem tocando e cantando músicas sertanejas, além de darem preferência para a cachaça.

Numa destas visitas vespertinas, ficou clara a impressionante capacidade de improvisação de versos, que depende da situação encontrada em cada lugar. Se na aparência os versos são todos decorados, quando um palhaço ou um capitão é bom, ele acaba inventando dizeres que tenham a ver com algo ainda fresco no acontecido. Numa despedida, o Palhaço Donga aproveitou para denunciar o colega folião José Bernardes:

Agradeço o bom biscoito  
Feito com tanto colosso  
Peço perdão pelo folião  
Que tá levando dois no bolso.

Quando chegam a uma casa, que pediu para ser incluída no percurso por pagamento de uma promessa, os Foliões entregam a Bandeira aos moradores que a recebem de joelhos no chão. Rezam o terço e a visita acaba sendo mais demorada e com caráter mais religioso, mais compenetrado. Porém, há sempre espaço para o clima festivo: enquanto convivas comiam e bebiam, os músicos foliões tocavam modinhas que “pareciam” de carnaval. De tão velhas, são canções que nos lembram de algo em comum, já que foram transmitidas e recriadas deixando em nós também um ensinamento, mas ao mesmo tempo algo diverso por ser ausente.

À percepção superficial de quem vê esses homens só no dia 6 de janeiro, identificando apenas valores religiosos do catolicismo, ouvir renascer um Mário Lago na sanfona do tocador de Folia de Reis, é descobrir um elo que liga festa e religiosidade. Então, há uma festa religiosa convivendo com uma pagã, o que revela a caduquice da oposição entre sagrado e profano. Há até dança no meio do salão.

Outra visita especial no meio da tarde foi à casa de um folião. O homem, de aproximadamente 70 anos, tinha a saúde bastante debilitada, mas, por causa de sua participação na Companhia por muitas décadas, fazia questão de recebê-la anualmente. A

recíproca era verdadeira, já que alguns dos foliões ainda atuantes na Companhia foram seus companheiros em jornadas passadas e, por consideração, incluíam a casa do parceiro no trajeto. Eles cantam com certa emoção:

Deus vos salve folião  
 Filho da Virgem Maria  
 É devoto do Três Reis  
 Faz parte da Companhia

Na casa do folião, o ritual é o mesmo: pede-se a esmola, agradece a oferta, é feita a despedida. Contudo, nos intervalos, a temática preferencial foi o passado da Companhia de Reis, e muitos nomes de foliões falecidos foram lembrados. Exceto o doente, todos beberam vinho e é curioso notar que ao despedirem-se da casa, mencionaram a bebida em um trecho da cantoria, como o leitor pode ver na transcrição:

Deus vos salve companheiro  
 E também sua senhora  
 Arrecebe a saudação  
 Também faz a vossa esmola

Deus lhe pague a bela oferta  
 Da senhora e o folião  
 Vou pedir aos Santos Reis  
 Pra lhe dar a proteção

Deus lhe pague o belo agrado  
 E também o belo vinho  
 Lá do céu os Três Reis Santo  
 Receberam com carinho

Santos Reis já vai s'embora

Visitar comunidade  
 Desejando um ano novo

Cheio de felicidade

A jornada prossegue dia afora, sob fina chuva, passando a caminhoneta com os foliões por estradas de terra pouco movimentadas. Um automóvel fusca segue à frente, guiado pelo capitão, levando o macuco, que vai abrindo e fechando as porteiros. Numa casa de fazenda onde não havia gente, os carros voltaram para a estrada tão logo foi notada a ausência de moradores. Porém, para indicar a visita da Companhia com a Bandeira Santa, um folião pulou da caminhoneta e foi até o terreiro da casa, onde jogou um pedaço de fita colorida. De volta ao seu assento ele gritou:

Vimos debaixo de chuveiro  
 Porque por cima não pode de ser



Deixamos fita em seu terreiro  
Pra de Santos Reis não se esquecer

Sentados em desconfortáveis bancos de madeira da caminhoneta, sujeitos ao balançar do itinerário e aos buracos das estradas, eles não se descuidam de seus instrumentos musicais. Conversam alegremente, comentam sobre a paisagem, contam piadas, improvisam versos para os companheiros. Há sempre alguém meditativo, com o olhar fixo nos pastos e montanhas, paisagem familiar que nos dias de giro é contemplada diferentemente.

Cada quilômetro deixa-os mais próximos da realização de mais uma Folia de Reis, ou em termos espirituais, deixa-os mais próximos de Jesus. “Nós levamos Jesus para as pessoas, mas também encontramos Jesus em pelo menos uma pessoa da casa que tem fé. Folia de Reis é encontro com Jesus, não só nos presépios, mas também no coração” (Informação verbal), disse Marcio Pereira Luciano, alferes de Folia. Tais quais as três peças do presépio que se movem pelas mãos das crianças, sendo os intérpretes dos humanos em volta, os foliões andam muitos quilômetros em alguns dias e até noites, com o propósito de se aproximarem de Jesus, de perpetuar o cristianismo. Não significa que estão indo necessariamente para Lapinha de Belém; ao contrário, “a Folia se formou foi na viagem de volta” (Informação verbal), explicou um folião.

Entre três e quatro da tarde, os foliões descem em uma propriedade pequena, talvez a mais modesta pela qual tenham passado naquele dia. Sem fazer diferenciação entre ricos e pobres, a Companhia pede licença para entrar:

Com licença, com licença  
D’eu chegar no seu terreiro  
Bandeira dos Três Reis Santo  
É o santo verdadeiro

Com licença, com licença  
De no seu terreiro eu chegar  
Bandeira dos Três Reis Santo  
Veio pra lhe visitar



Figuras 8 e 9: Dois ângulos da visita  
Fotos: Luciano Goulart

Já dentro da casa, após o cântico de pedido de esmola, uma mulher pede que os foliões entrem no quarto de sua mãe, gravemente doente. Como é de costume, a Companhia canta pedindo intercessão aos Santos Reis para a cura da senhora. Muito grata, a família oferta duas galinhas ao grupo, que se retira.

Pela esburacada estrada roceira, entre um e outro gole, a Companhia corre para cumprir sua agenda. A fazenda agora é de pecuária, com muitas vacas e bois pelo pasto. A casa é ampla, os anfitriões bastante cordiais e religiosos, por sinal, visto que três crucifixos tiveram que ser guardados. Após a entrada na casa, a Companhia nota o presépio montado na sala, e o bastião começa a cantar os versos dedicados àquele tão significativo cenário em miniatura. Como sabemos, no caso de haver na casa um presépio é obrigatória a execução de 24 versos. Tudo a seguir transcorre com alegria e os foliões saem extremamente agradecidos pela generosa oferta de R\$ 50,00 (cinquenta reais) em dinheiro vivo. Em ritmo de marchinha fazem a coreografia da meia lua.

É uma regra que, durante os cânticos, a Bandeira, que é segurada pelo morador, possa ficar de frente para os foliões, mas jamais para os palhaços. Estes, devem esperar do lado de fora da casa até a Bandeira ser guardada em um dos quartos enquanto a refeição é servida, e só entram em cena ao final da embaixada, quando a Bandeira é novamente levada para o terreiro ou quando guardada em um dos cômodos. As Companhias mais antigas tinham ainda por regra que o palhaço, sem usar máscara, ficasse dentro do quarto junto à Bandeira e não

saísse nem para comer. As refeições eram levadas para ele no quarto, muitas vezes escuro. Este costume não existe mais, entretanto entre os alferes mais antigos a lembrança está ainda bem viva.

Para evitar que se fique de frente com a Bandeira, os palhaços repetem o rito de andar, quase dançando, uma trajetória de meia lua para as extremidades. Assim passam ao lado dos outros foliões e de costas para a Bandeira, que passa no meio dos músicos e cantadores até sair à frente, quando será acompanhada por toda a Companhia, inclusive pelos palhaços.

Num ritmo de marchinha o grupo faz a coreografia que lembra uma lua crescente ou cheia, uma saudação aos moradores que pode ser feita tanto na chegada quanto na saída. Duas filas de foliões são formadas e elas andam harmoniosamente no mesmo ritmo, porém, em sentidos opostos, transpassando uma fila pela outra formando conseqüentemente uma circunferência (lua cheia) de 360° e uma semicircunferência (lua crescente) de 180°. Neste momento todos os instrumentos vibram em uma melodia animada que transmite a alegria da chegada ou da saída da Companhia de Santos Reis. Essa dança tem várias coreografias, porém, sempre formada em duas filas que se movem uma em direção à outra, até retornarem à sua posição de partida. A meia lua é realizada especialmente quando a Companhia encerra seu trabalho ritual, sendo uma espécie de fechamento. Entretanto, pode também ser feita no início, como forma de saudação.

Os depoimentos de foliões coletados durante giros de Companhia de Reis relacionam a meia lua a uma espécie de artimanha utilizada para dissuadir os inimigos, os soldados de Herodes, de encontrar Cristo. É um jogo de esconde-esconde, no qual a caça (o Jesus Menino) é protegida pela Companhia.

Este rito revela o quão paradoxal é a figura do palhaço. Em muitos outros momentos, interpretado como o caçador, o mascarado torna-se o protetor do Menino, ao atrair para si a atenção com o intuito de entreter as pessoas.

Estas informações ficam, contudo, no recôndito do secreto, na intimidade do núcleo grupal. Tais segredos, chamados de ‘tradição’ pelos foliões, constituem o princípio ordenador da Companhia de Reis, além de revelarem concepções acerca da autocompreensão e da eficácia simbólica do grupo.

No discurso dos foliões, a meia lua é uma forma de alegrar o dono da casa e de trazer o povo para perto da Companhia, contudo, sem expor a Bandeira. O significado é o seguinte: os palhaços são os guardas da Bandeira, mas antes eram os soldados do Rei Herodes, e quando viram o Menino Jesus e os Reis Magos em adoração se converteram e vestiram máscaras para protegê-Lo. Então, a meia lua é um tipo de proteção para a Bandeira,

pois quando a Companhia chega numa casa, a atenção está voltada para a Bandeira. Mas, quando os instrumentos começam a tocar e os palhaços a dançar, a atenção do público é voltada para os palhaços, que fazem uma dança colocando a Bandeira no meio do círculo e impedindo que qualquer pessoa se aproxime dela. Quando estão fazendo a meia lua, ninguém chega perto da Bandeira, porque ela está protegida pelos palhaços e foliões que estão dançando ao redor. “É uma forma de disfarçar a chegada dos Três Reis e de levá-los ao seu destino, para a casa deles sem chamar a atenção, porque quem chama atenção são os palhaços” (Informação verbal), explicou um folião.

Identificados como os melhores soldados de Herodes, os que primeiro chegaram ao Menino, estes personagens mascarados guardam os limites entre as duas forças que movem o universo cristão, o bem e o mal – eles estão na fronteira, por sinal pouco definida, entre o vício e a virtude, entre a verdade e a mentira, entre a obediência e a escolha individual. A relativa liberdade da qual goza o palhaço, como vimos, pode ser interpretada como um indício de que o personagem tenha vida própria dentro da dinâmica organizacional da Companhia de Reis.

Numa das andanças do grupo, o palhaço Nino, um dos mais experientes alferes de Folia de Reis da região, entrou em uma casa portando máscara e não prestou atenção ao crucifixo preso acima da porta. Quem ficou preso foi Nino, porque o dono da casa, além de ser um senhor muito brincalhão, desses que todo ano ofereciam religiosamente almoço, jantar ou pouso, conhecia bem as regras simbólicas da Companhia. Do tempo em que se usava prender palhaços dentro dos quartos, o homem deixou Nino lá só uns minutos, o suficiente para provocar risos e lembranças.

Ao sair, Nino contou que há muitos anos um fazendeiro o prendeu durante a noite toda, mas que de madrugada todos da casa acordaram com uma peripécia sua. Trancados, os palhaços não podiam pular pela janela, porque se alguém da casa pegasse a Bandeira seria preciso falar muitos versos para obter a liberdade. Então, era melhor ficar no quarto sem cansar a cabeça com rimas. Mas como cabeça vazia é oficina do diabo, Nino teve a ideia de abrir o guarda-roupa e encontrou muitos vestidos, saias e peças íntimas como anáguas e sutiãs – era o quarto das moças da fazenda. Ele então foi vestindo uma peça por cima da outra, até ficar com seios enormes e quadril de donzela. Abriu as gavetas onde estava a maquiagem e passou quantas camadas quis de batom e de pó de arroz. Enquanto isso as pessoas comiam, bebiam, faziam festa lá fora. Nino foi exagerando no visual até que as pessoas dormiram. Era madrugada quando ele abriu a larga janela do quarto e começou a jogar ao terreiro colchões, criados mudos, poltronas, travesseiros, cobertores, toda sorte de objetos e móveis que

conseguiu, até que as pessoas começaram a acordar alarmadas. Percebendo que a confusão tinha sido causada pelo palhaço trancado dentro do quarto, foram abrir a porta do cômodo e para a surpresa hilariante de todos encontram uma donzela rechonchuda. Segundo Nino, foi a última vez que o tal fazendeiro prendeu um palhaço e, apesar da confusão, o que ele fez não foi errado: “eu não podia sair do quarto, mas as coisas podiam, uai”.

Atualmente não se vê mais episódios de palhaços presos por muito tempo, mas continua valendo a regra, entre outras, de que ele, estando mascarado, não pode ficar de frente para a Bandeira. Foi Nino quem explicou o motivo, depois de contar toda a história bíblica do Nascimento de Jesus, que está lá em Mateus e em Lucas, ele acrescentou:

Herodes queria matar Jesus e enviou seus melhores soldados atrás Dele. Quando eles viram o Menino Jesus, sentiram que era mesmo o filho de Deus e se arrependeram. Colocaram máscaras e roupas coloridas e voltaram para atrapalhar os outros soldados que estavam a caminho e dar tempo de José e Nossa Senhora fugirem para o Egito. (Informação verbal)



Figura 10: Chegada da Companhia no terreiro da casa.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> As figuras do número 10 ao 15 e a figura 17 são fotografia tiradas por Marcelo Cassoli.



Figura 11: Visita à capela de Santos Reis.



Figura 12: Vista panorâmica da Companhia de Reis.



Figura 13: Momento de oração.



Figura 14: O meio de transporte dos foliões atuais.



Figura 15: Os foliões.



Figura 16: Foliões cantam e tocam do lado de fora da casa enquanto o almoço é servido. Sem máscara, intérprete do palhaço não descuida de seu bastão.  
Foto: Luciano Goulart



Figura 17: Mestre de Companhia de Reis beija a Bandeira

Nos meses de dezembro e janeiro, chove bastante na região da Serra da Canastra. São chuvas leves e passageiras, mas recorrentes durante todo o dia. Quando o chuvisco coincide com uma tarde ensolarada, a paisagem fica ainda mais bela enfeitada por arco-íris que lembram as fitas coloridas dependuradas nos instrumentos dos foliões e nas fardas dos palhaços. Sendo uma região de muitas montanhas, é possível ver uma Folia de Reis ao longe, no sopé da serra, enquanto se trilha pelo piemonte. Vistos de longe, a Companhia é um espetáculo de cores que modifica a paisagem. De perto, quando o sol reflete nos instrumentos, dão a impressão de serem luzes. Aonde chegam, os foliões levam alegria, música, dança, comicidade e emoção, tudo isso modificando o cotidiano das pessoas. Para os devotos, aqueles que têm fé no poder milagroso dos Três Reis Santos, a visita de uma Companhia pode modificar uma realidade de sofrimento.

Nesta caminhada de fé, não faltam relatos de milagres atribuídos a Santos Reis. Quase todos os envolvidos na realização de uma Folia de Reis têm um para contar; lembrando os detalhes, os momentos cruciais, a decisão de entregar a Santos Reis a solução do infortúnio e o milagre da “graça alcançada”.



O cansaço dos membros da companhia é aliviado pela sensação de transcendentalismo religioso provocado pela aguardente. Lá pelas sete e meia da noite, a Companhia desce na propriedade que representa a última parada do dia. É nesta fazenda que, após os ritos religiosos terem sido realizados e após a Bandeira e os instrumentos terem sido guardados, os foliões são apresentados ao seu banquete final, do qual usufruem à vontade, bebendo os últimos goles de cachaça como acompanhamento.

A caravana, que no início do dia era de apenas dois carros, sendo um fusca azul turquesa e uma caminhoneta, foi aumentando à medida que chegava a hora do jantar. Ao pararem no terreiro da fazenda que oferecerá jantar e pouso, cantaram:

Os Três Reis veio de longe  
 Na sua casa ele chegou  
 Na procura do alimento  
 Dependeu do seu favor

Os Três Reis aqui chegou  
 Vieram com muito respeito  
 Lá de trás mandou aviso  
 Veio ver se foi aceito

Santos Reis aqui chegou  
 São José e Santa Maria  
 Com todos os instrumentos  
 Damos vivas de alegria

Viva os Três Reis Santo! Viva!!  
 São José e Santa Maria! Viva!!  
 Viva a dona da casa! Viva!!  
 Com toda a sua família! Viva!!

Clima de banquete e festa na Mata do Engenho. O cardápio incorpora a tradicional comida mineira: arroz com costela de porco, arroz branco, feijão tutu, carne bovina com batatas, carne de porco cozida, macarrão, mandioca cozida, “farofa rica”, salada de alfaces e tomates.

Após o jantar, no auge da noite, os foliões passam a se preparar para as reconfortantes horas de sono, merecido intervalo nesta missão quase-ininterrupta. Geralmente, seguem certo esquema básico: tomam banho, fazem a barba (quem precisar), cuidam de suas vestes e acessórios; como distração, podem ouvir rádio, assistir um pouco de TV ou jogar cartas.

## 4.2 A grande festa

Num dos giros de Companhia de Santos Reis da Babilônia, um relato de acontecimento sobrenatural marcou a vida dos foliões. Uma noite antes da grande festa, estando o grupo fazendo “pouso” em uma fazenda no Chapadão da Babilônia, um jovem folião, cujo irmão gêmeo univitelino e o pai também participavam da mesma Companhia, decidiu ir até a cidadezinha em que morava sua então noiva para vê-la depois de alguns dias separados em função da jornada. A distância não era muita, mas o trajeto era por lugares ermos na cimeira do chapadão. Lá foi ele de motocicleta, rapaz sem vícios, conforme afirmaram seus companheiros e seu pai.

Na manhã seguinte, ele estava de volta com semblante contemplativo e sério. Chamou primeiro o mestre, Zé Bernardes, e seu pai, Zé Rosena, para confessar-lhes o que testemunhara durante a viagem noturna. Depois, o capitão contou a todo o grupo, enquanto ao lado do rapaz balançava a cabeça em sinal de afirmação e não escondia os olhos rasos d’água.

Segundo o jovem folião, enquanto viajava sozinho pelo chapadão avistou ao longe uma luz. Pensou que fosse um carro, mas logo percebeu que o tempo de aproximação era outro e fixou o olhar com atenção. Foi quando viu, para sua surpresa, Nossa Senhora montada no burrinho com o Menino Jesus nos braços e São José a pé ao lado. O jovem folião falou nestes termos: Nossa Senhora, São José, o Menino Jesus e o burrinho. Ele descreveu ainda o intenso azul do manto sagrado de Maria e sua feição de alegria e paz. Descreveu até o burrinho e as luzes que saíam do Menino Jesus, as roupas e o calçado de São José, tudo.

Depois que ele contou detalhadamente tudo que viu, os foliões ficaram em silêncio, comovidos, até que o mestre propôs uma interpretação: a aparição era um sinal de eficácia daquela jornada, ou seja, de acordo com o mestre, Maria, José e o Menino Jesus estavam fugindo para o Egito, livres, cumprindo assim a profecia bíblica. A fuga para o Egito, de acordo com a interpretação daqueles foliões, significava que a Companhia tinha cumprido sua função simbólica de “disfarçar ou distrair os soldados de Herodes”, também chamados por eles de demônios. A chegada daquela Companhia à casa do festeiro, de onde tinha saído há alguns dias, foi emocionante. Muitos foliões choravam ao se abraçar e diziam: “Esta Companhia foi abençoada”. Nenhum deles questionou publicamente o relato do jovem folião; ao contrário, endossaram veementemente sua história.

Nos casos de Folias realizadas durante o ciclo natalino, o último dia de jornada é 6 de janeiro. Os foliões, em geral, procuram fazer o pouso nas proximidades da casa do festeiro e pouco depois do sol raiar, descansados, com suas energias recarregadas, levantam-se,

caracterizam-se e reúnem-se para fazer orações e conversar sobre os acontecimentos mais marcantes da jornada. É o último momento reservado que têm, uma vez que, deste em diante, encontrarão cada vez mais pessoas. No trajeto até a casa onde será a chegada, o grupo costuma ser acompanhado por vários carros. Ao passar ainda por mais algumas casas, a Companhia atrairá muitas pessoas de fazendas vizinhas e de cidades próximas, sem contar todas que estão a esperá-la na sede da fazenda do festeiro. Lá, muitas mulheres reuniram-se nas primeiras horas do dia para preparar a comida, que é servida à vontade a todos que quiserem ir.

Os instrumentos ficaram guardados desde a noite anterior, junto com a Bandeira, no local do jantar e pouso. Bem cedo, devidamente fardados, eles pegam os instrumentos e a Bandeira e dão início ao último dia do giro. Em todas as casas que passaram naquela manhã fizeram o convite para o encerramento da festa, a ser realizada na casa do festeiro no meio da tarde. É notório o estímulo crescido por parte dos foliões ao serem recebidos de modo caloroso pelas pessoas.

Depois de muitos dias andando juntos, o último dia da Companhia transforma-se num espaço para a vivência da intimidade, onde demonstrações de afeto e consideração são dadas sem restrições entre o pequeno grupo. Há, certamente, uma intensificação da relação entre os foliões durante os dias de jornada. Assim, uma coisa é pensar a partir da dinâmica entre eles, e outra é pensar a partir das casas visitadas que experimentam uma parte do rito.

Por ficarem muito tempo próximos, na intimidade dos olhares e na sintonia rítmica que a música tocada em parceria tem o poder de promover, estes homens partilham a alegria estonteante que a vida fora da vida proporciona em horas separadas da realidade, apartadas da rotina, quando tudo é possível e mágico. Em outras palavras, eles vivenciam coletivamente a experiência religiosa por meio da devoção que, em última análise, sacraliza o espaço cotidiano. A Folia de Reis oferece aos humanos a possibilidade de acesso às potências presentes numa dimensão que lhes é imediata e sensivelmente interdita. Homens se valem dos rituais, dos instrumentos musicais, das vestimentas, das falas e das canções, para citar alguns exemplos de bens em circulação durante a Folia, enquanto veículos facilitadores deste contato entre eles e os santos, por meio da festa. “Tem coisa que acontece em uma Folia de Reis que não tem como falar, nem pode falar. Só sabe quem está lá para ver, o que une o grupo é muito forte, mas não dá pra explicar”, resumiu um folião.

Unidos, irmanados, os foliões ainda estão na fazenda onde foi feito o pouso. São dez horas da manhã e desde as sete e meia há movimento na casa: banhos, camisas sendo

repassadas, café sendo coado, mesa posta, conversas e, à medida que se reúnem, música sendo tocada. Hoje é um dia especial, por ser a chegada à fazenda de onde a Companhia saiu há cinco dias. A festa será grande e já começou na sala humilde da casa de fazenda, que deu pouso à Bandeira Santa, às indumentárias dos Tenentes e aos “aparelhos” – que é como chamam seus instrumentos.

Em geral a Folia despede-se bem cedo da casa em que pousou, em torno de oito horas da manhã. Mas neste dia, estando nas mediações da fazenda onde será a Festa de Reis, a Companhia se demora mais na casa para não chegar adiantada à festa. Há tempo para conversas, entrevistas, fotografias; tudo no natural clima de devoção e paz.

Meditativos e cúmplices, como quem guarda uma privacidade partilhada, eles cumprem o ritual na casa e seguem a jornada. Fazem três visitas, todas em propriedades próximas umas das outras. A intimidade de outrora vai perdendo espaço para o espetáculo em que transforma a chegada da Companhia. Ela vai se tornando cada vez mais pública ao ser acompanhada por pessoas que desejam participar da festa de encerramento; muitas fotografias sendo tiradas.

Numa das melhores casas entre as visitadas, de uma família de sitiantes que hoje trabalha com o turismo em expansão, foliões reencontraram-se com familiares que há dias não viam. Foi com grande emoção que receberam os abraços calorosos das esposas e dos filhos. Mas, continuam juntos, folião com folião, no fusca azul turquesa e na caminhoneta, até chegarem a mais uma morada e repetirem o ritual.

Já quase na hora da Festa, quando a voz tem que ser preservada para a chegada, a cantoria resume o sentido da jornada:

Os Três Reis vem viajando  
Parou nas mãos da senhora  
Vem saudar sua família  
E pedir a vossa esmola

Deus lhe pague a bela esmola  
De toda sua família  
Lá do céu os Três Reis Santo  
Recebeu com alegria

A Festa reúne gente de toda a região na sede da fazenda do festeiro. Comida servida à vontade desde pela manhã até a noite. Tudo foi minuciosamente preparado para receber a Companhia de Reis: alimentos, arcos no terreiro, decoração do chão com iniciais, armação

das barracas para o baile. A caravana que traz os foliões surge na estrada e as pessoas se alvoroçam em ver os foliões chegar.

A caminhoneta estaciona e os distintos foliões descem, ajeitando as vestimentas e os chapéus, ao olhar curioso da multidão. Poucos minutos depois começa a cantoria e os versos do palhaço. Na fazenda do festeiro foram armados arcos de bambu, mas é comum usarem também folhas de coqueiro, para o grupo passar por baixo. Nos arcos estão dependuradas flores de plástico, fitas de papel e cartuchos de prendas (doces e biscoitos). O palhaço deve executar um número: versar o significado, da maneira que achar conveniente, de tudo que estiver dependurado no arco. Só depois disso, a Companhia tem licença para entrar na casa.

Os palhaços também saltam para arrancar as prendas fixas nos arcos, sempre fazendo brincadeiras com o público presente. Alguns festeiros dependuram papéis de cartolina nos arcos com as iniciais “ABC”. Mais uma vez, entram em cena os alferes que, primorosamente, já trazem decorados os versos que devem recitar na ocasião. Cada letra do alfabeto tem um verso correspondente, todos relacionados a um momento da viagem dos Magos guiados pela Estrela do Oriente e ao Nascimento de Jesus Cristo. Só para exemplificar, já que não é necessário aqui transcrever os versos todos e tendo em vista a variação de versos em cada Companhia, o “ABC” pode começar assim:

Com A escrevo alegria  
Com B escrevo Baltazar  
Com C escrevo Cristo  
que os Magos foram visitar

Com D escrevo dádiva  
Com E escrevo estrela  
Com F escrevo fuga  
da Sagrada Família inteira.

Com G escrevo Gaspar  
Com H escrevo hora  
Com I escrevo Incenso  
ofertado ao filho de Nossa Senhora.

Já dentro da casa, depois da cantoria de costume, um terço é rezado pela família do festeiro e amigos visitantes; os foliões participam do terço, exceto os palhaços que aguardam do lado de fora da casa. Acabado o terço, os palhaços retomam seus lugares dentro da Companhia e começam a fazer a coreografia da meia lua. Quando o estandarte já está à frente de todos, o mestre começa a cantar a toada de fechamento da Bandeira e, enquanto isso, um grupo vai dobrando a Bandeira até que ela se transforme em um pedaço de pano que será guardado, respeitosamente, até a próxima jornada:

Vai fechando a Santa Bandeira  
 Vai fechando devagar  
 Já cumprimos nossa jornada  
 Santos Reis vai descansar

Santos Reis vai descansar  
 E a bandeira vai fechano  
 E nós vamos se encontrar  
 Até lá no fim do ano

Os Três Reis já retornaram  
 Da lapinha de Belém  
 E também ao nobre festeiro  
 Vamos dar os parabéns

Pros Três Reis eu peço desculpa  
 Em nome dos folião  
 Da falhas pedimos desculpas  
 Dos Três Reis peço perdão

Pode fechar a bandeira  
 Fecha completamente (vai fechar completamente)  
 Santos Reis já vai voltar  
 De Belém pro Oriente

Terminou a Companhia  
 Nessa hora abençoada  
 Santos Reis vai descansar  
 A bandeira está fechada

Pai e filho Espírito Santo  
 Para sempre Deus amém  
 Despedir dos companheiros  
 Até o ano que vem  
 Viva a Companhia!!VIVA!!!

Em seguida, um farto almoço é servido: arroz branco, feijão amassado, feijão preto com carnes, jiló, abobrinha, macarrão, carnes cozidas, couve, salada de alface e tomate, tudo acompanhado de cerveja, cachaça e refrigerantes.

A festa é por pagamento de promessa, segundo explicou a esposa do festeiro. Seu neto, um menino de nome Antônio José, estava muito mal de saúde e a família fez uma promessa aos Santos Reis pedindo que ele se curasse. Dizem que no dia em que fizeram a promessa, estando há dias sem conseguir alimentar-se, quase morto, o coitadinho pediu um pedaço de pão e comeu. Nunca mais ficou doente e, este ano, tocou pandeiro na Companhia. A dimensão religiosa cresce quando o festeiro organiza a festividade motivado por pagamento de promessa.

A título de comparação, bem próximo dali e ainda na região da Canastra, a Companhia de São José do Barreiro costuma fazer o encerramento da Festa de Santos Reis na Igreja de São José. A chegada se dá em torno de 17 horas, em frente à igrejinha onde foram armados

arcos de bambus ornados com fitas e enfeites dependurados. Os palhaços chamam atenção do público, provocando risos ao saltarem nos arcos a fim de capturar as prendas neles amarradas.

A Bandeira segue na frente, carregada pelo bandeirista, e é colocada bem próxima ao presépio. Depois de entrarem na igreja os foliões ajoelham-se, mas continuam a tocar e cantar. Um a um, vão até o presépio e beijam a Bandeira. Neste momento, o festeiro e sua esposa estão em pé ao lado do presépio e da Bandeira.

Numa mesa bem ao lado deles, muitas prendas foram trazidas pelos moradores devotos de Santos Reis e serão leiloadas mais tarde, na festa que irá noite afora. São doações como bolos, doces, pães de queijo, refrigerantes, biscoitos, frangos, garrafas de vinho, que servirão para angariar fundos para a próxima festa de Santos Reis.

Antes da festa, cumpre-se a parte religiosa: um terço é rezado em agradecimento à chegada da Companhia. O capitão, emocionado e altivo, fala em nome de toda Companhia, agradecendo as pessoas que colaboraram para a realização da festa, tanto com prendas quanto por recebê-los em suas casas, e ressalta a presença mítica dos Três Reis Magos durante a jornada, bem como das divindades representadas por Jesus, Maria e José. Para ele, a chegada de uma Companhia é sinal de proteção aos foliões, aos devotos e à comunidade.

Em seguida, o atual festeiro passa às mãos do próximo uma estátua em miniatura do presépio e, à sua esposa, um buquê de flores de plástico. Todos aplaudem, uns choram, outros gritam as palavras de ordem dos últimos dias: “Viva os Três Reis Santos. Viva toda a Companhia. Viva!”. Aos poucos, vão saindo todos para os fundos da pequena igreja, onde haverá leilão de porcos e galinhas. No salão ao lado, inicia-se a tão esperada festa de encerramento, que seguirá noite adentro, com música sertaneja atual, bingos, leilões de prendas diversas, comidas típicas e muita bebida alcoólica.

## 5 Religião e cultura: um diálogo polissêmico

“Folia de Reis é devoção.  
É uma história muito complexa,  
que se a gente tivesse memória para  
estudar direitinho, ia longe.”

(Zé Vitor, capitão de Folia de Reis)

### 5.1 Enfoques teóricos

Nas práticas religiosas do catolicismo não institucionalizado (de leigos), as formas de contato com o sagrado, através da presença materializada de divindades, constituem um dos elementos centrais desta religião autogerada pelos seus praticantes – que aqui denominamos *devoção aos santos*. As festas religiosas são um meio de fortalecimento das relações sociais entre famílias e comunidades rurais (ZALUAR, 1983), sendo também um momento de estreitamento das relações entre os homens e santos populares do catolicismo. De acordo com Carlos Steil (2001), ser católico é menos uma opção religiosa do que uma condição de vida no meio rural. Neste catolicismo, marcado pela experiência corporal dos devotos, "cabe ao praticante beber de todas as fontes, de modo que o sincretismo é a própria condição de acesso à plenitude e multiplicidade do sagrado. O espaço privilegiado da experiência religiosa não são os sistemas religiosos em si, mas as fronteiras entre eles" (STEIL, 2001, p.23).

Se no catolicismo institucionalizado a liderança religiosa conduzida por especialistas é consumida por leigos, nesta religiosidade popular predomina a *produção de autoconsumo* (BOURDIEU, 1994) que faz parte da dinâmica de vida coletiva. Os esquemas de pensamento e de ações referentes ao sagrado são compartilhados por todos que dialogam diretamente com os santos (foliões, devotos, festeiros e outros). Neste sentido, a *performance* devocional apresenta-se como um elemento crucial nas formas de configuração do sagrado que faz emergir, por meio das relações entre devotos e santos, uma comunicação simbólica entre mundos distintos.

Nas relações de troca com os santos feitas por meio de promessas, em função de alguma necessidade pessoal ou coletiva, a *performance* apresenta-se como campo de conexão entre as dimensões físicas e espirituais do corpo devoto. Ficar de joelhos enquanto se recebe a Bandeira de Santos Reis é uma linguagem do corpo na devoção para indicar pagamento de promessa. Baseado no compromisso de "acertar as contas" com o Santo, o pagamento de uma



promessa manifesta-se em ações cuja configuração performática supõe a presença do olhar deste, mais que isso, a sua aprovação diante do acordo firmado. A atitude dos devotos na *performance* projeta suas ações num campo simbólico gerado pelas interações pessoais com o Santo. Voltaremos logo adiante a este ponto primordial: “a vivência doméstica e íntima da religião” por meio da relação “pessoal” entre os devotos e os santos (MESQUITA, 2006, p 109).

Por ora, enfatizamos que nas ações canalizadas para esse “olhar divino”, pode-se dizer que a *performance* do corpo instaura uma “esfera sagrada” que não se caracteriza pela exclusão da “esfera profana” – aqui entendida como *quantum* social não administrado por sacerdotes mas, especialmente, como profanação do sagrado, a fim de universalizar a experiência religiosa ao nível do humano, onde virtudes e vícios, vida e morte, bem e mal caminham juntos.

A devoção que surge nestes casos é calcada numa tradição de origem católica, mas com crenças e práticas mais heterodoxas. “Os santos, em geral, são dotados de fantásticos atributos e são protagonistas de curiosos episódios de milagres” (SOARES, 2007, p.16). Em função disso, recebem devoções, homenagens, orações e pedidos em troca de favores espirituais que, dentro de inúmeros outros pedidos, vão desde a cura de uma doença ou o fim de uma situação de desconforto (quase sempre crise financeira), passando por problemas familiares e (re)conquista de um amor, até a extirpação de pragas que mal tratam a criação ou a comunidade, sob ameaça de aniquilação das mesmas.

No ritual de visitas de uma Companhia de Reis, a relação entre devotos e Santos se torna complexa na medida em que as pessoas que recebem uma Companhia em suas casas também participam do ritual da visita, interferindo diretamente no desenvolvimento da *performance* que sacraliza o espaço doméstico.

A título de esclarecimento, mas sem a pretensão de dar conta da discussão conceitual em torno do termo empregado, o conceito de *performance* que utilizo relaciona-se às práticas estéticas que envolvem padrões de comportamento, maneiras de falar, maneiras de se comportar corporalmente – cujas repetições situam os atores sociais no tempo e no espaço, estruturando identidades individuais e de grupo (HARTMANN, 2005).

De uma maneira bem simplificada, podemos dizer que cada *performance* e cada etnografia são relativas a um determinado contexto cultural e seu significado só pode ser compreendido nesse contexto. Das várias estratégias utilizadas pelos antropólogos na busca do significado, há a aproximação cada vez mais intensa do “ponto de vista nativo” (GEERTZ,

1997), que encontra nas próprias narrativas e *performances* destes uma via de acesso privilegiada às interpretações que os membros da cultura estudada fazem de si mesmos.

O que nos une enquanto seres culturais, segundo Lévi-Strauss (1967) é a nossa capacidade de nos comunicar por meio de símbolos, pela linguagem. A grande questão, no entanto, é que quando falamos em devoção dentro do universo das Folias de Reis, não estamos tratando apenas da linguagem falada ou escrita, de códigos gramaticais, mas de algo muito mais amplo. Estamos lidando com uma linguagem que se desenvolve por meio de gestos, sons, da relação com o espaço físico e do contato com o outro. Vale lembrar que este outro, em última análise, não é apenas o humano; sendo seres do além, do invisível, do imaginário local fortemente marcado pelo caráter religioso. A esta linguagem ritual, chamamos *performance*.

Trataremos primeiramente, porém, das abordagens acerca do catolicismo não regido em sua plenitude pelas determinações da Teologia oficial e pelas ordens de um corpo hierárquico de funcionários especializados. Chamado de “catolicismo popular”, “tradicional” ou “rústico”, por grande parte dos estudiosos de religiões no Brasil, ele comporta em seu seio as práticas devocionais observadas nesta pesquisa. Vale dizer que os trabalhos mencionados tendem a abordar as relações entre catolicismo erudito e o popular, considerando o campo deste último um espaço de re-significação da religião católica oficial (QUEIROZ, 1973. BRANDÃO, 1986. STEIL, 1996).

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) é uma das autoras que escreveu sobre as práticas religiosas das chamadas classes populares brasileiras. Dado o momento de incontestável hegemonia católica quando a maioria dos estudos foi realizada, Maria Isaura enxergou haver, no Brasil, uma contrapartida “popular” à religiosidade “oficial” católica e escreveu também uma tipologia:

Pode-se afirmar que pelo menos dois tipos de catolicismo coexistiram sempre no país: o catolicismo oficial e um catolicismo popular. Esta dualidade é antiga: ‘Já no período colonial, escreveu Roger Bastide, encontramos dois catolicismos diferentes e muitas vezes em oposição: o catolicismo doméstico dos primeiros colonos (...) e o catolicismo mais romano, mais universalista, das ordens religiosas’ (Bastide, 1951). Em todos os países existiu sempre oposição entre as necessidades religiosas espontaneamente formuladas pela massa da população, aliadas à conservação de antigas tradições religiosas, e a estrutura de uma hierarquia sacerdotal, sustentada por um dogmatismo mais ou menos rígido. (PEREIRA de QUEIROZ, 1973, p. 72).

As pesquisas que surgiram neste período objetivavam a compreensão de manifestações de autoprodução religiosa dos leigos e se referiam a estas como pertencentes à “religiosidade popular” ou parte integrante do catolicismo popular ou rústico. Cunhou-se até uma tipologia, muitas vezes dualista, para diferenciar o catolicismo popular do catolicismo oficial, também

chamado ultramontano, tridentino ou romanizado (AZZI, 1976/1978. BRANDÃO, 1980. WERNET, 1987. ZALUAR, 1983).

A diferenciação entre catolicismo teológico ou oficial e o catolicismo tradicional, implicando na valorização deste último como prática de “resistência legítima” foi mote de muitos estudos nas décadas de 70 e 80. A partir do levantamento bibliográfico relacionado ao tema “catolicismo popular” no período, constatamos que os cientistas sociais e historiadores produziram uma leva de trabalhos bastante significativos. Entretanto, muitas das obras entendiam a cultura das “classes subalternas” (usando aqui uma expressão constante entre estes estudiosos) como uma forma própria, legítima e independente de manifestação e contestação da ordem estabelecida. Em termos gerais, podemos dizer que:

A tematização positiva do catolicismo popular a partir de meados da década de 70 é paralela a uma valorização das manifestações e tradições da religiosidade afro-brasileira – na realidade parecem integrar um mesmo movimento de interesses pelas expressões culturais e religiosas populares, parte de um reposicionamento mais amplo do intelectual de classe média em relação ao povo e à religião popular. (MESQUITA, 2006, p. 33).

Como foi mencionado, uma das contribuições dos estudiosos deste tema foi a formulação de uma tipologia que acabou por influenciar os estudos posteriores. Waldo César, no artigo *O que é ‘popular’ no Catolicismo popular?*, publicado na Revista Eclesiástica Brasileira (CÉSAR, 1976, p. 5-18)<sup>14</sup> sistematiza o catolicismo de leigos sob quatro enfoques distintos. Para o autor, há primeiramente o *enfoque ecológico*, uma vez que o catolicismo popular identifica-se com o rural em contraposição ao urbano. A mística da natureza, as forças do cosmo e os “fatores numinosos” estão presentes nos rituais religiosos que privilegiam as relações de dependência, de confiança e de proteção entre homem e natureza. Segundo esta visão, o homem serve-se do sagrado para resolver seus problemas, seus infortúnios, suas doenças, apegando-se a santos que têm feições heroicas, dons sobrenaturais.

Etienne Higuét (1984) considera as festas e as devoções responsáveis pela estabilidade social dos grupos que as pratica. De fato, nos discursos dos foliões e dos devotos de Santos Reis fica evidente uma imbricação íntima entre mundo sobrenatural e vida cotidiana, a tal ponto que, pelas histórias narradas, presumimos o “preenchimento” constante da descontinuidade entre o plano terreno e o mundo dos espíritos (aqui especificamente representado pelas figuras dos Três Reis Magos). Vejamos o que escreveu Higuét:

---

<sup>14</sup> A tipologia de Waldo César foi apresentada por Etienne Higuét, em *O Misticismo da Experiência Católica*, parte de uma coletânea de vários autores publicado pela Editora Paulinas, em 1984, com o título *Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil*.

Catolicismo popular rural é, sobretudo, festivo. Inclui todas aquelas manifestações de piedade que se externam sob os símbolos do catolicismo em ciclos condicionados pelas estações do ano e datas da vida (...). Na festa, a consciência mágica torna-se mítica. A história dolorosa da própria vida quase não recebe atenção: 'gente pobre tem santos ricos'. As festas religiosas são também pontos culminantes da vida social e as tradições religiosas são funcionais para a conservação do estado presente. (HIGUET, 1984, p. 24).

Dando continuidade à sistematização de César, o *enfoque religioso* ou sacro mostra que, no catolicismo popular brasileiro, Deus e os demais seres (Os Reis do Oriente, Santa Maria, São José, o Menino Jesus e outros santos de devoção local) manifestam-se de modo imediato no mundo e na vida das pessoas. Todos os eventos da vida têm relação com o sagrado, sendo dependentes do domínio religioso. Esta maneira de viver a religião estreita os laços entre o sagrado e o secular, já que a vida cotidiana passa a ser determinada pelo sobrenatural e, em termos de reciprocidade, pode-se dizer que a inversa é verdadeira.

Durante os dias do giro ou jornada de uma Folia, muitos casos de milagres e aparições são contados. Os foliões e os devotos têm uma vivência profunda e emocional que os leva a lidar com aspectos não racionais, com o mistério religioso. As percepções, portanto, não são exclusivas dos sentidos relacionados ao mundo visível, mas também do invisível, cuja apreensão e compreensão abarcam códigos, modulação e educação dos sentidos de ordem diversa e específica (CEZAR, 2010, p. 214).

Marcado pela preponderância do acesso mágico ao sagrado, o catolicismo popular vale-se das constelações devocionais e de proteção, conjunto de práticas pelas quais o homem toma contato direto com o ser santo a fim de alcançar deles vantagens concretas e visíveis, ou mesmo proteção simbólica. Desta maneira, o fiel não precisa da Igreja e nem de um mediador especializado. Ele se liga diretamente ao santo, no caso das Folias de Reis à Sagrada Família (Jesus Menino, Maria e José) e aos Três Reis do Oriente que não são entidades abstratas, mas encarnam-se na imagem que os representa, a Bandeira, o presépio ou as misteriosas aparições, comuns nos relatos dos foliões.

Espontâneo, criativo, leigo, dispensando a mediação sacramental e doutrinal da instituição eclesial e de seu principal representante, o padre, o catolicismo popular procura proteção através de um contato imediato com o sagrado – na sua ambiguidade fundamental de atração e repulsão – que ele encontra na natureza e na história, realizando assim uma sacralização simbólica da vida cotidiana. A espinha dorsal da religiosidade popular é mística, ou seja, é sua espiritualidade. (HIGUET, 1984, p. 29)

O *enfoque político*, de acordo com o autor, é entendido como a oposição entre catolicismo popular e catolicismo oficial. “Grupos rústicos, leigos, formados por pessoas pobres, sem poder econômico, analfabetas ou com pouca escolaridade, muitas vezes marginalizadas da vida social” (Idem, 1984), tornam-se os sábios, os fazedores da festa recebidos com reverência nas casas e aplaudidos quando passam em cortejo.

Esta tipologia não corresponde coerentemente ao grupo social observado nesta pesquisa, já que não é possível enquadrar numa única categoria ou mera tipologia todas as pessoas que participam e fazem a festa. Não são todos pobres, analfabetos e marginalizados, ainda que representantes destes estereótipos sejam vistos comumente no grupo.

Entretanto, apesar desta questão que precisa ser revista, é nítida a influência imediata da religião nas questões cotidianas que emanam em contextos de carência – seja de uma instituição religiosa, representada pelo sacerdote; seja carência de bens, de serviços ou de políticas públicas, relacionadas mais estreitamente às questões de saúde e infraestrutura.

Além dos casos específicos de milagres que são muitos e comumente testemunhados durante o giro de uma Companhia, pode-se registrar incontáveis declarações como “minha vida mudou depois que recebi a Folia de Reis em minha casa” ou “fiz promessa para os Reis Santos e as coisas melhoraram”. Com criatividade, intimidade com os santos e fé na mudança imediata, este exemplo de manifestação do catolicismo não institucionalizado está mais presente no cotidiano das pessoas que vivem na região da Serra da Canastra do que o catolicismo clerical, abstrato e cheio de mediadores. Este último, não fossem as missas televisionadas de hoje em dia, estaria para a Canastra como esteve para a França ou Alemanha no início do século XIX: *outrémontagne*. A expressão, que traduzimos como ultramontano, era usada para indicar, na rosa-dos-ventos, o ponto escolhido de referência e fidelidade que fica para lá das montanhas, além dos Alpes. “Seu nome é Roma, é Pedro, o papa” (WERNET, 1987, p.178). A própria origem etimológica de catolicismo ultramontano, quando repensada no Vale da Canastra, sugere as transposições necessárias para lidar-se com estas duas concepções de religião, aparentemente dicotômicas, porém, complementares.

Para concluir, o autor fala de *enfoque cultural* e opõe o popular ao erudito, como se fosse possível apartar em vias de mão única duas culturas; considerado-as imunes ao diálogo, à interferência e à transformação. Esta é uma discussão que, passados mais de 25 anos da publicação do referido artigo, mostra-se bastante parcial. Para Higuier, catolicismo popular constituiu uma “verdadeira cultura”, no sentido antropológico do termo, o conjunto de crenças, rituais, saberes, formas de organização peculiares que “imprimem ao grupo um

conjunto de disposições profundas e duradouras que formam o sentimento religioso, uma espécie de cosmovisão que se aprende na experiência prática” (HIGUET, 1984, p. 30).

Atualmente, mais relativistas e menos culturalistas, sabemos que termos como “cultura popular” ou “religiosidade popular”, apesar da boa intenção de sua aplicação, podem emanar sentidos confusos, polêmicos e em alguns casos, até reducionistas. De certa maneira, tudo que se refere aos termos “povo” ou “popular”, nas Ciências Humanas, carrega algumas contradições inerentes à sua significação. A própria definição que Pierre Bourdieu utiliza mostra a “cultura popular” como uma junção desorganizada e sem nexo de elementos descartados pela “cultura erudita” (BOURDIEU, 2004).

No contexto brasileiro, estes conceitos, carregados de significados sócio/antropológicos, começaram a ser utilizados num momento em que as Ciências Sociais sofriam forte influência de linhas de pensamento marxista. Teorias de autores como Althusser, Antonio Gramsci, E. P. Thompson e, claro, o próprio Marx, eram largamente utilizadas para explicar e classificar a produção cultural das camadas mais baixas (ou menos favorecidas) da população, os chamados ‘subalternos’. Para muitos autores que se inspiravam (ou se inspiram) nesta tradição teórica, a “cultura popular” serviria principalmente como uma espécie de resistência a toda opressão causada pelas elites e instituições que, de uma forma ou de outra, detinham algum tipo de hegemonia econômica, política e cultural.

Valendo-se de uma série de estratégias de ação tanto práticas quanto simbólicas, estas elites impunham suas respectivas ideologias a todos que não pertenciam aos seus restritos círculos intelectuais de convívio e relação. A famosa luta de classes não ficava evidente apenas nos embates políticos e econômicos, mas também se fazia presente em outras formas de manifestações culturais. Claro que, no momento em que estas perspectivas de análise foram formuladas e aplicadas, o contexto político, intelectual e cultural era bastante propício para a disseminação de uma matriz de pensamento audaciosa e de esquerda (revolucionária em alguns momentos). De certa forma, visavam com isto denunciar as estratégias que o sistema capitalista em geral utilizava para subordinar ainda mais os menos favorecidos. Era época em que o país estava chegando ao fim, de forma sofrida e traumatizada, de um dos períodos mais difíceis de sua História: a longa ditadura militar seguida pelas consequências que qualquer regime autoritário de longa duração acarreta na estrutura política, econômica e cultural de uma nação. (SOARES, 2007, p. 17/18).

Peter Burke (1989), em *Cultura Popular na Idade Moderna*, apresenta toda a complexidade do termo "cultura popular", que ele define num primeiro momento como sendo aquela não oficial, a da "não-elite", a das *classes subalternas*. Burke coloca a necessidade de se pensar os artesãos e camponeses do início da Europa Moderna a partir de um mundo totalmente diferente do atual, despido de conceitos e valores contemporâneos. Sob esta premissa, ele apresenta sua hipótese de que a cultura popular, no início do período moderno,

não era estranha à minoria culta da ocidentalidade europeia, que a tinha como uma espécie de *segunda tradição*.

Segundo Burke, até pelo menos a primeira metade do século XVII, as elites participavam das festas de rua e carnaval, juntamente com os grupos menos abastados. Mas, ao longo dos tempos modernos, a renascença, as reformas religiosas, a revolução científica e a ilustração fizeram com que a cultura erudita se transformasse, ao passo que uma imensa distância foi estabelecida entre *pequenas* e *grandes* tradições. Por fim, a cultura popular tradicional passou aos olhos da minoria letrada como algo tão diferente, a ponto de ser exótico, e por isso atraente. No século XIX, essa cultura tradicional se transforma em folclore. Na realidade, as elites intelectuais redescobriram a cultura popular no século XIX, a partir da perspectiva do folclore. Como causa ou consequência de tais transformações, Burke afirma que a reforma Tridentina, assim como as reformas protestantes de um modo geral, empreenderam um esforço de reformulação da religiosidade popular na Europa a partir do século XVI, visando moldar suas *extravagâncias carnavalescas* e exterioridades.

Este interesse por diversos tipos de literatura tradicional era, ele mesmo, parte de um movimento ainda mais amplo, que se pode chamar a descoberta do povo. Houve a descoberta da religião popular. [...] *Devotions populaires*, a religião do povo, que via como expressão da harmonia entre religião e natureza. Houve ainda a descoberta das festas populares. [...] Houve tentativas de se escrever a história do povo. [...] A cultura popular de 1800 foi descoberta, ou pelo menos assim julgavam os descobridores, bem a tempo. O tema de uma cultura em desaparecimento, que deve ser registrada antes que seja tarde demais, é recorrente nos textos, fazendo com que eles lembrem a preocupação atual das sociedades em extinção. (BURKE, 1989, p. 34/43).

Questionando o purismo do termo “povo”, Burke rebate os ‘descobridores’ da cultura popular de 1800 ao afirmar a inexistência de cultura popular monolítica ou homogênea:

Para os descobridores o povo compunha-se dos camponeses; eles viviam perto da natureza, estavam menos marcados por modos estrangeiros e tinham preservados os costumes primitivos por mais tempo do que quaisquer pessoas. Mas essa informação ignorava importantes modificações culturais e sociais, subestimava a interação entre campo e cidade, popular e erudito. (Idem, 1989, p.49)

Tendo em vista estas considerações, com todas as ressalvas feitas ao termo “popular”, as devoções aos Santos Reis na Serra da Canastra podem ser entendidas como uma vivência religiosa diferenciada, que conforma uma espécie de ‘religiosidade popular’, “um jeito popular de ser religioso no Brasil que implica, por exemplo, a relação direta e não mediada com os santos, com quem se estabelece relações íntimas de pouca cerimônia; a crença simpática na relação intrínseca entre representação e ser, entre imagem e entidade representada, as imagens de santos, geralmente presentes dentro da casa , figuras íntimas e

queridas do cotidiano com quem se estabelece relações bem terrenas de reciprocidade” (MESQUITA, 2006, p.109/110).

Maria Lucia Montes (1998), em *As Figuras do Sagrado: entre o público e o privado*, antes de falar da “característica intimista” das práticas religiosas devocionais, chama a atenção para legitimação do poder e para a capacidade da igreja católica de acomodar-se ao *ethos* popular:

Os estudiosos da religião sempre reconheceram no Brasil, desde os tempos coloniais, a curiosa mistura por meio da qual uma igreja católica plenamente atuante na vida pública graças ao seu vínculo com o Estado, capaz, portanto, de promover a legitimidade do poder ou gerenciar a economia moral da propriedade privada, [...] foi igualmente capaz de acomodar-se ao etos da sociedade em que está inserida e assim incorporar sistemas de crenças particularistas e locais, adaptar-se a devoções de cunho privado e mesmo incentivá-las, ou criar práticas religiosas e devocionais de marcada característica intimista, como a que se traduz, por exemplo, nos ex-votos populares encontrados em todo o país. (MONTES, 1998, p.101)

Contribuindo para as investigações acerca das Folias de Reis realizadas nos dias atuais, a análise de Maria Lucia Montes baseia-se nas formas de devoção do catolicismo colonial brasileiro que, para ela, “impregnado de magia, é uma religião íntima e próxima, que tem nos santos, benévolos intercessores dos homens junto à divindade”. Tanto no período estudado quanto hoje, dos santos pode-se “esperar com confiante e inocente certeza o milagre sempre possível, numa infinita variedade de situações do dia-a-dia” (Idem, 1998, p.103)

Focado no pragmatismo do milagre, o catolicismo devocional organiza a vida das pessoas dentro de uma vivência doméstica e íntima. Quando vemos, por exemplo, a Bandeira ser posta sobre a cama do casal que recebe a Companhia em sua casa, a ideia da intimidade partilhada torna-se pública e a fé na transformação imediata ganha estatuto de pacto firmado entre devotos e Santos Reis. A relação com os santos é praticamente pessoal, numa dinâmica que implica em trocas materiais e simbólicas, criando uma ampla circulação de dádivas e de conhecimento.

## 5.2 O denominado catolicismo popular: aspectos históricos

Sendo os grupos rústicos<sup>15</sup> brasileiros, com escassas exceções, católicos, não é de se espantar que tantos estudos tenham sido feitos privilegiando as práticas devocionais da

---

<sup>15</sup> O termo rústico é citado muitas vezes neste trabalho, sendo uma apropriação do conceito apresentado por Antonio Candido, em *Os Parceiros do Rio Bonito* (CANDIDO, 2001, p. 26). Para Candido, rústico não equivale a rural, já que este último termo exprime, sobretudo, localização, enquanto rústico exprime “um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo; as que resultam do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contacto com o aborígine”.



religiosidade católica. O caráter familiar sempre foi citado como uma das características do catolicismo popular no Brasil. Muito antes de todo debate em torno do catolicismo popular, Gilberto Freyre (1954), em *Casa Grande & Senzala*, argumentou que a família é desde o XVI “o grande fator colonizador do Brasil”, lembrando que, muitas vezes, a formação e a instrução religiosa deram-se mais na família do que nas aulas do catecismo dadas nas paróquias aos domingos. O padre capelão, além de ser um mestre e orientador da prole da fazenda, tinha por dever celebrar as missas nas capelas particulares. A importância da capela do engenho foi muitas vezes analisada por Freyre e perpassa muitos dos trechos da obra citada, bem como de *Sobrados e Mucambos*.

No Brasil, a catedral ou a igreja mais poderosa que o próprio rei seria substituída pela casa-grande de engenho. (...) Mas a igreja que age na formação brasileira, articulando-se, não é a catedral com seu bispo a que se vão queixar os desenganados da justiça secular; nem a igreja isolada e só, ou o mosteiro ou a abadia, (...). É a capela do engenho. (FREYRE, 1954, p. 363)

Em outro fragmento, Gilberto Freyre diz que no catolicismo português prevalecia “uma liturgia antes social que religiosa, um doce cristianismo lírico, com muitas reminiscências fálicas e animistas das religiões pagãs: os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para divertirem-se com o povo” (Idem, 1954, p.122).

A proximidade com os santos, numa vivência pessoal, doméstica e, conseqüentemente, íntima, levou a religião para dentro da casa do brasileiro, polarizando-a mais ao redor da própria instituição familiar do que da organização eclesiástica propriamente dita. Riolando Azzi (1978) também valorizou o aspecto familiar do “catolicismo tradicional” ao igualmente notar que, durante os três séculos de vida colonial, a presença da fé católica no Brasil deve-se, em grande parte, à tradição católica que as famílias portuguesas trouxeram. “É no seio das famílias em modo particular que se transmitem e se mantêm a chama da fé católica” (AZZI, 1978, p.153).

Se os santos são como pessoas íntimas, dada a familiaridade entre eles e os homens, as Folias de Reis também são agrupamentos familiares, onde irmãos, pais e filhos tocam juntos. Em São José do Barreiro, de acordo com depoimento do festeiro Eduardo da Tuta, a Companhia de Reis é composta por membros de apenas duas famílias distintas, através das quais o aprendizado é passado de geração em geração:

É três famílias que vai cuidando da Folia de Reis praticamente. A família do Amador, do Zé Baristo e do Zé Baristim. Mas, o Zé Baristim e o Zé Baristo é uma família só. O Zé Baristim é primo do Zé Baristo, são a mesma família. Mas, tem mais um pessoal ali que não é da família, os palhaços não são da família. O Laércio que trabalha no ‘contralto’ faz parte da família do Adilson que é o capitão da Companhia. O Adilson é casado com a filha do Laércio. É tudo formado por pessoal mais novo e

peçoal mais velho: são pai, são avô, são tios, que largaram porque tão velho e tão passando pros mais novos que são da mesma família. (Informação verbal)

Antes de ilustrarmos as formas íntimas de devoção existentes em uma Folia de Reis, o que exigirá uma maior atenção na *performance* devocional, ou seja, a linguagem do corpo diante do sagrado, vamos dar sequência à contextualização de algumas obras importantes sobre o tema, bem como ao processo histórico que culminou nas tipologias hoje amplamente consideradas.

Vimos que estamos diante de um catolicismo todo especial porque reajustado, através do tempo, ao impacto de culturas diferentes entre si, e marcado pela ausência de autoridades eclesiásticas, substituídas por leigos que não mantêm fidelidade aos usos e costumes estrita e rigorosamente católicos. (AZZI, 1978. ZALUAR, 1983. HIGUET, 1984. FAUSTINO, 1996)

Porém, é preciso lembrar que até o século XVI a doutrina sacramental, os sete sacramentos, não estava ainda definida pela Igreja Católica, o que só aconteceu com o Concílio de Trento (1545-1563), e sua conseqüente valorização do clero para assegurar a unidade da fé católica. No Brasil, contudo, esse espírito tridentino chegou tardiamente. Durante os três primeiros séculos da História Colonial brasileira, a vida religiosa esteve mais vinculada ao mundo medieval, o que explica muitas das práticas atuais do catolicismo brasileiro, como as procissões e as romarias.

Mas, afinal, de qual catolicismo brasileiro estamos tratando quando se afirma que as Folias de Reis são um exemplo de catolicismo popular? Para responder a esta pergunta, uma investigação histórica deve ser feita visando não apenas os conceitos, mas a contextualização dos mesmos.

Para Augustin Wernet, em *A Igreja Paulista no Século XIX*, uma pergunta que precisa ser feita quando se investiga um fenômeno religioso é se a sociedade em questão utilizou a religião como fator de integração e equilíbrio ou se a religião desestimulou o homem na realização da harmonia entre o indivíduo e a sociedade, entre o particular e o universal neste mundo, funcionando assim como fator alienante, ao prometer a realização desta harmonia para um futuro absoluto (WERNET, 1987).

O alcance e o significado da reforma do clero paulista, considerado o núcleo irradiador do catolicismo ultramontano e tendo o itano D. Joaquim de Melo como seu principal expoente, é o tema do trabalho de Wernet. Era meados do século XIX e o catolicismo brasileiro tornava-se ainda mais sincrético, sob as influências ultramontanas largamente divulgadas e das confrarias de fins culturais e devocionais, típicas da herança colonial portuguesa. Entre os exemplos de confrarias e associações citados por Wernet, estão as

“companhias”, as “folias” e os “reisados”, responsáveis por “determinadas festas”. “Havia uma presença maciça dessas corporações leigas na diocese de São Paulo”, quando o bispo era D. Antônio Joaquim de Melo (Idem, 1987, p.20).

Na época imperial, o episcopado brasileiro, especialmente os bispos reformadores paulistas, se uniu com o intuito de levar a reforma tanto ao clero quanto ao povo. Para substituir os leigos do catolicismo tradicional, a maioria dos centros de devoção popular foi entregue a estrangeiros, cujas ordens religiosas promoveram a romanização dos ritos. É o caso dos redentoristas alemães aos quais, em 1894, foram confiados os santuários de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e o de Bom Jesus de Pirapora.

Contudo, para entender a centralização e romanização da Igreja é preciso uma análise histórica, e não eclesial, das autocompreensões da Igreja com o passar do tempo e seus desdobramentos socioculturais. O Vaticano II e as reuniões de Medellín e Puebla, por exemplo, deram outros significados à instituição Igreja e inauguram as discussões a respeito do “povo” dentro dela:

Ultimamente a Igreja é, antes de tudo, apresentada como ‘povo de Deus’, imagem que sugere que ela não se reduz à sua hierarquia, como um povo não se identifica só com seus chefes, mas se interessa em largas proporções pelo povo cristão, como *laos*, traduzindo, povo. (Idem, 1987, p.6)

Augustin Wernet fez a distinção entre três tipos de catolicismo no Brasil: o tradicional, o iluminista e o ultramontano. Sobre o catolicismo tradicional sua interpretação confere com a de Riolando Azzi, publicada em 1976, em artigo da Revista Eclesiástica Brasileira (REB) com o título *Elementos para a História do Catolicismo Popular*. Ambos, Wernet e Azzi, estão de acordo que o catolicismo tradicional é luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar. Em contraposição está o catolicismo ultramontano, chamado por Azzi de “renovado”, que tem como características ser romano, clerical, tridentino, individual e sacramental.

O acréscimo que fez Wernet nesta tipologia do catolicismo brasileiro foi definir outro tipo, gerado paralelamente à desagregação do feudalismo, à formação do capitalismo e às mudanças culturais do Renascimento, Humanismo e Iluminismo: o catolicismo liberal iluminista. O *Aufklärung*, como sabemos, aceita apenas a própria inteligência humana, racionalista, e as descobertas empiristas como sendo a verdade. Sendo assim, o papel de Deus e da religião no contexto iluminista é secundário. Deus é considerado o grande relojoeiro, construtor do relógio maravilhoso da vida terrestre, retirando-se depois para a inatividade. Assim, suas criaturas, os homens, teriam liberdade para aspirar à realização. Para os iluministas, a religião não ultrapassa os limites da razão e tudo que a isso fosse acrescentado

seria pura ilusão. Não há mistério, não há sagrado, não há efeitos da graça e dos milagres. Segundo Augustin, “esta interpretação de religião relativiza os limites entre natural e sobrenatural e minimaliza o específico religioso; vê o mundo de maneira positiva e valoriza a tarefa terrestre” (Idem, 1987, p.28).

Nos três primeiros séculos de cultura cristã no Brasil, no contexto colonial, o que predominou foi o catolicismo tradicional no qual fé, cultura e poder político caminhavam de mãos dadas. Bem diferente do catolicismo iluminista, a religião executava atos cujos significados se desconheciam, mas cujo mistério se respeitava.

A Igreja no Brasil se apresentava como cristandade, estado de interpenetração estreita entre religião e sociedade, Igreja e estado, sagrado e profano (...). Os monarcas portugueses e os brasileiros foram os chefes efetivos da Igreja, e não o Papa, figura muitas vezes obscurecida, cuja atuação era muito distante (Idem, 1987, p.18).

No final da década de 70 do século passado, Riolando Azzi chamava a atenção para a importância de estudarmos este tipo peculiar de catolicismo, advertindo para a eminente “perda generalizada dos valores culturais, artísticos e religiosos que nos foram legados por quase cinco séculos de história” (AZZI, 1978, p.11). A progressiva urbanização e o advento da era tecnológica seriam para o autor os motivos de esfacelamento da cultura e da tradição populares do Brasil. Em *O Catolicismo popular no Brasil – Aspectos Históricos* – o autor faz uma exposição dicotômica, mas complementar, entre catolicismo tradicional e catolicismo renovado.

Durante os anos 70, alguns artigos foram publicados na REB sobre o catolicismo popular no Brasil. O caráter “utilitarista” dos rituais da religiosidade popular era sempre ressaltado, enquanto para os folcloristas o que merecia enfoque eram os rituais. Os estudos de outrora não se ocuparam em desvendar o mundo mítico, em que o sobrenatural se impõe por meio das regras do giro e das crenças em milagres.

O que era denominado de “esfera numinosa”, passava muito pela disponibilidade de se confiar em um poder transcendente, de maneira diretamente relacionada à realidade plausível, onde [também] se encontra, segundo os historiadores do período, motivação para fazer a festa.

Neste trabalho, o que é denominado catolicismo popular é a síntese de duas dessas vertentes, sendo as expressões religiosas influenciadas pelo catolicismo tradicional e renovado. Uma religião que só surgiu, propriamente dita, a partir do século XIX, quando o catolicismo tradicional sofreu influências de práticas e devoções implantadas pela romanização da Igreja, bem como do espiritismo.

O catolicismo não institucionalizado, vivido como verdade cristã e não como alienação, está na tênue linha entre o equilíbrio social, com suas crenças em milagres e práticas de integração comunitária, e a rebeldia que se expressa nos movimentos messiânicos. Convém esclarecer, no entanto, que o messianismo não será discutido neste trabalho, mais concentrado nas manifestações devocionais do catolicismo popular. Aliás, de acordo com o prefácio de *Os Homens de Deus*, assinado por Carlos Rodrigues Brandão, “há estudos de sobra para lembrar que alguns dos maiores levantes populares do passado foram surtos religiosos, revoltas de devotos” (ZALUAR, 1983, p.8).

Obra diferenciada e meritória na bibliografia do catolicismo popular, *Os Homens de Deus* é um questionamento acerca dos estudos de comunidades e aponta neles lacunas e equívocos. Para Alba Zaluar, a religião não deve ser apontada apenas como uma coleção de crenças e atitudes sem lógica própria; antes, devemos nos deter no significado do religioso na vida social comunitária e nos perguntar como os símbolos são manipulados na prática com fins de legitimar determinadas posições individuais ou de grupos. Seu foco é o imaginário popular católico, a visão de mundo que está comportada nas manifestações religiosas das classes populares brasileiras. Alba Zaluar ainda surpreende pela forma original com que olhou para um tema tão nosso familiar. É um grande desafio ultrapassar sua análise apresentada em *Os Homens de Deus*.

O contraponto entre a religião oficial, chamado por Wernet de “catolicismo ultramontano”, e o catolicismo popular, no seio do qual subsistem as Folias de Reis, foi chave de leitura preferencial dos teóricos da religião católica, sobretudo depois que os estudos de comunidades foram alvo de interesse da Antropologia e da Sociologia no Brasil. Mas só recentemente, na década de 90, mais distantes dos determinismos metodológicos que marcaram, sobretudo, os anos 60-70, começamos a avançar – não no sentido de negar as relações apontadas acima, mas de enfatizar a centralidade das tensões culturais nas questões de cunho religioso. O conflito, a tensão e as ambivalências podem ser considerados elementos constitutivos não só do catolicismo, como de praticamente todas as religiões universalistas, se as considerarmos como sistemas de símbolos religiosos que, por vezes, condensam pólos de significados contraditórios.

Aliás, “católico” quer dizer, em grego, universal; forças distintas, consideradas opostas, que convivem num processo de confronto contínuo, dentro de um universo simbólico em que os adversários não são postos de fora da ciranda; eles são partes integrantes de um todo, assim como os Três Reis são um, assim como a relação entre o palhaço e a Bandeira.

Posto estar o palhaço relacionado tanto à figura de Herodes, sendo avacalhado, preso e marginalizado, quanto à figura do guardião da Bandeira, podemos dizer que uma das dinâmicas da Folia de Reis é alimentar a polarização maniqueísta que há na concepção fenomenológica de religião universal. Este dualismo, contudo, ao assimilar os opostos, profana o espaço religioso e torna-o mais parecido aos homens, o que, do ponto de vista humano, incentiva o relacionamento entre as partes. Corpo e alma, homens e santos, Deus e diabo, Jesus e Herodes, ovo e cruz são só alguns mundos distintos identificados numa Folia de Reis.

Em síntese, o contraponto entre catolicismo oficial e popular cedeu espaço a outra dimensão conceitual, do mesmo modo ambivalente: a polarização de significados contraditórios presentes no âmago da religião enquanto experiência humana de contato com as divindades.

### 5.3 O tête-à-tête entre homens e divindades

Vimos que, nas obras referenciais, os santos são identificados como entes queridos. Se, todavia, eles pertencem à família, não seria exagero dizer que as famílias lhes pertencem, numa dinâmica de retroalimentação da fé que faz perpetuar a festa. Seguindo a mesma lógica, pode-se também dizer que os homens pertençam aos santos durante os dias de jornada da Folia, quando se preparam para receber em casa o grupo ou abandonam seus afazeres para contemplar a apresentação. Mais intensa ainda é a vivência dos foliões, que durante dias não fazem outra coisa senão peregrinar com a Bandeira de casa em casa. Considerando-se as várias interfaces desta ação performática, temos um espaço geograficamente determinado, sensorialmente experienciado e espiritualmente acessado, a fim de estabelecer um sentimento de pertencimento dos homens com relação aos santos e vice-versa. Os santos pertencem aos homens, não enquanto estátuas dentro das capelas ou das casas, em altares que são visitados, mas como seres quase humanos que andam junto com a Folia a visitar materialmente as moradas. Afinal, o que seriam dos milagres de Santos Reis se não houvesse a Folia? Na região estudada, seriam tão populares os Três Reis Santos se não fossem conduzidos, em festim pelos homens, por estradas e ruas de bairros rurais e cidadezinhas? Neste sentido, “dona do seu senhor”, a Folia é o espaço de exclusividade dos Santos Reis, podendo ser vista tanto como margem, no sentido de espaço, que as pessoas têm de obter auxílio divino, quanto oportunidade aos próprios santos de realizar seus milagres e legitimar não só sua existência,

como também sua eficácia. Tudo isso se dá em termos de relações de reciprocidade, entrega, intimidade e fidelidade entre homens e divindades.

A despeito das contingências cotidianas darem o tom dos pedidos e promessas aos Santos Reis, sendo a fé uma possibilidade de superação dos sofrimentos vivenciados, é a devoção que realiza a festa – por meio de canções, versos, *performances*, símbolos, materialidade e mítica religiosa. A grande circulação de objetos, de dinheiro, de alimentos, de bebidas alcoólicas, de bens e de homens, a circulação de dádivas físicas e simbólicas, como nos casos de milagres e de rituais, facilita as trocas em comunidade.

A devoção está estreitamente ligada à ideia de fidelidade, há um pacto entre o devoto e o santo. Usando uma expressão de Bourdieu, diríamos que ela está inserida em uma “economia de trocas e bens simbólicos”. E se uma das partes falhar, este vínculo se rompe, perde-se a credibilidade, dificultando-se a dimensão relacional íntima entre devoto e divindade? Não, ao contrário, se uma das partes falha, cabe ao devoto interpretar a falha a partir de seus conhecimentos específicos sobre o santo, gerar uma explicação plausível e, assim, remediar a situação – neste sentido se constitui um processo comunicacional em que a falha não implica a desvinculação do santo-devoto, mas a aproximação mais íntima, mais devotada deste último em relação ao sagrado. É implícito ao processo a insignificância do homem diante do sagrado e o processo de tentativa – erro – ressignificação – nova tentativa até o acerto.

Alba Zaluar (1983) também chama de catolicismo popular a religião sem teólogos ou teóricos, com a crença pragmática no milagre. Os fazedores desta forma de cultura, segundo a autora, não estão preocupados com uma teoria pura, desligada das coisas terrenas; “o catolicismo popular é uma religião voltada para a vida aqui na Terra” (ZALUAR, 1983, p.13). Nesse sentido, a preocupação com as coisas práticas justifica a existência de benzedores, prontos a auxiliar na solução dos problemas, nos momentos de “crise”, para lembrar o termo empregado por Bakhtin. Como se sabe, benzedores e raizeiros utilizam um conhecimento empírico sobre as ervas medicinais, aliado à capacidade de usar intuição e força interior (GASPAR, 2002, p.127), mas o que sugerimos de novo é o compromisso dos leigos com um rito religioso específico, não tão informal quanto afirmaram a maioria dos estudos.

Os benzedores, por exemplo, têm suas fórmulas que constituem ritos – ainda que simples aos olhos do pesquisador, eles demandam conhecimento específico, resguardo sexual, caridade e formas específicas de transmissão de conhecimento que geram fidelidade e continuidade no espaço-tempo entre mestre e aprendiz.

Em uma entrevista, quando indagado sobre a ausência do padre no cotidiano do vilarejo de São José do Barreiro, o festeiro Eduardo da Tuta declarou:

Na realidade o pessoal do lado nosso aqui é mais rural do que da cidade grande, o pessoal cada um tem sua fé. Então esse negócio de benzer, mandar benzer criança e mesmo pessoa adulta, manda benzer fazenda, isso aí é cada um com a sua fé, cada um com a sua maneira. Se a pessoa crê que aquilo vai salvar se mandar benzer, a fé que manda. Tem que arrumar algum trem para resolver os problemas porque a igreja católica não proíbe, mas também não manda. Aqui tem liberdade, tem um pessoal que benze. Por exemplo, acontece de cobra pegar alguém, manda benzer e resolve. Morreu uma pessoa há pouco tempo, o Seo Leonilde, morreu com 90 anos e nunca vi igual. Cobra já pegou muita gente aqui e ele benzeu e não teve problema nenhum. (Informação verbal)

A motivação para se fazer uma festa de Santos Reis está intimamente ligada a esta prática solucionar, por meio dos ritos sagrados, os problemas cotidianos. Uma comunidade rural como o distrito de São José do Barreiro não tem prefeito, juiz, promotor, delegado de polícia, hospital, bancos, clínica veterinária, não tem nem padre. Assim, muitos conflitos que poderiam ser mediados ou resolvidos por especialistas acabam virando promessa religiosa, momento simbólico onde um acordo é feito entre o fiel e o seu santo de predileção, de devoção. As promessas representam o compromisso de uma pessoa em dar-se a um santo, espiritualmente ou fisicamente, em troca de um milagre que este possa oferecer. Alba Zaluar, diante dos estudos de comunidades em que focou sua análise, escreveu:

A ajuda dos santos era invocada para todos os acontecimentos em que existissem elementos de incerteza e que escapassem ao controle humano. Para obter a ajuda dos santos, os homens ligavam-se socialmente a eles, estabelecendo-se uma relação de reciprocidade, isto é, uma relação em que havia uma série de prestações e contraprestações socialmente estipuladas. A ideia de reciprocidade está contida na categoria promessa [...] (ZALUAR, 1983, p. 88)

O depoimento de um folião é bem coerente com a teoria de Alba Zaluar. Suas palavras provam que a reciprocidade é um *ethos* delineador das devoções no âmbito cultural e social da religiosidade popular. Revelando características próprias das relações que os homens estabelecem entre si, o pagamento de uma promessa é efetivado de maneira prática, sem perder de vista o sentido ritual em que se apoia a devoção aos santos.

A gente mantém na Companhia de Santos Reis mais por devoção e depois por tradição, tentando encaminhar os mais pequenos para não acabar. A fé de Santos Reis pra nós é importante. Por todos os lugares que a gente anda (...) é sempre isso aí. Sempre alguém oferece um bezerro, um almoço, uma mesa de chá, um jantar, muitas vezes por receber de volta a saúde que tinha perdido. Hoje, por exemplo, fomos na casa de uma mulher que recebeu um milagre. Ela estava com sério problema de saúde e fez promessa a Santos Reis pedindo a cura. Foi atendida e deu o almoço para a nossa Companhia. (Informação verbal)



Esta fala é polifônica, por enfatizar o caráter devocional, e não tradicional, de uma Folia de Reis e, acima de tudo, por relatar especificamente um milagre realizado por Santos Reis depois de um pedido e um compromisso firmado, por parte do devoto, de retribuir a benção e divulgá-la. Esta fala poderia ser posta na boca de qualquer devoto de Santos Reis que vive na Serra da Canastra, homem ou mulher, e não seria exagero afirmar que podemos deslocá-la no espaço e no tempo para ser dita por folião ou devoto de outras localidades de Minas Gerais não inclusas nesta pesquisa<sup>16</sup>. Até as crianças sabem contar a história, depois de tanto ouvi-la da boca do pai que o apresenta orgulhosamente entre os demais foliões:

Este meu menino canta e toca na Companhia de Reis. A graça que eu alcancei desse menino, só Santos Reis mesmo para fazer pra gente. Eu fiz promessa de colocar ele na Companhia de Reis por quatro anos, por curar um problema de adenoide que deu na garganta dele e que o médico queria operar na semana seguinte. Era pra ter sido operado, mas as condições [eram] poucas e tinha que entrar em fila. Então eu entreguei ele para Santos Reis. Eu falei: sou devoto de Santos Reis faz anos, eu conheço o poder milagroso de Santos Reis, vou entregar para Santos Reis e Santos Reis vai curar ele para mim. Uma semana depois, levamos ele no hospital para ver a garganta e fazer a cirurgia, o médico falou para a mãe dele: fazer o que nesse menino? Ele não tem nada na garganta, nada, nada. Está ele ai, cantando para Santos Reis. (informação verbal)

Neste depoimento, a troca enfatiza a doação do corpo, por parte do devoto aos santos, em retribuição ao milagre da cura física. A garganta, estando relacionada diretamente à voz, antes comprometida pela enfermidade é agora prometida aos Santos, no ato de cantar do menino. A promessa é uma forma do devoto se dar fisicamente a fim de cumprir um acordo que foi anteriormente firmado ou de agradecer pelo milagre. Próximas às experiências de penitência do corpo físico, as promessas podem ser entendidas como uma ação performática que tem como função comunicar homens e divindades, a fim de “acertar as contas” ou de agradecer. O mesmo é visto quando uma Folia de Reis chega em casa de pagador de promessa, que os recebe sempre de joelhos e assim permanece a embaixada inteira, com a Bandeira Santa às mãos, meditativo, emocionado e penitente.

---

<sup>16</sup> Seria tarefa muito abrangente para esta dissertação de mestrado traçar comparações entre as Folias de Reis da Serra da Canastra e de outras regiões do Estado de Minas ou do país. Entretanto, como a pesquisa toma, certas vezes, dimensões maiores do que a pretensão inicial do pesquisador, algumas investigações foram feitas recentemente no sentido de comparar os grupos até então estudados com Folias de Reis da região rural de São Sebastião do Paraíso, bem como do distrito de Guardinha, Minas Gerais. Entrevistas coletadas com foliões mais antigos de São Sebastião do Paraíso deixam claro que a devoção aos Santos é o que motiva a realização da festa. Embora seja notório o empobrecimento do ritual e dos elementos performáticos (nos grupos de Paraíso o palhaço tem um papel pouco relevante, enquanto na Canastra assume a frente da Companhia, sendo considerado um soldado e empunhando um cajado/bastão, para citar só um exemplo), as Folias de Reis que atuam próximas aos centros urbanos também repetem anualmente a jornada e dão testemunhos dos milagres atribuídos a Santos Reis. A devoção é a temática preferencial, mesmo quando não declarada com palavras – ela fica explícita através da linguagem do corpo diante do sagrado. Seria um grande passo comparar as Folias de áreas rurais, como as da Canastra, com as que atuam nas periferias das cidades, mas dada a necessidade de delinear os limites da dissertação, este esforço não foi ainda empenhado.

Durante todo ano, não apenas no Ciclo Natalino, Folias de Reis acontecem por pagamentos de promessas. A pessoa que fez o pedido atendido tem o compromisso com os santos, por isso, o que importa não é uma grande festa dada com intenção de ostentar riqueza, nem um ostensivo sacrifício/penitência que prove sua piedade. O que importa é o compromisso de rezar agradecendo aos santos e, podemos dizer que, em primeira instância, o que importa é a perpetuação dos ritos e da festa, por meio de um sistema de reciprocidade com as divindades que, por sua vez, integra a própria visão de mundo dos agentes sociais envolvidos.

Desta maneira, a comunicação com o mundo sobrenatural é tanto delineada quanto delimitadora das regras sociais, garantindo a transmissão do conhecimento tradicional que, criado e recriado, gera seus produtos próprios – sejam subjetivos, passíveis de questionamento (como é o caso de um milagre), sejam materiais ou simbólicos (músicas, versos, indumentárias, regras, rituais, instrumentos, símbolos, Bandeira).

Se a cura e os outros milagres são respostas quase que imediatas dadas pelos Santos aos devotos, contrapartidas à fé, o mesmo ou maior imediatismo é visto nas histórias de incredulidade, recorrentes no repertório dos foliões. Uma história contada por um folião de mais de 70 anos, que garante ter visto o acontecido quando era novo ainda na Companhia, deixa claro o caráter imediatista da vivência religiosa enfocada.

Uma determinada Companhia de Reis chegou para cantar em uma fazenda de dono incrédulo, que, ao perceber o que estava acontecendo, disse a seu empregado: “Vai lá pegar aquele pano, que eu não acredito, não”. Instantes depois, no azulado céu de dia quente, surgiu uma carregada nuvem, anunciando chuva forte. Não deu outra e a água começou a cair, acompanhada de raios. Ao mesmo tempo, embaixo de uma vistosa árvore, estavam dez cabeças de rês (sinônimo arcaico de gado): nove pertencentes ao ímpio fazendeiro e uma pertencente ao devoto empregado, que havia prometido o animal à Companhia. Então, o que aparentemente poderia chamar-se de fenômeno da natureza, mostrou-se comprovação do imediatismo da religiosidade dos foliões quando uma faísca de trovoada ricocheteou em um dos galhos da árvore, fazendo-o cair e matar as reses do senhor que havia ignorado a visita dos Santos Reis, enquanto a rês previamente ofertada permaneceu ilesa.

Estamos no campo da circulação de dádivas dentro de uma Folia de Reis, este espaço simbolicamente estabelecido para retribuir aos santos uma dádiva recebida, ou para pedir algo, se estende aos participantes, seus familiares e aos moradores que os recebem. O milagre é a prova de que a troca foi estabelecida com sucesso.

Geralmente, quando se pede a uma Companhia sua visita, é para conseguir proteção de Deus e dos santos. Não apenas a família é abençoada, mas também toda a criação e lavoura. Muitos fazendeiros prometem bois e vacas para o almoço de chegada da Companhia, quando se encerra a festa com o fechamento da Bandeira que só será reaberta para outra Festa de Reis no próximo Natal. Oferecer animais para o preparo da comida que será oferecida a uma Folia de Reis e partilhada por toda a comunidade é, segundo os sitiantes, uma forma de garantir proteção à criação.

Alba Zaluar, analisando as transformações ocorridas no âmbito das festas de santos, faz menção às características tradicionais que se alteraram nas comunidades estudadas por autores consagrados. Os principais motivos das mudanças são: a modernização, a interferência da Igreja e a desestruturação das relações pessoais. A autora descreve o trabalho tradicional de uma *folia do santo*:

...percorria uma área extensa, permitindo que os habitantes cumprissem suas promessas de enviar mantimentos ou animais à festa do santo. Nessas festas, grande ênfase era dada à distribuição de comida feita pelo 'festeiro', o 'dono da festa'. (...) Esperava-se que cada um contribuísse de acordo com suas posses: eram inúmeras as histórias que corriam sobre os castigos dos santos àqueles que se recusaram a seguir essa obrigação ritual. Mas essas dádivas à festa do santo têm de ser entendidas dentro de um sistema de reciprocidade específico. (ZALUAR, 1983, p. 69)

É preciso confirmar que o mesmo acontece na Serra da Canastra, sendo esta ética da reciprocidade declarada em entrevistas e em conversas informais. É público e notório que somente em casos extremos alguém nega a visita da Folia. Como já mencionado, os evangélicos estão eximidos desta obrigação por não partilharem o mesmo universo simbólico dos fiéis católicos. Há ainda casos em que a visita traz a lembrança dolorosa de um ente falecido, estreitamente ligado à Folia, sendo, portanto, evitada inclusive pelos próprios foliões. Só nesses casos a recusa não se converte em castigo.<sup>17</sup>

É bastante aceitável a hipótese de que seja justamente este processo de oferecer as dádivas aos foliões, considerando-os representantes dos Três Reis Santos e mediadores de Jesus entre os homens, que dá respaldo e eficácia às festas, conforme defende Alba Zaluar. Já os foliões, que cumprem a jornada devocional, não precisam oferecer nem comida, nem dinheiro, nem animais; suas ofertas estão todas simbolizadas no trabalho ritual que exercem, garantindo a proteção dos santos. Para ilustrar esta ideia, a autora de *Os Homens de Deus*

---

<sup>17</sup> O palhaço Nino, ou Geléia, contou um caso muito interessante: “o homem não aceitou receber a Companhia, fez descaso, e veio uma enchente de rio e matou todas as suas vacas”. Há também narrativas de casos de arrependimento e, logo em seguida, os bens e a saúde são salvos milagrosamente.

apropriou-se de um depoimento citado por Emilio Willems em seu livro *Uma Vila Brasileira* (1961):

Eu ganho do festeiro quatro mil réis por dia e o resto é o santo que ajuda, pois eu fico com saúde, saúde para mim e minha família, graça pra ela. Há muitos anos eu sou devoto de São José, nunca fico doente e tomo minhas pinguinhas, canto jongo e danço moçambique ainda. (1983, p. 71)

Nas comunidades da Serra da Canastra, muitas transformações têm acontecido também no campo das dádivas, tradicionalmente tido como o momento das trocas simbólicas que garantem a eficácia do ritual. Já foi mencionado o depoimento do saudoso capitão Zé Vitor, em que ele disse ter advertido outro capitão com relação ao pagamento em dinheiro para realização do giro. Zé Vitor justificou seu ponto de vista e, acima disso, suas atitudes afirmando ser dever de um capitão doar dinheiro aos pobres, se preciso for, tal qual fizeram os Três Reis Santos na suposta gruta de Belém, quando foram visitar Jesus Menino.<sup>18</sup>

Para os mais antigos é inadmissível cobrar pelo trabalho de giro como se fossem músicos profissionais e não devotos. Eles percebem nisso um sintoma de desagregação que pode comprometer a festa. “A Companhia não deve ir só às casas que dão dinheiro não; tem que visitar todas. A ganância pelo dinheiro acaba matando a tradição nossa e vai perdendo a graça”, (Informação verbal) sentenciou o capitão. Na Serra da Canastra, como em outros lugares onde as Folias de Reis são realizadas, o espaço de tempo dedicado ao ritual é tanto que dificilmente se ganha dinheiro com isso. Realizar uma Folia de Reis, de fato, dá muito trabalho. Os foliões, exceto uma ou outra figura marginal como Nino, o Palhaço Geléia, trabalham na agricultura ou no comércio e deixam seus afazeres para participar de uma Companhia. Do mesmo modo, as pessoas que os recebem param tudo que estão fazendo e doam seu tempo, seus bens, seus mantimentos, sua criação e, performaticamente, doam-se aos Santos Reis.

No campo das devoções, a sobrevivência do devoto é garantida por uma aliança que, embora passe também pelo econômico, não é mantida por esta lógica de cálculo. Existe, no catolicismo popular, uma espécie de aliança simbólica entre homens e santos que, uma vez estabelecida, não pode ser rompida. O devoto tem a liberdade de criar e recriar suas maneiras de relacionar-se com os santos, havendo, portanto, nas palavras de Higuét, “uma ampla

---

<sup>18</sup> De acordo com o Evangelho de São Mateus, Jesus estava em uma casa e não numa gruta quando recebeu a visita e os presentes dos Magos: “Entraram na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram” (Mt. 2, 11). Podemos interpretar que a ideia da gruta foi consagrada popularmente, simbolizando a humildade, a animalização dos espíritos ou a humanização dos animais, sendo a representação do contato íntimo de Deus com a Natureza.

margem de criatividade” que vai enriquecendo sempre mais as formas deste conjunto de expressões religiosas próprias das classes populares (HIGUET, 1984:27).

Tradicionalmente as Folias de Reis são vistas como grupos precatórios, sempre a pedir esmolas nas casas em que são aceitos. Nos versos entoados durante o ritual de apresentação da Folia é feito o respeitoso pedido:

Os Três Reis vêm viajando  
Parou nas mãos da senhora  
Vem saudar sua família  
E pedir a vossa esmola

Às vezes, o pedido é descarado e motivo de comicidade nas palavras dos mais ousados. “Ê patrão! Achou que tá bonito? Então me dá um cabrito!” ou ainda: “E a Companhia tá boa?” Depois da resposta que é sempre positiva, vem a rima: “Então me dá uma leitoa!”.

Parte obrigatória do rito é o agradecimento feito logo que os fiéis moradores oferecem suas esmolas aos palhaços, que as guardam em um embornal ou as entregam ao gerente, caso haja um. Eles cantam gratos e firmam um acordo entre os doadores e os santos:

Deus lhe pague a bela oferta  
Da senhora e o folião  
Vou pedir aos Santos Reis  
Pra lhe dar a proteção.

Ao analisar os fundamentos da dádiva ou do *dom* em sociedades que não conheceram as leis de contrato e de troca do mercado capitalista, Marcel Mauss, no *Ensaio Sobre a Dádiva*, relaciona várias sequências de rituais onde, sob a aparência de iniciativas pessoais e espontâneas de ofertas, os sujeitos obedecem a regras compulsórias de prestação e contraprestação de serviços. Parecendo fazer o que querem, livres como sempre parecem ser em uma festa, os homens que Mauss descreve estão presos a sequências de obrigações: de dar, de receber, de retribuir. “Pois a prestação total não envolve apenas a obrigação de retribuir os presentes recebidos, mas supõe duas outras também importantes: a obrigação de dá-los, por um lado, e a obrigação de recebê-los, por outro” (MAUSS, 1974, p.57).

Ainda com Mauss, “o doador se dá ao dar, e ele se dá, é porque ele se deve – ele e a seus bens – aos outros” (Idem, 1974, p.129). Também o folião que faz a festa, doa-se e, sabe que sendo época de “jornada”, tem que se dedicar inteiramente à “Folia Santa”. Algumas pessoas, de férias pelo lugar, ficam espantadas e perguntam: “eles não têm emprego? Escola?”. Independente de que papéis desempenhem na vida diária, na labuta pelo pão de

cada dia, os foliões estão numa Companhia porque contraíram compromissos de devoção, provisória ou perene. Sabem que devem doar-se sem limites e, fazendo-o, criam durante um período de tempo restrito e ritualizado, um espaço simbolicamente efetivo às circulações de homens e dádivas.

Além das trocas materiais que engendram um sistema específico de normas, as Folias de Reis se constituem como um dos espaços onde é mais consciente e ordenada a relação de ensino-aprendizagem. A transmissão do conhecimento se faz por repetição, de casa em casa, de ano em ano, dos mesmos rituais, falas e ordem de apresentação do enredo. Ainda que haja sempre espaço para o imprevisto, há certo rigor que ordena e renova o ritual.

Sem a pretensão de invadir o espaço da Etnomusicologia, arrisco uma analogia entre a música e a forma de ordenar o conhecimento dentro da Folia de Reis. Como tentei descrever anteriormente, numa cantoria de Folia de Reis, a primeira voz é sempre do capitão. Ele canta e é seguido pelo 2º capitão, contramestre, respondedor ou ajudante de capitão, que só faz repetir seus versos. De forma progressiva, outras vozes se unem ao coro. Os nomes mudam de região para região ou até de companhia para companhia, mas em geral a voz intermediária é chamada contralto, “contrato”, turina ou “turinda”<sup>19</sup>. Por último, uma voz bem aguda, um grito fininho, esticado, se junta à cantoria. É a “retinta”, “requinta”, “tipe”, “tipo”. De longe se pode ouvir a “requinta” se propagando ao sabor dos ventos e avisando a presença de Folia de Reis na redondeza. Chega a ser comovente a agudeza da voz, um grito fino que se faz música. Uma letra apenas, a última letra da última palavra do último verso cantado pelo capitão. Assim, os foliões repetem em coro ordenado o que foi cantado anteriormente.

De mesma maneira, a transmissão dos saberes específicos é ordenada pela repetição. O menino ouve tantas vezes o avô, o tio ou o pai cantar que, quando entregam em suas mãos um pandeiro e colocam em seu corpinho miúdo uma farda de folião, ele canta orgulhoso os versos que aprendeu “de ouvido”. E a toada continua: um canta, outro ouve, outros cantam juntos. Entra ano, sai ano, as pessoas vão aprendendo e ensinando umas às outras, do jeito mais caloroso possível.

Carlos Brandão, em *O Ardil da Ordem*, investiga os caminhos e as armadilhas da educação popular ajudando no desvelamento dos valores humanos no sistema de transmissão de saberes. O autor classifica as Folias de Reis como uma equipe de *trabalho especializado* ou *grupos corporados de trabalho ritual*. Estáveis, mantendo por anos o mesmo grupo de

---

<sup>19</sup> Pesquisas realizadas junto a Folias de Reis que se apresentam na zona rural do município de São Sebastião do Paraíso/MG, nos anos de 2005, 2009 e 2010, revelaram haver grandes diferenças nos nomes dados às vozes dentro de uma Companhia. Em Paraíso, os foliões nem sequer conhecem a palavra contralto e intitulam de caceteiro o homem que faz a voz correspondente.

figurantes essenciais, as folias produzem trabalho religioso coletivo, e é por meio de seus figurantes que flui uma grande parte do universo simbólico de representação da natureza e da realidade social (BRANDÃO, 1983, p.20).

Para cada tipo de atividade do ciclo rural: a derrubada da mata, o preparo do solo, o plantio, as limpas da lavoura, a colheita, a estocagem e a circulação dos bens, há um repertório próprio de conhecimentos, cuja aparente rusticidade apenas esconde segredos e “saberes” de uma grande complexidade. Muitos termos e expressões foram criados para dar conta deste universo, tais como: tecnologia rústica, conhecimento popular ou ciência caipira.

Como parêntese, no sentido de reforçar o contexto cultural em que se inserem as Folias de Reis observadas, registro que a expressão “caipira” exprime, segundo Antonio Cândido (2001, p. 28), um modo de ser, um tipo de vida e nunca um tipo racial. Embora o estudo de Candido tenha sido feito em uma área paulista, o acaipiramento ou acaipiração foi um processo de incorporação dos diversos tipos étnicos ao universo da cultura rústica de São Paulo. Desta forma, sendo a região da Serra da Canastra muito influenciada historicamente pelos paulistas, é possível considerarmos uma relativa homogeneidade entre os grupos e chamá-los de caipiras. O próprio autor menciona a Serra da Canastra, valendo-se do relato de Auguste Saint-Hilare, Viagem às Nascentes do Rio São Francisco, ao dissertar sobre os tipos de povoamento e a economia de subsistência das regiões ocupadas pelos caipiras. O trecho citado por Antonio Candido mostra o grande isolamento da região da Serra da Canastra, até hoje pouco povoada. Saint-Hilare pergunta a um morador como ele podia viver em um lugar tão solitário. Resposta: gostava de sossego e além do mais não vivia sozinho, pois tinha mulher e filhos e que, com exceção do sal, suas terras produziam com abundância tudo o que ele tinha necessidade (Idem, 2001, p.85).

No mundo rural, saber trabalhar com a terra e com os animais é determinante para a subsistência humana. O saber, por sua vez, não é apenas técnico, mas relaciona-se estreitamente com a Natureza e seus sinais, sendo as estações e as fases lunares, para citar apenas dois exemplos, elementos a partir dos quais se interpreta o mundo e se trabalha concretamente na transformação do mesmo. De maneira equivalente, voltando às Companhias de Reis da Serra da Canastra, é especializado o conhecimento que tem cada folião de seu papel na Folia. De acordo com afirmação do folião Amador, de São José do Barreiro: “O Adilson é o primeiro capitão e o Murilo segundo ou terceiro, depois vem o taleiro, o contralto, as duas retintas e o caceteiro, tudo na fila, sabe. Não vai você pensar que eu dou conta de fazer a dele. E ele também não faz a voz que eu faço. Todo mundo tem o seu dom”. (Informação verbal)

Vivendo em comunidade, as pessoas criam e reproduzem os seus próprios sistemas de troca e preservação dos conhecimentos. Na Companhia de Reis, por exemplo, o capitão, não é apenas quem dirige ou guia o grupo ritual, é a pessoa que sabe no todo o que os outros sabem aos pedaços. Transmitir este saber é uma missão do mestre que deve ser elaborada antes de deixar a Companhia, ou a vida.

Zé Vitor foi o mais antigo capitão entrevistado. Ele faleceu há pouco tempo, mas já tinha deixado o mandato para um discípulo mais jovem, o Adilson. Por motivo de doença, Zé Vitor deixou de acompanhar a Folia nos giros rurais, mas quando o grupo estava no vilarejo ele integrava a equipe. Chegou a receber os foliões em sua casa e as visitas ficaram marcadas pelo sentimento de gratidão que têm os mais jovens para com os antigos mestres. Sobre isso ele disse: “A maior parte desses meninos mais novos fui eu que ensinei. O Adilson canta muitas vezes isso quando eles vêm em na minha casa, que eu que ensinei a ele. E diz que eu fui professor e ele foi meu aluno. Ele faz isso para me homenagear. (Informação verbal)

Não muito distante da Serra da Canastra, ainda em Minas Gerais, numa cidadezinha chamada Fortaleza de Minas, nasceu, viveu e morreu meu avô, José de Melo Horta (1913-2002). Conhecido como *Nêgo*, vovô saía todos os anos no Terno de Congo de Nossa Senhora do Rosário tocando seu violão azul enfeitado com fitas coloridas. Eu era ainda criança e não tive a oportunidade de perguntar a ele nada sobre aquilo que fazia mas, por vezes, acompanhei a música e as cores pelas ruas, igreja adentro, quintais afora, e sentia que era algo muito importante sendo feito.

Pouco tempo antes de meu avô morrer, já muito idoso e debilitado, no tempo em que todos achavam graça de seus comentários sem sentido algum, próximos da demência e típicos da velhice, algo fantástico aconteceu. Numa tarde de férias, ouvimos a música tão familiar se aproximando. Era o Terno de Congo no qual *Nêgo* tinha saído em jornada durante décadas. Meu avô foi andando devargazinho até a janela, com a ajuda dos filhos, e quando chegou foi uma comoção geral. Alguns antigos companheiros, sendo inclusive dois seus irmãos de sangue, se misturavam aos mais jovens cantando e tocando os instrumentos enfeitados com fitas. Meu avô com certeza se lembrou naquele momento de quem era, de sua história, de sua mocidade e sentiu o peso dos anos vividos e da morte se aproximando. Pois ele, que pouco antes não reconhecia nem os próprios filhos e netos, chorou de emoção e mandou que alguém abrisse a porta e convidasse os amigos congadeiros a entrar em sua casa. Todos viram não mais um caduco/esclerosado, mas um senhor respeitado e querido por todos, um homem que sabia o quanto era importante receber o Terno de Congo em sua casa. A eles foi oferecido



café com quitandas mineiras, ao meu avô foram devolvidas, por alguns nítidos instantes, a autoconsciência, a memória, a ordenação da própria vida.

Dentre as regras de reciprocidade estabelecidas entre homens e santos, aceitar o grupo ritualístico em casa é obrigação de devoto. Meu avô sabia que era assim e não se esqueceu, a despeito da idade e da aparente alienação. O gosto pela festa, a identificação e a afetividade determinam o vínculo que não se rompe entre devotos e santos.

Piaget postulou que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade. Não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, enquanto processos da adaptação, possuem um lado afetivo, posto que há o interesse em assimilar o objeto ao *self* – o aspecto cognitivo é a compreensão (ARANTES, 2002).

Nessa perspectiva, o papel da afetividade é funcional na inteligência, sendo a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Na relação do sujeito com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo, existe uma energia que direciona seu interesse para uma situação ou outra, e a essa energética corresponde uma ação cognitiva que organiza o funcionamento mental. Complementando, todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, sendo conhecimento e também afeto.

Em síntese, como lado a lado vivem separadas as duas cordas centrais da viola, as mesmas que devem estourar ao fim da embaixada para “batizar” o instrumento, afinando-o, pedir e receber são fundamentos significativos no ritual da devoção por estreitam os laços de afetividade entre as partes. Isso vale tanto para os foliões quanto para os que os recebem, já que neste caso a fé precisa da confirmação imediata de que a troca foi realizada. “Afiml, Deus se obriga, Santos Reis garantem e os foliões proclamam”, como ouvi de um folião.

#### 5.4 O boi ajoelhado: figura simbólica do imediatismo nas Folias de Reis

Nas relações (quase) pessoais em torno da experiência de Folia de Reis na Serra da Canastra, sendo íntimas e firmadas de pés juntos nas trocas estabelecidas dentro do compromisso entre as pessoas da comunidade, bem como entre estas e os santos (por isso

“quase” pessoais), estão concentradas ações performáticas que revelam conhecimentos cognitivo-afetivos<sup>20</sup> partilhados pelo grupo.

As regras do ritual desvendam uma vivência da afetividade que tanto pode provocar a intimidade, quanto ser ratificada pela mesma. Tanto foliões quanto devotos se tratam com afeto e assim também tratam os Santos, representados na Bandeira de Santos Reis. Receber a Companhia em casa é uma ação de entrega, materializada na mesa farta oferecida, no uso exagerado das bebidas alcoólicas, na doação obrigatória de algum dinheiro para o embornal do palhaço ou em outras *performances* da devoção, como por exemplo, beijar a Bandeira.

O beijo é uma expressão de carinho, de intimidade física em cuja unicidade se aporta a possibilidade de um corpo falar ao outro quando as palavras tornam-se desnecessárias. Na aproximação dos lábios está mais do que a aproximação dos corpos; sendo uma entrega de sentimentos e de expectativas. O beijo é também uma forma de sedução, de gratidão e de perpetuação do amor; sendo uma troca de afeto bastante íntima que, todavia, em nossa cultura, pode ser efetuada publicamente a despeito de sua possível conotação sensual.

Quando a Bandeira de Santos Reis é beijada, em uma linguagem devocional de proximidade e afeto, os corpos dos homens se curvam ao sagrado e depois se rendem aos seus encantos, seduzidos, entregues, afetuosos. Imagine a cena: o homem sério, de características rústicas, barbado, queimado de sol ajoelha-se e beija a Bandeira Santa. Perto dele, outro espera tático, muito almirante, para também beijá-la. Aquilo era de atontar os olhos, expressões simbólicas da linguagem do corpo na devoção. Deste modo, o relacionamento extremamente físico entre os fiéis e as imagens constata que o poder imanente destas últimas está na crença de que tocá-las seja comungar de sua força e proteção.

Durante a jornada de uma Companhia de Reis, a Bandeira é beijada tanto pelos devotos quanto pelos foliões. Quando a Bandeira se despede da casa de um pagador de promessa, foliões e promesseiros beijam a Bandeira. Os donos da casa proclamam a fé no milagre realizado por Santos Reis e, em seguida, os foliões vão de um a um até a Bandeira Santa para beijá-la, em uma *performance* de aprovação diante do testemunho de milagre.

---

<sup>20</sup>Haveria conhecimentos exclusivamente cognitivos ou exclusivamente afetivos? A essa segunda pergunta poder-se-ia responder *sim* ou *não*. Se a resposta for *sim*, tratar-se-á de uma concepção centrada na justaposição dicotômica entre cognição e afetividade, embasada no princípio de que a razão e as emoções constituem dois aspectos diferenciados no raciocínio humano. Ao contrário disso, se a resposta for *não*, conceber-se-á a intrínseca relação entre os processos cognitivos e afetivos no funcionamento psíquico humano. Assumimos a segunda perspectiva, daí o emprego da expressão *conhecimentos cognitivo-afetivos*, e duas razões nos levam a tal posição. (ARANTES, 2002)

Exceto o palhaço mascarado, todos pararam de tocar seus instrumentos por alguns segundos para beijar a Bandeira erguida pelas mãos do devoto.

Nessa relação entre o devoto e o santo são os corpos que falam. O corpo que outrora era portador da doença, se curva diante da Bandeira que, em última análise, é a representação simbólica dos Santos Reis e de Jesus Cristo. Beijar a Bandeira é uma linguagem corporal significativa, pois, como já mencionamos, remete à ideia de intimidade e afetividade.

Durante a jornada de uma Companhia, este ritual de íntima afetividade se repete. Muitas casas são visitadas, aliás, são visitadas todas as casas cujos donos pediram para serem incluídas no trajeto. Algumas visitas são surpresas, mas em geral sempre acolhedoras. Exceto os evangélicos, as pessoas do lugar se obrigam a receber a Companhia, pois a rejeição pode acarretar um castigo futuro e a recepção positiva é interpretada como sinal de bênçãos.

Os foliões, católicos, respeitam as diferenças religiosas; não provocando os de religião alheia e nem se esforçando na tática da conversão. Em geral, as Companhias têm um gerente, o macuco, que se encarrega de ir à frente e perguntar ao morador da próxima casa do trajeto, se este aceita receber o grupo. Sendo afirmativa a resposta, ele volta e avisa ao grupo que segue a jornada, levando a Bandeira, cantando e fazendo versos.

Em 2004, o padre Gilson Ribeiro da Silva morava em São Roque de Minas e ia até a igreja de São José do Barreiro todo primeiro domingo do mês, para celebrar a missa e os sacramentos. Nos outros dias, a igreja, que fica no ponto mais alto do vilarejo, é aberta por pessoas da comunidade que rezam seus terços e novenas, e celebram os ciclos tradicionais do catolicismo, como Páscoa, Pentecostes e Natal. Ali também são comemorados os dias dos santos do ciclo junino e, especialmente, o Dia de São José, no mês de março.

Logo na entrada do vilarejo, um templo da Congregação Cristã no Brasil foi erguido em meados dos anos 90 do século passado, promovendo a conversão de alguns moradores locais mais afeitos aos cultos dirigidos por um líder, cuja centralização de poder não existe nos leigos do catolicismo popular, que são mais informais e familiares, menos moralizadores<sup>21</sup>.

Durante esta pesquisa, vários giros de Companhias de Reis foram acompanhados. Nos cinco grupos pesquisados, em localidades distintas e com integrantes também diferentes, nunca casa alguma de “crente” foi visitada. Quando, por força do trajeto, a Companhia passava nas proximidades de alguma residência de evangélicos, os foliões nem sequer

---

<sup>21</sup> Embora os dados sejam datados, a situação do distrito de São José do Barreiro continua sendo a mesma até os dias atuais, no que se refere às práticas religiosas institucionalizadas.

mencionavam as presenças dos “nobres moradores” que, do lado de dentro da casa, observavam com seriedade o cortejo.

Para entender esta atitude de rejeição adotada pelos evangélicos, especialmente com relação às manifestações do sincretismo religioso tipicamente brasileiro, o antropólogo Ronaldo de Almeida (2009), em *A Igreja Universal e seus Demônios*, propõe que a Igreja Universal tenha alicerçado sua expansão no proselitismo exclusivista e na satanização das religiões alheias, confrontando-se com elas e negando suas mensagens.

Apesar de afirmar que está oferecendo à população não uma religião, mas a própria verdade da Bíblia, a Igreja Universal não deixa de exigir dos seus fiéis a adesão exclusiva às suas crenças. “Não é possível servir a dois senhores”, disse um pastor, referindo-se a uma passagem bíblica. Logo, aquele que se converter a essa igreja deverá permanecer tão somente nela (ALMEIDA, 2009, p.118)

De acordo com Ronaldo de Almeida, “a Congregação Cristã do Brasil foi a primeira igreja pentecostal a aportar em solo brasileiro, em 1910”, sendo, portanto bastante tradicional (ALMEIDA, 2009, p.25). Logo de início, o pentecostalismo se mostrou desinteressado em atuar diretamente na vida social e política, tendo uma pregação mais voltada para o espiritualismo e a necessidade de um “afastamento do mundo”. O autor afirma ainda que a Congregação Cristã nunca fez proselitismo, característica explicada pela herança calvinista da doutrina da predestinação, em que se acredita ser o fiel um escolhido para atender ao chamado de Deus. É como se uma Força Superior atraísse os fiéis, não havendo, portanto, necessidade de uma campanha evangelizadora ostensiva dirigida às outras religiões.

Prezando pela rigidez no comportamento e nos costumes, a Congregação Cristã incentiva seus fiéis a se vestirem de modo característico. Na região da Serra da Canastra, não é raro estes adeptos irem a uma cachoeira em pequenos grupos, socialmente trajados (os homens de camisas, cintos e sapatos e as moças de saias abaixo dos joelhos e cabelos longos) e com bíblias debaixo do braço. Enquanto os turistas e pessoas do lugar se banham com roupas sumárias, eles se sentam nas pedras e conversam tranquilamente sem se misturar aos outros. Da mesma forma não se misturam aos foliões e, em hipótese alguma, recebem em suas casas a “Bandeira Santa”, sendo absolutamente hostis às imagens do catolicismo.

Por outro lado, há relatos correntes de que outras pessoas também agiram com hostilidade, não sendo evangélicas nem tendo ente falecido cuja dolorosa lembrança seja diretamente provocada pela apresentação da Companhia. Neste último caso, é aceitável aos foliões ouvir uma recusa na casa de devoto ou folião que já morreu, uma vez que a cantoria costuma provocar o choro consternado das viúvas. Entre os casos que são contados pelos

próprios foliões para ratificar o poder dos Reis, ao lado das histórias de cura física, há os episódios em torno da Bandeira, considerada a imagem dos Santos. São os casos dos incrédulos provocadores, aqueles que se negam publicamente a receber a Folia de Reis e, como se isso não bastasse, ainda provocam. Quase sempre constituídos de elementos fantásticos, estes casos seguem um roteiro padronizado, cujo clímax é reação divina, a resposta dos Santos, que resulta em conversão religiosa e “prova [de] que a fé é uma virtude”, conforme disse um folião ao encerrar um caso desta natureza.

Em certa ocasião, em meio às inúmeras visitas rurais costumeiras, a Companhia de Reis chegou à fazenda de um senhor deveras abastado. Este homem, no entanto, mostrou-se totalmente descrente com relação à intenção religiosa do grupo que o abordava, e, inusitadamente, ofereceu a eles um de seus bois, desafiando-os a evocar a fé do animal: “podem cantar, mas só se for pr’este boi. Se ele deixar ocois cantar pra ele, eu dou ele de oferta pra companhia!” (Informação verbal) – esbravejou.

Os destemidos foliões imediatamente tomaram a proposta por aceita, sem o conhecimento de que se tratava de um boi furioso, um “boi pegador”. Então, ao ser aberta a porteira, o exasperado bovino correu, como um gato a um rato, em direção à companhia. Foi quando, ao aproximar-se da mesma, com sua majestosa Bandeira erguida, o animal ajoelhou-se; desta maneira, como um beato perante o seu altar, o boi permaneceu do início ao fim da embaixada, mostrando que a devoção que envolve os homens da Folia de Reis é tão imensa a ponto de contagiar o mais raivoso animalesco ser. Tendo ocorrido tudo isto, a Companhia recebeu o boi como oferta e o então cético proprietário passou a crer, fielmente, no milagroso poder dos Três Reis Santos.

O enredo é invariavelmente o mesmo nas histórias coletadas: homem rico e ímpio recusa visita da Companhia, dirige blasfêmia à Bandeira e, logo em seguida, algo fantástico acontece. Diante de uma religiosidade popular que tem fé nos milagres, sendo imediatista, os próprios Santos agem inesperadamente a fim de provar poder. O boi ajoelhado, de cabeça baixa diante da Bandeira Santa, é uma cena emblemática da devoção vivenciada e divulgada pelos foliões de Reis. O olhar da Bandeira/dos Santos para o boi/devoto ajoelhado materializa a “concepção de eficácia que emana das categorias, modelos e conceitos com os quais [foliões] interpretam e tornam plausíveis suas experiências de vida” (CEZAR, 2010:217).

Nesta análise, o uso de histórias de vida foi o instrumental preferencial para a formulação de pressupostos e hipóteses sobre as Foliias de Reis da Serra da Canastra. A partir de narrativas de experiências concretas acerca de uma vivência específica (a devoção a Santos Reis) podemos dizer que a relação dos devotos com os santos é de intimidade, fortemente

marcada pelo imediatismo e pela entrega obrigatória de bens materiais e simbólicos. Representada tanto pelo trabalho ritualizado e especializado dos foliões que doam seus dias e noites à Companhia, quanto pelas oferendas angariadas ou ceias oferecidas, o sentido de entrega está relacionado também à atitude de mansidão, no sentido de aceitação ou serenidade diante do sagrado. Nesta narrativa dos foliões, o poder da divindade é indiscutível e ai de quem Dele duvide.

### 5.5 A lei dos outros e as leis da natureza

Os católicos, e também alguns espíritas, preparam suas casas com imagens de santos, presépios, comida farta e flores nos quintais para receber a Companhia. Esta obrigação de “receber o terno” cria e recria rituais singulares, sendo o espaço privilegiado em que muitas das regras são reveladas. Na parte descritiva, vimos exemplos de rituais, desafios e brincadeiras propostas à Companhia quando ela chega ou sai de uma casa. Os versos seguem um padrão, é verdade, mas não seria exagero algum afirmar que há uma estrutura do improvisado, visível especialmente nas rimas feitas durante os desafios, as brincadeiras nos terreiros das casas.

Vimos também que, se há um presépio na casa, é de rigor que os foliões cantem a “Adoração ao Presépio”, uma obrigação a qual não podem se eximir. Evandro Faustino, em sua dissertação de mestrado intitulada *O Renitente Catolicismo Popular*, cita o curioso relato de uma moradora de Congonhal/MG, que sempre armava em sua casa um presépio. Segundo ela, em citação do autor, os foliões daquela região não sabiam cantar a “Adoração do Presépio” e, por isso, davam uma volta maior para não ter que passar naquela casa. (FAUSTINO, 1996, p.73).

Na Serra da Canastra, as Companhias de Reis executam com primor esta obrigação de adorar o presépio. Para os capitães mais antigos o rigor é tanto que se obrigam a cantar no mínimo 25 versos, sendo este o dia em que se comemora o Natal. Segundo explicação do capitão Zé Vitor, os versos do presépio são decorados por meio da oralidade num exercício de memorização que pode durar anos. Depois de explicar toda a versão bíblica da origem da Companhia de Reis ele falou sobre a obrigação de cantar entre 25 e 30 versos quando fica frente a frente com um presépio:

Graças a Deus nunca me faltou repertório. Todo dia que eu saia com a Companhia eu fazia minha oração e pedia aos Três Reis Santos e ao Menino Jesus para que eles não deixem faltar a memória, não deixem faltar repertório. Eu na minha idade já acho difícil, porque a gente aprender as coisas só com tempo não é fácil não. (Informação verbal)

Evandro Faustino não se aprofunda no estudo das Folias de Reis, tendo outro objeto de estudo e servindo-se do exemplo apenas para enriquecer seus argumentos. Seu texto, contudo, serviu de inspiração ao meu trabalho por chamar a atenção para o tipo de organização “informal” das Companhias, a mesma encontrada em outras festas religiosas “tradicionalistas”. Para Faustino, tanto os foliões quanto o festeiro são motivados pela fé e não se valem da formalidade institucional, presente nos sacerdotes, para dar sentido ao mundo vivido.

Na festa, todos se reúnem para louvar o santo, agradecer as graças, pedir proteção e participar do banquete: o ambiente é de profunda fé e reverência, pelo menos enquanto se faz a saudação e a cantoria. Depois disso, “Bandeira Santa” resguardada em um dos quartos da casa, as pessoas bebem, comem, conversam, riem alto, tocam outros ritmos e dançam. Só as pessoas de fora, que nada entendem, veem numa festa dessas uma manifestação folclórica. (Idem, 1996, p. 76).

Tanto as festas de Santos Reis, quanto as visitas de Companhias, fazem com as pessoas se relacionem de maneira mais próxima com os Santos e com elas mesmas. Podemos dizer que a devoção, enquanto experiência íntima que é partilhada na esfera pública, possibilita estes relacionamentos e lhes dá características próprias. Durante as pesquisas de campo realizadas entre 2003 e 2005, algumas conversas e gestos deixaram evidente que, para os foliões, a Companhia de Reis é uma devoção. O capitão Zé Vitor, por exemplo, teve um mandato de quase 30 anos na Companhia de São José do Barreiro, fora os outros 20 em que foi ajudante de capitão. “Desde que me entendo por gente, lembro-me de ter Folia de Reis aqui em Barreiro, muitos são devotos e os Três Reis são milagrosos”, declarou em entrevista coletada poucos meses antes de seu falecimento.

Zé Vitor nasceu em 1930 e conheceu o lendário Antonio Machadinho, tocador de pandeiro que foi folião até os 96 anos de idade e é considerado mestre de uma geração mais antiga de foliões. Dentre os quais, Zé Vitor, atualmente reverenciado como mestre pelos que integram a Companhia, como é o caso de Adilson, capitão da Companhia de Reis de São José do Barreiro.

A conversa com Zé Vitor foi em sua própria casa, pois com problemas de saúde ele raramente saía. Mesmo antes de adoecer ele não participava mais da Companhia há uns 20 anos. Tinha transferido seu mandato para Adilson por acreditar que devia “deixar a tradição perpetuar”, apesar de “sentir falta da Folia”. Ele falava do seu passado de capitão com os olhos fixos e um sorriso, observado pela esposa que comentou sobre o fato de, há tempos, não vê-lo feliz daquele jeito. Quando conversamos sobre os motivos que levam um homem a ser

folião, entre os quais a religião, a tradição familiar, as promessas feitas pela própria pessoa ou parente e a vontade de estar com os amigos cantando e tocando no grupo, Zé Vitor enfatizou a importância da devoção:

Sou devoto de Santos Reis. Nunca cobrei para sair numa Companhia. Tem capitão que cobra até por dia trabalhado. Mas nós aqui do Barreiro fazemos por devoção, visitamos as pessoas na época de Natal como os 'Reis Magros' fizeram com o Menino. A Companhia que sai no Natal é fazendo visita nas casas dos pobres, não deve pedir dinheiro não, é fazendo visita. Muitas vezes precisa a gente dar dinheiro pro povo. Eu, por exemplo, aqui, no meu mandato de capitão, já teve dia de eu enfiar a mão no bolso e tirar, em vez de nós pegar dinheiro. Então, o dever é esse. Eu falei pro capitão (...) que ele sabe muito bem: Jesus quando nasceu não tinha nada e teve os 'Reis Magros' que foram visitar Eles levaram os presentes para Ele. Como os Três Reis foram visitar o Menino Jesus, naquele tempo falava 'Os Três Magos', nós também temos que visitar as pessoas que não têm nada. (Informação verbal)

Curiosamente, o folião refere-se aos Santos como Reis Magros e não Magos, assim como algumas pessoas dizem Santo Reis e não Santos Reis. São variantes que expressam o imaginário em torno dos Santos, bem usuais, por sinal.

Zé Vitor enfatiza a devoção, o desprendimento e a obrigação ética e moral de visitar as pessoas sem fazer diferenciação entre elas. Relacionando Jesus com humildade e com pobreza material, o mestre de Folia de Reis retifica, em seu discurso, a esfera da coesão social durante os dias de Folia. As pessoas relacionam-se com proximidade, satisfazem-se comendo e bebendo juntas, riem da mesma palhaçada do folião mascarado, emocionam-se com os mesmos testemunhos de milagres e transitam nas casas umas das outras com liberdade impensada em dias normais. Assim, o modo de se relacionarem com os santos lembra em muito o jeito com que relacionam-se entre si enquanto recebem a visita de uma Companhia de Reis. Intimidade, entrega, reciprocidade, afetividade e suposto nivelamento entre as partes são algumas das maneiras com que circulam as trocas no espaço de realização de uma Folia de Reis.

Embora a ênfase deste trabalho seja o contato relacional entre homens e divindades, é interessante notar também como é a relação entre homens e natureza. Zé Rosena, folião há mais de 40 anos e integrante da Companhia da Babilônia, contou sobre a existência de uma festa de Companhia de Reis chamada "festa da chuva". Segundo ele é uma festa de penitência, realizada nos meses de outubro e novembro:

É muito misteriosa essa Companhia. Já faz mais de umas quarenta Companhias que eu ando e só que não choveu foi em uma. Mas, do contrário, nós saímos pode estar o sol que estiver, que chove. Ou nós molhamos na saída, ou no giro, ou na chegada. Nós molhamos. Tem vez que nós cantamos debaixo d'água. (Informação verbal)



Tendo em vista que por meio da oralidade o homem não apenas diz o que deseja, como também se silencia sobre o que está incumbido de guardar, o folião nada mais disse sobre esta “misteriosa” faceta da Companhia, ficando o mistério restrito à infalível ocorrência das chuvas. Fica claro, contudo, que a penitência, o giro, a jornada da Companhia vai adquirindo marcas naturais com o passar do tempo, se repetindo sempre nas mesmas localidades e estações do ano, observando o equilíbrio ou desequilíbrio do ecossistema em que se insere.

Na Serra da Canastra o passado (tempo e memória) é assunto corrente nas conversas à hora do cafezinho. “Quando criaram o Parque tivemos que nos mudar de fazenda”, “Vim lá de Goiás atrás dos diamantes”, “Em Barreiro o arco-íris é ainda preto e branco”, “Isso é do tempo dos quilombos que fugiam para o chapadão”. Parece claro que a passagem do tempo, para as pessoas dessa região rural, é percebido nos sinais da natureza e na incorporação às práticas sociais.

Falamos em indicadores e marcadores do tempo que, como um grande relógio de sentimentos e significados, marcam a vida das pessoas à medida que se relacionam com o modo peculiar que cria cada comunidade ou família ao se reconhecer e interagir no meio ambiente. Faço uso das categorias de Brandão para que fique mais simples a ideia. São os seguintes indicadores: da natureza cósmica (estrelas, sol, lua); os do ambiente próximo (floração dos ipês, chegada das chuvas, amadurecimentos das frutas nas árvores, acasalamento de bichos). Incluímos aqui a percepção do tempo a partir das estações do ano, da angulação dos raios de sol refletidos no paredão da Serra; sutis transformações da paisagem emprestadas das cores, e dos ventos vindos de outras regiões.

Há ainda os indicadores dos efeitos do trabalho sobre a natureza incorporada à sociedade (e aqui entra a colheita dos alimentos, o preparo do campo, a lenha seca sazonal dos pastos); os dos trabalhos rotineiros dos homens e mulheres na casa e no quintal ligados ao momento do mundo natural, como é o caso da feitura de doces e compotas, produção de banha que servirá ao uso doméstico por um espaço considerável de tempo, trato da madeira e construção de cercas e estábulos; os dos calendários dos dias e festas dos grupos domésticos e de suas pessoas (aniversários de casamento, batizados, crismas, aniversários pessoais, festejo ao padroeiro do sítio); os das festas comunitárias em seus vários círculos de relações e significados de identidade e aliança (a Semana do Ciclo de Natal e suas novenas, as festas de Santos Reis, as comemorações vividas à volta das mesas em casa, em torno das fogueiras no mês de junho).

Se nas grandes cidades há uma lógica externa regida pelo mercado, pelo trabalho, pelas horas, pelo engarrafamento de carros; por outro lado são os indicadores tradicionais que marcam a passagem natural do tempo entre os caipiras. É por meio do trabalho com a lavoura e o criatório que uma lógica interna é compartilhada entre os seres humanos e a natureza sociabilizada. Mais que isso, vemos como a relação entre homem e natureza também passa pelo prisma da religião, como nos sugere o depoimento de Zé Rosena.

As Festas de Reis exercem duas funções sociais determinantes nas comunidades onde são realizadas, particularmente nos bairros rurais, vilarejos e cidades de pequeno porte da região da Serra da Canastra. São marcadores culturais do tempo e são elementos de integração ou reafirmação de laços sociais, via religião. O circuito da Folia de Reis, com a ritualização dos vínculos sociais, dá a ideia de integração e de nivelamento social. A Folia se parece a um rito de coesão social, posto que a sua jornada e a circulação das imagens dos santos conectam os católicos. Estes, não vão até os santos, mas os recebem em casa, por meio de uma experiência de catolicismo peculiar, muito associado à vida rural, ao compadrio e à devoção.

Além disso, promovendo trocas materiais e espirituais, ela facilita o contato entre homens e santos, entre homens e homens, e ainda entre homens e natureza. Neste último caso, vimos que nas narrativas de foliões, a força da natureza aparece como elemento vingativo e destruidor, uma espécie de resposta divina às blasfêmias dirigidas aos Santos Reis/Bandeira Santa. O mesmo acontece em narrativas que têm como mote o pacto com o diabo. Em geral, os homens pactários obtêm riquezas materiais, mas são sempre como que perseguidos por forças naturais que, de acordo com a interpretação dos nativos, são sinais de Deus.

Para exemplificar, inserirei esta história ouvida num café ao pé da Serra, em casa tradicionalmente rural. Perguntei, à senhora dona da casa, sobre a ponte decrépita pela qual atravessamos o Rio São Francisco e chegamos em suas terras. Tinha observado num banho, alguns dias antes, que os dois pilares extremos eram construção muito antiga, e com aspecto de muralha quando comparados ao pilar do meio. Os três pilares sustentam a ponte de madeira velha e furada que se sacode com o peso do automóvel.

Ela me contou que um homem chamado Emílio, vindo do Oeste e tendo abandonado por lá mulher e filhos, se fez único dono das terras da margem esquerda do Rio até o paredão da Serra (dali em diante só dando volta pelo alto). Construiu família, o desgarrado do homem, e toda vez que saía pelos campos, como é costume entre a gente local, sua mulher dizia: “vai com Deus”. O homem falava em deboche: “vou não, vou é com minha mula!”.

Um dia Emílio retornou a pé prá casa, relatando contrariado que havia deixado a mula amarrada num arbusto e que quando voltou encontrou apenas os sinais do incêndio que

vitimou o animal. Como vimos, o cerrado costuma pegar fogo naturalmente. Muitas brincadeiras feitas na época foram lembradas com risos pela contadora. Disse que os meninos queimavam papéis, juntavam as cinzas e iam atrás do dito-cujo dizendo que tinham encontrado sua mula.

Pois bem, este mesmo fazendeiro assumido ateu, divulgou o projeto de construção da primeira ponte sobre o Rio São Francisco que, segundo ele, seria tão forte a ponto de “nem Deus poder derrubar”. Foi o que todo mundo ouviu ele dizer entre uma cachaça e outra com os homens no boteco. A ponte devia ser mesmo muito imponente, como indicam seus dois pilares, mas de nada adiantou o poder do homem e de suas obras diante da natureza violenta das águas. E na primeira noite uma tromba d’água vinda da cimeira da serra destruiu o trabalho de dias.

Chegaram dizer que o homem era azarado, falava de mais, descreia de Deus e, por último, era pactário, ou seja, tinha pacto com o diabo<sup>22</sup>. Outras narrativas confirmam que para um pactário a morte é uma penosa sequência de maus agouros. No caso ocorrido na Serra da Canastra o homem padeceu de uma doença em que as partes de seu corpo foram gangrenando e sendo decepadas aos poucos. Dizem ainda que sua mulher, uma distinta senhora, faleceu vitimada de raio que caiu justo em sua cabeça enquanto realizava tarefas domésticas no terreiro. Como os fenômenos naturais são geralmente relacionados à vontade divina, ficou claro para o povo do lugar que Deus castigou o homem e seus familiares próximos.

## 5.6 A festa, tempo e memória

Carlos Rodrigues Brandão, em *O Afeto da Terra* (1999), se concentra no estudo do “sutil conhecimento, ainda um tanto obscuro para a Antropologia”, que o homem camponês possui e utiliza, de formas muito oportunas, em sua relação com a natureza. Compreendendo que o sentimento de tempo vivido como imaginário, conhecimento, preceito e gramática da vida individual e coletiva, nunca seja medido por meio de uma esfera única, Brandão elenca vários indicadores tradicionais da passagem do tempo natural nas sociedades rurais, como vimos acima.

---

<sup>22</sup> Dizer que o fazendeiro era pactário pode ser uma metáfora para dizer que ele era maldoso, explorador, desumano. Tendo em vista o modo como se afirmou no Brasil uma sociedade patriarcalista, fundada na exploração e domínio dos menos abastados; torna-se factível pensar que o uso de arquétipos diabólicos serve para desvelar tais relações. Oprimindo maledicente e sem restrições, o fazendeiro entrou para a história como um verdadeiro carrasco dos outros e de si mesmo.

O sentimento de passagem de tempo é lugar-comum na fala das pessoas que tendem a memorizar e organizar suas vidas não só em função da natureza cósmica, como também do calendário das festividades religiosas. Tanto para os foliões quanto para os moradores que recebem tradicionalmente as companhias em suas casas, ou para aquelas que só as veem passar e/ou acompanham a “jornada”, a Festa de Reis é o marco de mais um ano que se finda e outro que se inicia. Assim como a idade das pessoas é contada pelo número de “janeiros”, palavra usada na região para falar dos anos vividos, a marcação social da passagem de mais um ano é sentida legitimamente pela comunidade quando a Folia inicia seus trabalhos no dia 24 de dezembro e só para em 6 de janeiro. Conforme Carlos Rodrigues Brandão, as festas comunitárias em seus vários círculos de relações e significados de identidade e aliança são marcadores do tempo, da mesma forma que, em outra escala, festeja-se nas escolas o “Dia da Independência” e o “Dia de Tiradentes”.

Em Vargem Bonita, uma lei de fevereiro de 2006 (Lei nº 875/2006) define como feriado municipal o dia 6 de janeiro, Dia de Santos Reis, “por estar tradicionalmente já incorporado no calendário de festividades”. De fato, não apenas em Vargem Bonita como em toda a região da Serra da Canastra, sendo 6 de janeiro dia útil ou fim de semana, faça chuva ou faça sol, os envolvidos não trabalham em outra coisa senão na realização de mais uma chegada de Folia de Reis. É o reconhecimento público e institucional de uma vivência religiosa popular, repetida ano a ano e transmitida, por meio da oralidade, de geração em geração, de uma maneira “tradicional” e devocional.

Nos dias de festa, muitos elementos contribuem para matizar a interpretação que aqui se apresenta, segundo a qual a Folia de Reis promove a encenação de um suposto equilíbrio, estabilidade e integração social. No universo das Foliás de Reis, bem como das Congadas e Moçambiques, a comida exerce uma função niveladora, dada a farta distribuição de alimentos nas casas por onde passam. Todos podem comer indiferentemente e, quem acompanha o grupo, tem passagem livre pelas cozinhas onde a refeição, os doces, as quitandas, os refrescos, as cachaças, os cafés e toda sorte de delícias são preparadas e servidas. A única conduta exigida, de bons modos e não ritualística, é que os foliões devem se servir antes dos demais. Entre eles, sai na frente quem tem mais fome. Exceto o palhaço, que deve esperar do lado de fora da casa até todos se servirem, só depois podendo entrar e comer também.<sup>23</sup> O termo “popular”, portanto, não tem cunho estritamente cultural, é também social.

---

<sup>23</sup> Há muitos anos, de acordo com relatos de pessoas mais idosas, era costume entre o povo da região da Serra da Canastra se preparar uma mesa de comidas especiais, exclusiva para as crianças. Os adultos só se serviam depois

Por meio desta prática religiosa festiva as pessoas têm a oportunidade de viver uma segunda vida, tal qual sugere a análise de Bakhtin sobre o carnaval (BAKHITIN:1999). Esta “segunda vida do povo” não só é possível em função da carnavalização, da fantasia e do teatro encenado em meio à vida cotidiana. É, sobretudo, por possibilitar a dissolução de problemas insolúveis e dar aos homens uma chance de superação material e espiritual.

O historiador Noberto Luiz Guarinello (2001), no artigo “Festa, trabalho e cotidiano”, publicado na obra *Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa*, afirma:

Festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade. (GUARINELLO, 2001, p. 972).

Muitas vezes, contrastando com a realidade sofrida e injusta, as festas do catolicismo popular camponês expressam a possibilidade de mudança, o lado mítico, férreo e alegre da vida, em que aflora o *homo festivus*. Levando um Cristo itinerante, as Folias entram na vida circunscrita no círculo do imediatismo. Absorvidos pelo momento da festa, todos estão desligados do dia-dia. Há um excesso consciente realizado nos dias de festa, as pessoas comem e bebem mais, dormem menos, gastam mais dinheiro, se vestem com mais apuro, choram ou regam com lágrimas os sorrisos. Cândido da Costa e Silva, em *Roteiro da Vida e da Morte – Um estudo sobre o catolicismo no Sertão da Bahia*, faz uma afirmação veemente: “no caminho do cristianismo sempre houve uma pedra: o prazer” (Costa e Silva, 1982, p.71).

Talvez seja por isso que os capitães preferem se referir ao seu grupo como Companhia, em detrimento de Folia, a fim de se esquivarem do sentido festivo, “profano”. Sensível ao apelo das soluções místicas, ao mesmo tempo em que está presa à terra e por ela tão aprisionada, “essa gente gerou, no isolamento da diáspora em que sempre viveu, um tipo de cristão entre tantos que o cristianismo fez surgir, mundo afora, em dois milênios” (Costa e Silva, 1982, p. 14). A festa une estas duas pontas da vida camponesa, o sagrado e o profano, sendo, para usar a expressão de Regina Prado, “o momento social exato da dilatação das fronteiras comunitárias” (PRADO, 1977).

A fusão entre o espaço, o mundo “sagrado” da religião e o mundo “profano” das festas foi observada por Riolando Azzi, em *O Catolicismo popular no Brasil – Aspectos Históricos*, quando o autor cita José Ferreira Carrato, um estudioso da religião popular em Minas:

---

que as crianças presentes comessem o que lhes era oferecido. Era a *Mesa dos Inocentes*, que hoje não existe mais.

Todavia, como estas festas constituem no fundo um divertimento popular, por um tácito e geral consentimento, vão aos poucos se deixando penetrar do poderoso sincretismo das raças em fusão e acabam tornando-se verdadeiras peças folclóricas, desfigurando completamente a intenção litúrgica primitiva. Assim, a Festa dos Magos se transmuta na “Folia de Reis” (...), tudo com muita cor, e fantasia, música e cores, fogos, foguetes (...) (AZZI, 1978, p.108)

A figura do palhaço na Folia de Reis rende um inesgotável arsenal de interpretações, se consideradas as numerosas modalidades de superação, renovação e equilíbrio social da festa e da comicidade representada pelo mascarado. Desde o caráter devocional, movido pela fé em um milagre, até o uso de máscaras pelos palhaços e sua função cômica, as Folias de Reis e suas ambivalências em torno do sagrado e do profano são elementos de estabilidade social e de distensão das crises.

Para retomar a ideia central deste trabalho, cuja premissa é de que a devoção, estreitamente ligada às necessidades concretas do cotidiano, motiva a realização das Folias de Reis na Serra da Canastra, um depoimento do folião Zé Rosena vale ser citado: “participo porque tenho muita fé com os Três Reis Santos, São José e Santa Maria. Às vezes faço um pedido pra eles e sou atendido. E tem também a alegria de estar junto com os amigos na Companhia”. Sua declaração certamente coincide com a de outros foliões, de recantos diversos do Brasil. É também muito similar a do saudoso Zé Vitor, anteriormente citada.

Distante muitos quilômetros, estando um no sopé da Serra da Canastra e outro na cimeira do Chapadão da Babilônia, separados por um vale de montanhas cuja vastidão assombrou até mesmo o experiente viajante August Saint-Hilaire<sup>24</sup>, estes dois foliões estão muito próximos nas motivações por que participaram tantos anos de uma Companhia. Deste modo, Folias de Reis são exemplos de grupos devocionais do catolicismo não institucionalizado (de leigos) que, como tal, está focado no pragmatismo do milagre e, em muitos casos, é acusado de caminhar pelos domínios dos sortilégios e da magia (SOARES, 2007).

A maioria dos entrevistados começou em uma Companhia de Reis quando menino e, se ainda não morreu, certamente morrerá folião. Esta identidade que eles mesmos reconhecem ter com a Companhia de Reis garante, além da vivência religiosa, sociabilidade, compadrio, espaço criativo e partilha da memória individual e coletiva. Conseguir tal feito, é muito por recordar uma história tão antiga quanto sagrada, partilhada tanto no espaço simbólico da fé, quanto no concreto da festa. Recorda também os lugares, as datas, as pessoas que morreram, as comidas, as rezas, as cantigas, os versos e o enredo. Com isso, a memória coletiva se firma

<sup>24</sup> “Dali pude descortinar a mais vasta extensão de terras que meus olhos já viram desde que nasci. (...) O Chapadão é totalmente despovoado e sem cultivo”. (Saint-Hilaire, 1975, p. 107-108)

e a memória individual se afirma numa dinâmica de recordação contínua da história enquanto tempo vivido e cultura arraigada. A Folia de Reis pode ser considerada mais que uma riqueza cultural; sendo um elemento de coesão social e de preservação da memória individual e coletiva.

Por meio da festa, o contato entre homens e divindades, sendo quase pessoal, é marcado pela intimidade, pelo sentimento de pertencimento e pelo imediatismo. No catolicismo não institucionalizado, vivenciado nas experiências de Folias de Reis, Deus e os Santos são vistos como os construtores e garantidores da ordem cósmica que rege as relações dos homens entre si (ZALUAR, 1983, p. 123).

Tratando-se de uma religião em que a circulação de dádivas alimenta não só um sistema de trocas entre homens, mas também entre estes e os santos, o catolicismo festivo é rico em narrativas e símbolos que revelam conceitos nem sempre coerentes, ao passo que agrega elementos contraditórios, entretanto, complementares. A começar pela relação entre humanos e santidades, oposição que, dentro de uma Folia de Reis, torna-se dialógica.

O pertencimento do devoto com relação ao santo e, por que não dizer, do santo com relação ao devoto, cria uma relação baseada na fidelidade, na qual identificamos a ordenação do conhecimento, a construção da memória e a coesão social. A intensidade das demonstrações de afeto dos devotos e foliões para com os santos e a Bandeira retrata uma vivência de catolicismo peculiar, em que a afetividade e a entrega física e espiritual geram seus produtos próprios e dinamizam as trocas.

## 6 Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo de. *A Igreja Universal e seus demônios*. 1ª edição, São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- AZZI, Riolando. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.
- . *Elementos para a História do Catolicismo popular*. Revista Eclesiástica Brasileira, n. 36, f. 141, 1976.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4ª edição, tradução de Yara Frateschi Vieira: Universidade de Brasília, São Paulo, 1999.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Ed Martins Fontes, 2001.
- BIBLIA. Ave Maria. 99ª edição, São Paulo: Claretiana, 1995.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1980.
- . *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e em Minas Gerais*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.
- . *O Ardil da Ordem*. Campinas: Papyrus, 1983.
- . *Casa de Escola*. 2ª edição, Campinas: Papyrus, 1984.
- . *A Festa do Santo de Pret*. Instituto Nacional do Folclore. Goiânia: Editora UFGO, 1985.
- . *Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.
- . *O ardil da ordem: caminhos e armadilhas da educação popular*. Campinas: Ed. Papyrus, 1985.
- . *O Afeto da Terra*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- . *O quê é folclore*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.
- BRANTES, Eloísa. A espetacularidade da performance ritual no Reisado do Mulungu (Chapada Diamantina – Bahia). *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, v.27, n.1, Julho 2007.
- BURKE, Peter. *A cultura popular da Idade Moderna (1500-1800)*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. 9ª edição, São Paulo: Editora 34, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Ed. Global, 2001.
- CEZAR, Lilian Sagio. *O velado e o revelado: imagens da Festa da Congada*. São Paulo: USP, 2010. Tese – Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo em 2010.



FAUSTINO, Evandro. *O Renitente Catolicismo Popular*. São Paulo: USP, 1996. 2 volumes. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em história. Universidade de São Paulo, 1996.

FERNANDES, R. C. *Os cavaleiros do Bom Jesus. Uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 8ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

GAETÁ, M. A. Junqueira Veiga. A Cultura Clerical e a folia popular. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, V. 17, n. 34, 1997.

GASPAR, Eneida D. *Guia de religiões populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2002.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ; KANTOR. *Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa*. V.2, São Paulo: Hucitec, 2001.

HARTMANN, Luciana. *Performance e experiência nas narrativas orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, p.125-153, julho/dezembro 2005.

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In: (vários autores) *Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

KLOETZEL, Kurt. *O que é Superstição*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do eu”. In: *Sociologia e Antropologia*. v.1, São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

———. “Ensaio Sobre a Dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MESQUITA, Claudia Cardoso. *Deus está no particular. Representações da experiência religiosa em dois documentários brasileiros contemporâneos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. Tese – Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo em 2006.

MONTES, Maria Lucia. “As figuras do sagrado: entre o público e o privado”. In *Historia da Vida Privada no Brasil*, V. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é Benzeção*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

PEREIRA, José Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. *Revista de Estudos da Religião*, n. 3, p. 67-98, 2003.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O campesinato Brasileiro. Ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

PRADO, Regina de Paula Santos. *Todo Ano Tem*. Rio de Janeiro: Mimeografado -Museu Nacional, 1977.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992.

ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. 5ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio Francisco*, São Paulo: Edusp, 1975.

SILVA, Cândido da Costa. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ed. Ática, 1982.

SOARES, Hugo Ricardo. *A produção social do Santo: um estudo do processo de beatificação do Padre Rodolfo Komórek*. Campinas: Universidade de Campinas, 2007. Dissertação - Programa de Pós-Graduação da Universidade de Campinas, 2007.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. In: Victor Vincent Valla (org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no Século XIX: A Reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1983.